

DIREITOS HUMANOS, GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

DIÁRIOS & EXPERIÊNCIAS

DIVERSIDADES CULTURAIS

vivências e histórias de vidas na educação básica

ORGANIZADORES

Andrea Paula dos Santos Oliveira Kamensky

José Carlos Sebe Bom Meihy

EDITORA
pontocom

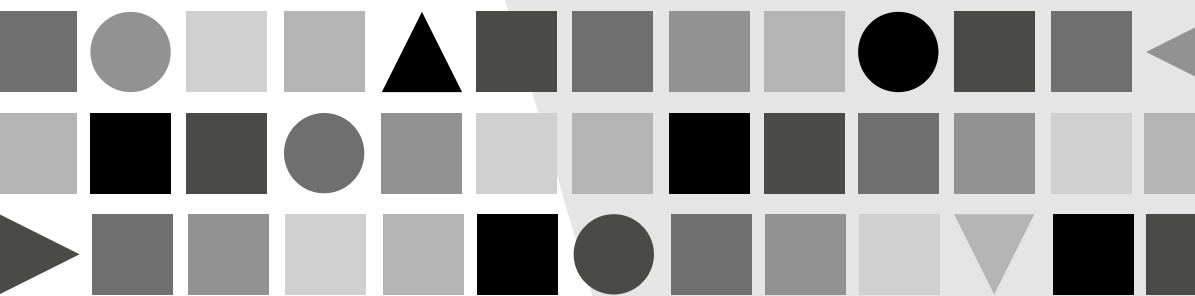
DIREITOS HUMANOS, GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

DIÁRIOS & EXPERIÊNCIAS

DIVERSIDADES CULTURAIS

Baixe gratuitamente todos os livros da Editora Pontocom no site
www.editorapontocom.com.br

DIREITOS HUMANOS, GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA



DIÁRIOS & EXPERIÊNCIAS **DIVERSIDADES CULTURAIS**

vivências e histórias de vidas na educação básica

ORGANIZADORES

Andrea Paula dos Santos Oliveira Kamensky
José Carlos Sebe Bom Meihy

EDITORA
pontocom



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-
-NãoComercial 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

D526 Diários & experiências: diversidades culturais: vivências e histórias
1.ed. de vidas na educação básica / org. Andrea Paula dos Santos
Kamensky, José Carlos Sebe Bom Meihy. – 1.ed. – São Paulo:
Editora Pontocom, 2016.

Recurso digital

Formato: pdf

Requisitos do sistema: adoble digital editons

Modo de acesso: Word wide web

ISBN: 978-85-66048-77-3

1.Direitos humanos. 2. Diversidade cultural - gênero. 3. Educação
básica. I. Meihy, José Carlos Sebe Bom. II. Título.

CDD 323

Índice para catálogo sistemático:

1. Direitos humanos

323

Projeto gráfico e capa: Isabela A. T. Veras

Preparação de conteúdo: Marcia Borges

Revisão: Nora Augusta Corrêa

Diagramação: Fabricando Ideias

Produção Digital: HM Editorial e Digital: Guilherme H. Martins Salvador

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



PREFEITURA DE
SÃO PAULO

FNDE
Fundo Nacional
de Desenvolvimento
da Educação



Agradecimentos

A criação da Série Direitos Humanos, Gênero e Diversidade na Escola partiu do sucesso do projeto Gênero e Diversidade na Escola (GDE UFABC) que, por sua vez, só foi possível graças ao apoio, à colaboração e confiança de muitas pessoas que ajudaram a torná-lo uma realidade. Por isso, fazemos questão de registrar aqui nossos agradecimentos. Consideramos essencial agradecer, em primeiro lugar, a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania do Município de São Paulo, na figura de Jonas Waks, então coordenador adjunto de Educação em Direitos Humanos. A partir de seu contato - em virtude de já ter sido coordenadora do GDE no Paraná (UEPG/SED-PR) - mobilizamos as parcerias entre a Prefeitura de São Paulo, a Universidade Federal do ABC e o Ministério da Educação, que possibilitaram a existência do projeto GDE UFABC. Sua liderança, participação e entusiasmo foram fundamentais para a concretização deste trabalho, que se integrou à política municipal de formação docente nas temáticas dos Direitos Humanos, entre os anos de 2013 e 2016, ofertando milhares de vagas em cursos de extensão e pós-graduação para a rede municipal de ensino, juntamente com a UNIFESP e a UFSCar. A UFABC, por meio dessa parceria, ofertou mil vagas, tanto pelo GDE quanto pelo projeto Educação em Direitos Humanos (EDH), criado no mesmo contexto de negociação, para o qual posteriormente foram convidados a coordenar Ana Maria Dietrich e José Blanes Sala. Nessa construção coletiva, especial foi também o apoio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI e sua equipe - Alexandre Bortolini, Daiane O. L. Andrade, Daniel A. Martins e Fábio M. H. Castro - para estruturar e executar o GDE UFABC no âmbito da política pública nacional de educação em Direitos Humanos e para que transcorresse com os devidos recursos e prazos, formando centenas de cursistas, constituindo-se numa das maiores experiências de formação docente continuada do Brasil.

Acreditamos nesta iniciativa como sendo histórica e de valor inestimável, considerando o impacto muito expressivo na formação de centenas de educadores/as que pudemos acompanhar diretamente em oito polos da Rede UniCEU das quatro regiões da cidade. Por isso, queremos agradecer também às equipes dos polos UAB/UniCEU que nos acolheram com tanto carinho e entusiasmo, nossos principais parceiros na mobilização e na interlocução com as populações locais. São eles e elas: Zilda Borges da Silva, do CEU Azul da Cor do Mar; Paulo Roberto R. Simões, Fátima Massara, Sebastião Arsani, Rita de Cássia N. Rossingnolli e André Santana, do CEU São Mateus; Maria Elza Araujo e Maria do Socorro L. Fernandes, do CEU São Rafael; Eliana M. Lorieri, do CEU Perus; Rosana de Souza e Ana Paula P. Gomes, do CEU Paraísopolis; Marcelo Costa e Beatriz Rodgher, do CEU Navegantes, Luciene B. Veríssimo, do CEU Vila do Sol; e Adriana de Cássia Moreira e Naíme Silva, do CEU Butantã.

À equipe gestora da Universidade Federal do ABC, nosso profundo agradecimento, especialmente na figura da Profa. Dra. Virgínia Cardia Cardoso, coordenadora do Comitê Gestor Institucional de Formação Inicial e Continuada de Profissionais da Educação Básica - COMFOR, sobretudo quanto à mediação da obtenção e gestão dos recursos financeiros, pessoais e pedagógicos junto à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC), e Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD). Por isso, agradecemos também aos respectivos pró-reitores, Daniel Pansarelli e Adalberto de Azevedo (PROEC) e José Fernando Q. Rey e Paula Tiba (PROGRAD), Lucia Franco (UAB), bem como aos/as técnicos/as administrativos/as: Eduar-

do S. Ré, Jussara Ramos, Kelly Gomes, Lídia Pancev, Lilian Menezes, Marcelo Alecsander, Marcelo Schiavo, Raíl Ribeiro e Sandra Trevisan. Agradecemos igualmente ao trabalho da equipe da Fundação de Apoio à Pesquisa - FUNDEP, responsável pela gestão dos recursos financeiros do nosso projeto: Fabiana Barcelos, Fabiano Siqueira, Ana Rita Melo, Marilene Fernandes, entre outros que nos atenderam. Um agradecimento profundo ao Reitor, Prof. Dr. Klaus Kapelle, que nos incentivou logo na abertura oficial da política de formação docente, no Teatro Municipal de São Paulo, afirmando para milhares de pessoas ali presentes: “Somos uma universidade que respeita, incentiva, divulga e ensina Direitos Humanos. Portanto, nada mais natural do que ensinarmos Direitos Humanos.”

Agradecemos muito especialmente à equipe do projeto que desenvolveu um trabalho maravilhoso, superando as dificuldades de forma entusiasmada e companheira. Foram eles a formadora Gianne A. Barroso, bem como os/as tutores/as a distância: Ana Sueling A. Diniz, Ana Gisele V. Vale, Adriana G. de Paula, Adriana S. Morgado, Alessandra Di Benedetto, Aline B. Sant’Ana, Andrea G. Trindade, Emerson Costa, Everton A. T. de Godoi, Fernando V. L. Pereira, Luana Matias, Lucelia L. de Jesus, Marcia C. dos Santos, Mariana T. Faustino, Marinete T. C. Silva, Marta Miriam A. Santos, Mary Jane B. da Silva, Renata Coelho, Rute M. dos Santos e Valdinar L. Bezerra. Gratidão eterna à Taís R. Tesser e Wanderley F. Santana da Silva, tutor e tutora voluntário/a e, sobretudo, ao tutor presencial João Reynaldo Pires Junior, que trabalharam incansável e comprometidamente neste projeto. Parceria, solidariedade, coragem e dedicação foi um pouco do que aprendemos juntos, base sólida a sedimentar nossa amizade por toda a vida.

Nosso agradecimento aos/às autores/as, especialmente ao Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy (Diversitas - NEHO/USP e UNIGRANRIO), que co-organizou e apresentou vários livros, contribuindo inestimavelmente com sua experiência de trabalho. O mesmo agradecimento sincero aos/às professores/as pesquisadores/as do projeto que se dedicaram a essa jornada: Evonir Albrecht, Graciela Oliver, Monique Hulshof, Suzana Ribeiro e Wagner Cremonesi. Não podemos nos esquecer de agradecer a equipe editorial, liderada por Isabela Teles Veras e Márcia Borges, que abraçaram a ideia e foram fundo na tarefa de mobilizar todos os recursos para que fossem concretizados estes livros. Gratidão infinita à Livraria Alpharrabio, espaço cultural e afetivo, onde desenvolvemos nosso trabalho editorial, acolhidas por livros e principalmente por pessoas amigas que amamos e admiramos, Dalila Teles Veras, Luzia Maninha Teles Veras e Eliane Ferro. Um agradecimento fraterno e entusiasmado à nossa Editora Pontocom e à parceria e disponibilidade do editor André Gattaz, com quem sempre pudemos contar.

Por último, agradecemos todas as centenas de pessoas que foram cursistas do GDE UFABC e, como forma de gratidão maior, esperamos que cada colaborador/a tenha vivido momentos especiais de sensibilidade e transformação em relação aos temas de nosso projeto. Tomara que nossa rede, criada nos espaços educativos dos CEUs, nas fronteiras da periferia com as regiões metropolitanas de São Paulo, se amplie cada vez mais! Esse trabalho é dedicado a minha família e a vocês que contribuíram com pesquisas, saberes e experiências, dando à nossa caminhada conjunta o verdadeiro valor da palavra colaboração, imprescindível para nossas temáticas em tempos difíceis, de muitas lutas e, principalmente de, defesa e ampliação dos direitos conquistados.

Andrea Paula dos Santos Oliveira Kamensky
Coordenadora do projeto Gênero e Diversidade na Escola UFABC

Apresentação

Muito tem sido escrito sobre diversidade. Aliás, nem se faz importante indagar sobre as razões, pois de tão expostas, sabe-se que esse é, dos temas atuais, um dos que mais desafiam o entendimento plural e democrático. Inerente a esse debate, pessoas individualmente, grupos, instituições, buscam se requalificar num movimento que desafia o convívio e a ordem tradicional em todos os níveis. As abordagens das formas de tratamento da diversidade são tão plurais como ela própria, mas é preciso furar o bloqueio da constatação e pensar criticamente nos critérios de seu uso. E é sabido que se trata de um termo que tem suas perversidades, pois tanto se inscreve no círculo fechado da organização identitária como, pelo reverso, reclama o direito à singularidade. No complexo jogo da igualdade desejada X diferença singularizadora, reside o coração do debate. O entendimento dessas relações implica, antes de mais nada, tratamento complexo ao tema.

Historicamente, cabe vincular o uso do termo diversidade ao movimento que caracteriza a globalização que, em últimas palavras, demanda o favorecimento de um mercado de consumidores que tenham padrão de vida aproximado, menos discriminatório. Não se trata, pois, de conquista humanitária genuína, autônoma e independente, ou de algo generoso ou espontâneo. Nem é só harmônico com o favorecimento de ditas “minorias” ou grupos marginalizados. Antes de tudo, é importante lembrar que interessa ao grande capital ter mercados ampliados, consumidores potentes que tenham o trato nivelado, pois, afinal, o dinheiro de todos vale para o comércio de bens que sistematizam as sociedades industriais. Por certo, este mandamento do mundo econômico exige fundamentação teórica e isso mobiliza pensadores, políticos e profissionais de várias áreas. E tudo deve ser feito com engenho e arte porque não seria aceitável que não houvesse uma base teórica, humanística, suportando tais atitudes bandidas. Portanto, não é cabível pensar ingenuamente as conquistas dos direitos humanos, como se fossem avanços independentes do mercado capitalista.

A par das propostas que defendem interesses materiais, contudo, há um outro mundo pensante que tem aprendido a dialogar com o mandonismo de mercado. Sim, há um clamor que, *de baixo para cima*, ative mudanças, mas numa outra chave. Traçando à baila as lutas em favor de mudanças no tratamento de “raças”/etnias, credos, gêneros, orientações sexuais, o apelo de grupos que padecem tais rebaixamentos aprende a se aproveitar do impulso para emergir com suas razões e impor seus valo-



res. Num jogo dialético, com base na exemplificação da vida cotidiana, se dá uma articulação promotora de um vaivém de trocas que, afinal, resulta em mudanças. Lentas mudanças, mas alterações fecundas para os chamados “desvalidos”. Fala-se, portanto, de uma espécie de “guerra”, de lutas que se fazem em palavras e que se orientam em arenas: imprensa, escolas, igrejas, foros sociais. É na direção de mudanças que se conclui pela defesa de direitos humanos e na direção de garantia de conquistas sociais e aperfeiçoamento do movimento democrático.

Pensando nas duas faces da mesma moeda, aprende-se que a diversidade é uma constante construção social que, definida, precisa ser garantida por leis, decretos, normas. Os tijolos que amparam conquistas se nutrem de argumentos que se fazem na prática da vida, um a um, constituídos da mesma argamassa, sempre misturada com injustiça e dor social. Uma primeira garantia é que a diversidade é humana, inerente à vida em todas suas dimensões, mas isto não significa hierarquia de direitos ou explica a (i)lógica da exclusão. Nascemos singulares em nossas espécies, únicos, e vamos progressivamente nos diferenciando segundo produtos de cada cultura. A pluralidade que é em si um dado da complexa realidade, contudo, ao longo da vida, quando se constitui em ameaça, amedronta indivíduos que enxergam o outro como opositor. É nesse embate que se dá a definição do “outro” como diferente, desigual e de fora. Ao definirmos pessoas ou atitudes como “estranhas”, mensura-se com parâmetros ameaçadores aos estabelecidos e, para os grupos dominantes, qualquer alteração é sempre subversiva. O fascinante nessas contendas é que, graças aos processos históricos e culturais desenvolvidos, hoje pode-se pensar menos em embates de força e mais em pactos. Mas são discursos compostos, contraditórios, ambíguos, complexos, plenos de argumentos, que merecem cuidado.

Segundo tal andamento, um primeiro termo se apresenta como problemático para o debate sobre a diversidade: tolerância. Vindo do latim “*tolerare*”, equivale a uma atitude condescendente, a “suportar”, “acolher”, “aceitar”. O tratamento da diversidade exige menos indulgência e mais equiparação em termos de equidade de direitos afeitos à complexidade da condição humana. A quebra da verticalidade e o acatamento da horizontalidade com equidade é o grande exercício que legitima a diversidade. Somos simultaneamente, paradoxalmente iguais, como espécie humana, constituídos por nossas singularidades e, perante a lei, cabe a consideração equânime e justa das pluralidades culturais, psicológicas, biológicas, religiosas, étnicas, linguísticas com vistas à compreensão e ao aprendizado com as diversidades como expressão coletiva de respeito, este não mais restrito à simples tolerância do “outro”.

O esforço contido neste volume diz respeito a conhecer uma multiplicidade de percepções sobre a temática das diversidades, a partir da justaposição de narrativas au-



tobiográficas de cursistas da formação docente em Gênero e Diversidade na Escola (GDE UFABC), feitas em diários que dialogam com o Eixo Temático Diversidade, um dos quatro disponibilizados na plataforma digital de Educação a Distância (EaD), que buscou compreender a realidade local a partir da interseccionalidade (na definição proposta por Kimberle Crenshaw, mulher negra feminista) desta temática com outras categorias de análise, tais como gênero, sexualidade e relações étnico-raciais, entre outras.

Aqui emergem vivências na educação básica com histórias de vida e experiências singulares e coletivas de pessoas (cujos nomes foram trocados para garantir o anonimato) que trabalham na educação básica nas periferias da cidade de São Paulo e das regiões metropolitanas. Periferias que precisam tomar centralidade porque são constitutivas de micropolíticas das diversidades complexas, plurais, híbridas, contraditórias, ambíguas, que existem nas fronteiras e nos deslocamentos. Apresentam a todos nós o desafio de dar continuidade e de criar novas políticas públicas educacionais e culturais atentas às diversidades não apenas em suas formulações teóricas, mas em novas metodologias e práticas que não busquem a simples homogeneização impossível de processos educativos e das propostas de projetos e ações para tentar dar conta dos conflitos e das desigualdades historicamente existentes na sociedade brasileira.

Para abrir as reflexões deste volume da Série Direitos Humanos, Gênero e Diversidade na Escola, encerramos esta breve apresentação com um diário de uma participante do GDE, realizado como curso livre em decorrência da oferta nos Centros Educacionais Unificados (CEUs) da Prefeitura de São Paulo, na IV Edição da Campanha Quem Ama Abraça, da Secretaria de Políticas para Mulheres de Santo André:

“Definimos o diferente a partir de nós mesmas/os’. Como menina negra, de cabelo ‘juba de leão’, fora do padrão de beleza e principalmente de feminilidade, posso dizer que sempre me senti diferente em relação aos outros e às outras. A diferente era eu. Isto sempre ficou nítido, pois, por mais que tentasse me sentir parte do mundo, aqueles que deveriam ser os ‘outros’ sempre me mostraram que o ‘outro’ sou eu. Que o normal é ter cabelo liso, pele branca ‘de verdade’, corpo magro, porém com curvas, dedos finos e compridos, delicadeza e pele macia.

O que é cidadania? Aprendemos na licenciatura que a educação está baseada em documentos que colocam como objetivo maior a formação de cidadãos e cidadãs. Mas como pode todo um sistema de ensino estar baseado em uma palavra tão ampla, vazia e cheia de significados ao mesmo tempo? É preciso discutir o que isto significa. Na ditadura militar, cidadania era estar de acordo com o que prega a Educação Moral e Cívica. E estes ideais ainda estão presentes na cabeça daqueles/as que, ainda que não verbalizem com estes termos, vivem e defendem a cultura



‘de bem’, da família, moral e dos bons costumes. Por que ser feminino é ‘mau’? Porque homens sabem, ainda que não verbalizem, que feminilidade é a opressão que chamam de gênero e nos fazem crer que é bonito. ‘Pode ser feminista, desde que não perca a feminilidade, desde que continue exercendo sua sexualidade (e com homens)’.

...

“O que é diversidade? Qual sua relação com a moralidade? Quero dizer: devemos respeitar qualquer cultura? Devemos considerar mera manifestação cultural toda prática, ainda que violenta algum grupo estruturalmente oprimido? Funk proibidão, mutilação genital, burca, casamento, pedofilia, lua de mel, salto alto. Está tudo no mesmo patamar? Até que ponto a violência pode ou deve ser relevada em nome da diversidade cultural?

Diversidade às vezes me soa como uma palavra ingrata.

Diverso = diferente. O diferente é sempre o ‘outro’ em relação a algo. E este algo é o ‘normal’. Afirmar a diferença pode ser controverso. A diferença é uma anomalia frente à normalidade? Para afirmar a diferença é preciso afirmar a normalidade. E esta muitas vezes não é a maioria. É preciso entender, portanto: o que define a normalidade? Quais são os critérios para o normal? QUEM tem o PODER de definir o que é diferente?”

(Li Ribant, “Meu Diário sobre Diversidades”, IV Edição da Campanha Quem Ama Abraça - GDE Santo André)

O diário com as experiências e as perguntas contidas na história de vida dessa educadora, uma jovem mulher negra da periferia da região metropolitana de São Paulo, nos instiga e nos leva a crer em outras perspectivas teóricas e metodológicas, que reconhecem subjetividades e favorecem a construção de autoconhecimento e de novos conhecimentos em meio às complexidades da realidade contemporânea, e que ganham urgência não apenas para a compreensão não homogênea e plural dos sentidos possíveis das diversidades. São urgentes principalmente porque guardam enormes possibilidades de transformação e ressignificação de cada sujeito que tiver coragem e ousadia, nos termos de Paulo Freire, para combater preconceitos históricos e reinventar seu próprio cotidiano...

Andrea Paula dos Santos Oliveira Kamensky

Professora Dra. da UFABC, Coordenadora do Projeto Gênero e Diversidade na Escola (GDE UFABC), Professora Pesquisadora do Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência - CESIMA/PUC-SP e do Núcleo de Estudos em História Oral - NEHO/USP

José Carlos Sebe Bom Meihy

Professor Dr. aposentado do Departamento de História da USP, Professor da Unigranrio, Professor Pesquisador do Diversitas/USP e Coordenador do Núcleo de Estudos em História Oral - NEHO/USP.

Legendas



alteridade



bullying



cidadania/ colaboração/
comunidade



criança



cultura



deficiência



desigualdade



diferenças/ diversidade



direitos humanos



discriminação



educação



estereótipo



etnocentrismo



família



feminismo



gênero



identidade



igualdade



inclusão/exclusão



indígena



maioria/ minoria



migrante/imigrante



multiculturalismo



origem



periferia



pluralidade



preconceito



racismo



religião



representatividade



sexualidades



tolerância / respeito



valores



violência



xenofobia



Com relação à diversidade, filha de pais nordestinos e casada com um mineiro, já ouvi piadas e comentários preconceituosos os quais sempre rebati com firmeza. Entretanto, a minha experiência mais marcante não foi relacionada a qualquer uma dessas situações

Tenho alguns amigos homossexuais. Estava conversando com um deles e, sabendo que sua mãe é extremamente religiosa, perguntei-lhe qual foi a reação dela ao descobrir que ele é gay. Disse-me que ela ficou chocada e por um tempo deixou de falar com ele. Em seguida, virou-se e perguntou: E se fosse o seu filho? O que você faria?

Sem pensar muito, respondi: Ficaria triste, em princípio. Assim como ficaria triste se tivesse um filho deficiente físico ou mental. A sociedade é muito cruel com quem é diferente. Não queria que ele sofresse. Mas eu iria amá-lo e educá-lo para ser uma pessoa honesta, trabalhadora, decente. Para mim, o importante é o caráter, não as diferenças.

Foi a primeira vez que pensei nessa possibilidade, mas o meu amor de mãe é tão grande que a minha atitude não seria outra. Tenho certeza.

Adele _____





A minha experiência em relação à diversidade cultural foi bastante interessante, pois nasci na Bahia e vim para São Paulo aos 10 anos. Logo na escola senti as diferenças em relação à linguagem e ao comportamento entre os colegas, principalmente no Carnaval e Festa Junina, pois lá na Bahia essas festas populares são muito mais intensas. Acredito que na escola se possa fazer um projeto com os alunos para o resgate da diversidade cultural familiar, pois muitos deles vieram de regiões diversas do Brasil. Com a leitura dos textos e materiais disponíveis na aula pude perceber como as diversidades foram vistas ao longo dos tempos e como isso afetou a vida e a história de muitas pessoas, países e a humanidade.

Realmente o tema diversidade é muito complexo. Eu acreditava na denominação dos gêneros masculino e feminino, e sentia a mesma coisa também em denominações ligadas a algumas questões étnico-raciais e religiosas. Porém com as leituras e ao assistir aos vídeos fui percebendo que existem muitas outras questões.

Trabalhei durante 11 anos em empresas privadas (fábricas, escritórios e banco) e durante esses anos passei e presenciei muitas situações envolvendo preconceitos. Entretanto, foi na área da educação, em que estou há 20 anos, que realmente presenciei as mais diversas formas de preconceitos, uma vez que mantenho contato direto com pessoas jovens e adolescentes que estão em processo de formação física e psicológica, e são ou estão vulneráveis a todo tipo de informações e ações. Ao longo da minha vida acadêmica, participei de vários cursos bem variados (letras, artes, psicopedagogia, arteterapia, pedagogia e extensões diversas), que me permitiram ter uma visão e compreensão bem diversas das do meu trabalho. Antes dessa formação acreditava que sabia bastante sobre as “diversidades”, porém o curso Gênero e Diversidade na Escola da UFABC me fez perceber que “nada sabia”, em função das tantas informações que tive ao longo dos encontros, incluindo o contato proporcionado pelos materiais disponibilizados e sugeridos como os textos, vídeos, depoimentos. Porém, foi na questão de gênero que mais descobri coisas novas e está sendo muito bom para minha vida pessoal e mais ainda no campo profissional. Interessante foi que pude acrescentar informações e pesquisas aos projetos já realizados na escola como professor. Pretendo dar continuidade aos estudos e pesquisas sobre o tema diversidades.



Abel



Sou professora da rede municipal da cidade de São Paulo, em escola pública e de periferia, envolvida nas relações pessoais e sociais da comunidade escolar, e a maior parte da minha vida, nestes quase 16 anos, sempre testemunhei situações absurdas nas relações interpessoais envolvendo todos os agentes do processo, principalmente com relação às questões raciais e de gênero.

Poderia classificar essas situações conflituosas como sendo completamente aceitáveis e coerentes, uma vez que se trata de um grupo social em constante efervescência como é a escola. Mas não podemos equiparar questões como conflitos e opiniões divergentes com preconceito, segregação, homofobia e reprodução das ditaduras de gênero.

Sempre me incomodou esse silêncio da escola com relação ao trato com as perseguições, as humilhações, constrangimentos e violência sofridos. Esse incômodo ao não se falar sobre. Ignorar os agentes deste processo e seguir com as atividades escolares, as rotinas, sem parar para discutir as questões que todos vivem dentro da escola. Raramente a escola fala sobre a identidade, a ancestralidade, a sexualidade. Não se discute a violência, as questões de gênero.

A escola que eu vivo não incentiva situações e ações positivas para promover e valorizar a autoestima das crianças negras.

Adelaide _____





Trato aqui de uma questão colocada no fórum de discussões: Devemos discutir a questão da diversidade cultural em nossas escolas? Por quê?

Atualmente procuro desligar-me de concepções anteriores acerca da diversidade cultural, mas não é fácil mudar de opinião. Sempre tive como certa minha opinião. Como professora, observo em meus alunos o preconceito e a discriminação e, apesar de serem crianças entre 4 e 5 anos, essa situação é visível. Um de meus alunos se porta em muitas situações como menina, querendo sempre brincar com elas e nunca com os meninos. Já trouxe para a sala de aula até batom para usar; enquanto os outros meninos fazem críticas ao comportamento do coleguinha. Uma vez que esse comportamento foge ao padrão idealizado pela sociedade, frequentemente converso com meus pequenos e passo a concepção de que comportamentos que fogem ao padrão idealizado pela sociedade devem ser respeitados e não hostilizados. Apesar de sempre estar conversando sobre a questão da diversidade com meus alunos, seus familiares passam suas concepções para os pequenos e estes por muitas vezes ficam confusos, pois a professora orienta e incentiva o respeito à diversidade e a família critica o comportamento diferenciado do padrão social. Se nosso papel como professores tivesse a importância devida, muitos alunos já teriam mais consciência do respeito ao próximo e a diversidade de sua cultura.



Agnes



Sendo a escola a segunda instituição social na qual somos inseridxs, depois da família, revisei meus momentos em que na escola debochavam de outras culturas, principalmente da minha, árabe, julgando-as negativamente. Isso faz com que neguemos a nossa própria origem. Confesso que assim já fiz, por um tempo. Mais do que reconhecer, é preciso encarar o fato de que nas escolas isso não é combatido. Apenas há a reprodução implícita e às vezes até explícita dos modelos estabelecidos, aos quais devemos seguir como corretos, assim como foi a minha formação na educação básica.

Com as leituras e reflexões a partir das propostas do curso pude compreender não só sobre os temas, mas também fazer conexões com a prática na sala de aula. Dessa forma, percebo que algumas posturas são inadequadas e devem ser desconstruídas e reconstruídas, pois a educação tem esse movimento de acompanhar as mudanças e necessidades, não só dos nossos alunos mas também das sociedades em geral.

Achei interessante, neste curso, a prática da escrita do diário, onde revisitamos situações passadas para analisá-las, com base na fundamentação teórica. Assim o conteúdo torna-se muito significativo, não sendo algo solto. Tais análises nos levam a uma construção de conceitos que permitem um trabalho educativo mais consciente.





Minha mãe casou-se com homem branco e veio morar na capital de São Paulo. Em Minas Gerais concluiu o ensino fundamental e aqui em São Paulo concluiu o ensino médio, devido a uma exigência do trabalho. Na época trabalhava como ADI (Assistente de Desenvolvimento Infantil) cargo transformado a partir de 2011 em PDI (Professores de Desenvolvimento Infantil). Quando houve a exigência de que todos os profissionais que trabalhavam em creches, como professores, retomassem os estudos, buscando a formação em Pedagogia, infelizmente minha mãe não chegou a iniciar o ensino superior, devido a condições financeiras e também por ter priorizado a educação das filhas. Foi, portanto, desligada da creche onde trabalhou por quase 20 anos. Somos três filhas, duas com graduação em Pedagogia e pós-graduação em Psicopedagogia e uma formada em Psicologia.

Faço esse breve relato para reforçar o valor da educação. Nossa história revela que conseguimos transcender dentro da realidade de família pobre e negra, onde a maior parte da sociedade julga que na favela só tem bandidos e vagabundas.

Diante da minha história e da minha posição atual como professora, reconheço o papel fundamental da escola ao tentar melhorar a sociedade em que vivemos; de encorajar não apenas nossos alunos, mas também as famílias, tão machucadas e desencorajadas, e que muitas vezes, para garantir a educação dos que amam, se privam até do alimento.

Infelizmente essa é a trajetória que a maioria dos negros e pobres acaba percorrendo. Não é fácil, mas precisamos buscar as forças dos nossos ancestrais; de resistir aos ventos contrários.

Aldine





Em relação ao conteúdo relativo à diversidade, eu poderia falar de algumas experiências, mas acho que esse tema tem muito a ver com a minha formação (Ciências Sociais). Tanto no bacharelado quanto na licenciatura, a questão da diversidade cultural foi bastante abordada, especialmente quando discutíamos o conceito de cultura. Esse tema me lembrou uma série chamada “Índios no Brasil”. Conheci essa série durante uma aula da Licenciatura na qual discutíamos o quanto a diversidade não costuma ser abordada na sala de aula. Essa série é muito interessante para tentar desconstruir o preconceito existente em relação aos povos indígenas, mostrando que eles também são diversos, tanto em suas regiões quanto suas crenças, etc. Acredito que, pela minha formação, para mim essa questão se tornou realmente relevante, principalmente pensando nas aulas de Sociologia no ensino médio. Mesmo que eu ainda não exerça a profissão docente, acredito que essa disciplina possa apresentar um espaço importante para abordar essas questões.

Alberta





O conteúdo do curso de aperfeiçoamento “Gênero e Diversidade na Escola” contribuiu de maneira significativa para reflexão acerca do tema. Mesmo tendo sido executado um trabalho consciente, aplicado por meio de projetos e levado para discussão nos momentos de formação docente, ainda assim foi possível perceber o quanto falhamos na nossa prática diária.

Pensar na organização do tempo e espaço, na educação para além dos muros da escola, na integração dos profissionais da educação, das crianças, das famílias, dos agentes da comunidade, através de uma construção coletiva.

Conhecer, discutir e refletir sobre: cultura e diversidade, gênero, sexualidade, racismo, preconceito, desigualdade de gênero e racial, protagonismo infantil... diversidade. Tudo isso possibilitou melhorar a prática e ampliar o olhar, transformando-o num olhar formativo, incorporando a realidade sociocultural do contexto escolar, valorizando o território e as criações culturais.

A reflexão sobre as principais práticas comparadas aos temas abordados, apontou a necessidade de assegurarmos a equidade, adequando o currículo ao que realmente é significativo, dando significado às práticas, criando estratégias de transformação e partindo da problematização para que realmente possa ocorrer o conhecimento.

Alessandra





Sabemos que a escola é uma instituição social, e por isso ela reproduz as construções culturais construídas historicamente. Nesse sentido, a escola é reprodutora e reflexo de padrões sociais, estereótipos, que supervalorizam o homem, de classe média, branco, heterossexual e cristão. Ao conceber uma educação para todas e todos, é preciso combater preconceitos e lutar pela inclusão de todas e todos, de modo que sejam de fato inseridos e inseridas na dinâmica escolar, vejam-se representadas e representados nas mais variadas formas, não como algo emblemático ou exótico, mas em sua especificidade de maneira equitativa.

Uma questão bastante forte nos textos e vídeos apresentados ao longo deste início de curso, foi a questão da representatividade. Esta aula me compeliu a pensar o quão importante é que crianças negras estejam representadas nas histórias infantis, de modo que possam fortalecer sua autoestima, perceber-se como parte igualmente integrante e importante do meio, produtoras de história e de cultura. Diante desta perspectiva, estou buscando novos livros infantis, pois realizo todos os dias uma leitura para minha turma do primeiro ano do ensino fundamental.





Os conteúdos e discussões apresentados ao longo do curso Gênero e Diversidade na Escola mobilizaram-me a refletir, ler e produzir conhecimentos importantes para minha formação continuada. Enquanto professora, a formação a respeito do “organismo social” é uma atribuição importante a todos os educadores, e os temas do curso são urgentes para a consolidação de uma sociedade mais humana, democrática, participativa, equitativa e harmônica.

Falar de diversidades é indispensável ao povo brasileiro. Nesse ponto, os conteúdos trabalhados e as discussões propostas ao longo das aulas foram ótimos, sintetizados, pois mostraram preocupação e fidelidade aos conhecimentos teóricos importantes, o que me permitiu compreender um tanto mais esse assunto que julgo ser importantíssimo para a formação da pessoa humana. Trouxe, enquanto reflexão e expansão das discussões, a obra de Darcy Ribeiro, e coloco, enquanto metáfora da lógica do pesquisador, a “colcha de retalhos”, que diz tanto sobre a constituição étnica/cultural/social/política da gente brasileira.

Amália _____



Ficou perceptível que trabalhar sobre a temática da diversidade é imprescindível em nossas escolas, tendo em vista que é o local onde acontecem as relações sociais e isso precisa ter visibilidade. O Brasil é um país rico em diversidade social, pluralidade cultural, etnias/raça e religião. Não se trata somente de respeitar ou tolerar as diferenças, mas sim de as compreendermos.

Após a leitura da bibliografia desta aula, relembrei várias situações que vivenciei enquanto criança, adolescente e jovem. Sou negra, e isso já foi o motivo de diversos xingamentos, apelidos, piadas e situações vexatórias. Na verdade, minha cor era símbolo de estorvo, de submissão e por aí vai. Ainda não está tão diferente nos dias de hoje. Mas hoje contamos com a proteção da Constituição Federal de 1988, categorizando esses atos como crimes de natureza inafiançável e imprescritível. Então, as pessoas disfarçam mais, são mais discretas.

Portanto, se a discriminação e o preconceito são noções que foram aprendidas, cabe à escola mudar essas noções e formar cidadãos que respeitem e valorizem o próximo, com todas as suas diferenças.

Acredito que a escola atual ainda mantém algumas atitudes e concepções discriminatórias. Podemos ver isso quando não há uma escolha devida do material didático, dando ênfase à primazia de alguns sobre a maioria como, por exemplo, quando implicitamente mostram negros como empregados/escravos e brancos como ricos/abastados. Outros meios de comunicação muitas vezes também não divulgam/contemplam a diversidade. Isso se complica ainda mais quando a escola não se posiciona em relação às situações de discriminação. Portanto, penso que a escola atual está ainda engatinhando no que concerne à propagação da igualdade.

Alexandra _____





O contato com a formação em gênero e diversidade na escola, além de me fazer refletir sobre as minhas práticas em relação a essa temática, também ampliou meu repertório para o trabalho em sala de aula. Mas, talvez, a coisa mais importante proporcionada pelo conteúdo aprendido seja a respeito das relações étnico-raciais, pois foi como percebi que posso lutar pela igualdade racial e pela diversidade. Entretanto, por mais que exercite a empatia, o meu lugar de fala (de mulher branca) sempre será limitado para compreender todos os mecanismos de opressão do racismo. Mesmo muito bem intencionada, eu posso reproduzir o racismo, ou soar racista. Nesse sentido, a representatividade faz toda a diferença.

Eu me dei conta disso quando me reconheci como feminista, a partir de discussões aprofundadas no processo do curso. Um homem pode refletir e lutar pela igualdade de gênero, mas sendo um homem (criado pelo patriarcado), é difícil que ele não reproduza o machismo em diversos níveis. Eu, como mulher, também reconheço a dificuldade extrema de me libertar completamente desta reprodução. Então creio que para um homem, que cresceu em uma posição privilegiada, é algo ainda mais árduo. Por isso, não creio que um homem seja capaz de falar pelas mulheres, elaborar estratégias e políticas que garantam a igualdade de gênero. Ele deve, em primeiro lugar, ouvir e, em seguida, falar com as mulheres, mas não pelas mulheres, em seu lugar.

Apesar das angústias trazidas por essas “novas lentes” também entendi que não podemos nos desculpar pelo que somos. Todas as discussões propostas ao longo do curso foram bastante progressistas, mas, infelizmente, o conjunto da sociedade não o é. Nem por isso, acredito que eu tenha que me (des)culpar por ser progressista, por defender formas de vida e posições a favor da diversidade, da igualdade (em oposição à desigualdade), da justiça social e dos direitos humanos em sua amplitude.

Alice _____





Neste final de semana assisti a um filme que me possibilitou relacioná-lo com os conteúdos que abordamos no eixo “Diversidade Cultural” do curso. A história se passava na periferia francesa – um exemplo de ensino que fica distante da realidade dos alunos. No filme, o professor ensinava de maneira descontextualizada, não valorizando a participação e o aspecto cultural de seus alunos.

Acredito que o professor deve estar sempre atento para aproveitar os conhecimentos que os alunos já possuem para desconstruir preconceitos, mostrar que existem variações de uma mesma língua, sem que isso torne um dialeto melhor do que outro. O professor deve se focar somente no fato da existência de variações, e, além disso, proporcionar o debate e a reflexão crítica sobre o porquê de uma determinada língua ser mais valorizada que outra.

Esse tipo de reflexão impulsiona a necessidade de criação de projetos de intervenção social, projetos que precisam partir de uma situação problema, com propostas para que os alunos pesquisem, busquem, discutam ideias, tragam sugestões, garantindo a interdisciplinaridade através dos projetos.





“Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem; lutar pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize”.

Acho que essa frase de Boaventura de Souza Santos resume a equidade, tão discutida pelos pesquisadores da área da educação e tão necessária nos dias de hoje. Hoje precisamos, como professores, compreender toda a diversidade presente na escola e acolhê-la como um benefício. É necessário saber que cada aluno ou cada aluna aprende de uma forma, dependendo de sua cultura social, de sua constituição física e mental e de suas características individuais.

Ouçô dos meus colegas: “Mas como trabalhar com essa diversidade toda se não aprendi assim?” A resposta é simples: através de cursos como este, e tantos outros disponíveis, é possível rever nossos conceitos e nos instrumentalizar para fazer a diferença com os meninos e meninas que temos sob a nossa responsabilidade profissional diariamente.

Amanda _____





Quando iniciei este curso tive muitas dúvidas do que seria discutido e como seria discutido. Confesso que fiquei muito feliz por ser um curso que me permitia uma oratória de reflexão, longe de cursos que se limitam a questionários e atividades que desejam números mínimos de páginas e citações nas normas ABNT. Não que estas não sejam importantes, mas queria algo que fosse realmente uma discussão. Pesquisei, entrei em grupos no Facebook que já discutem o assunto e pude ver muitos temas sob o olhar de quem vivencia diariamente a discriminação: vi grupos altamente feministas, vi grupos machistas, vi grupos religiosos, vi grupos que ainda não sabiam que linha de pensamento seguir, ouvi relatos reais, ouvi relatos cheios de preconceito, como cheios de amor e dor. Hoje posso dizer que os cursos tradicionais são mais fáceis, porém esse formato me permitiu ir além, me permitiu ver o que o texto queria me comunicar, ler relatos reais. A palestra da Chimamanda me fez ver as mães que vejo diariamente no CEI: algumas trabalhadoras, outras donas de casa, outras para quem o bolsa família é uma necessidade, outras que o usam de muleta, outras usuárias de drogas, outras que não desejam nada além de ficar em casa, ir a bailes funk e ostentar seu corpo e o “ter”. Nessa variedade de mães e mulheres, contra as quais muitas vezes eu tive tanto preconceito, vi uma necessidade emergente de ver a si mesmas, de ver seus papéis como mãe (algumas vezes ausente) e como mulher. Mas como chegar nelas, se fogem das reuniões de pais, fogem da responsabilidade de buscar os filhos com febre, não podem vir à escola pois trabalham longe, possuem horários que não batem com os da unidade escolar, que não desejam compartilhar suas vidas com a escola?

É preciso ir atrás dos seus medos, dos preconceitos obscuros que tanto você esconde de alguns, mas que são tão visíveis a outros. Dependendo de com quem você está falando, se torna comum mostrá-los, e até necessário, para poder pertencer ao grupo. Porém, quando em outro grupo, você tem que se mostrar invisível, como se nunca tivesse vivenciado e propagado aqueles pensamentos e atitudes preconceituosas.

A escola possuirá um papel primordial nessa mudança, e estou aqui dando o primeiro passo e que venham os próximos nesta longa caminhada. Pude, nesta caminhada, colocar relatos reais, adicionar a teoria ao que vivenciei. Ainda hoje temos que conviver com a dificuldade das pessoas em lidar com a diferença, com a perda.





Devemos aprender a lidar com as diferenças, e isso não é tolerar; é muito mais que isso, é respeitar o outro pela sua diferença, pelo que ele é como pessoa. Venho de uma família, onde muitas vezes ouvia as pessoas, os parentes dizerem que não eram preconceituosos. Porém, nas entrelinhas, percebia que a coisa não era bem assim. Quando algo acontecia no trânsito, por exemplo, ouvi algumas vezes alguém dizer: “tinha que ser preto”, como se a cor da pessoa influenciasse sua atitude, seu caráter. As piadinhas surgiram, o deboche surgiu de tias e tios, quando descobriram que um primo nosso (que estava afastado de nosso convívio) havia se declarado homossexual.

Anastácia _____



Eu particularmente não era protagonista nessa época, pois a timidez acabou atrapalhando. Mas depois dos dezessete anos e após muito constrangimento, inclusive no trabalho, aprendi a levantar a cabeça e não aceitar tudo que me era imposto. Aprendi a questionar e me posicionar quando alguma coisa não era do meu agrado e isso me fez muito bem. Não importava o cargo ou a posição que a pessoa ocupava, quando eu tinha razão eu falava pessoalmente até com a dona da empresa e com os colegas de sala também era assim.

Andressa _____





Quando comecei o curso, me deparei com vários conceitos arraigados em mim e que acreditava serem corretos. Mas durante as leituras fui percebendo não só que ainda tenho muitos preconceitos, mas que sofri alguns também durante a minha jornada. É muito difícil olhar para si e perceber que aquilo que você acredita ser convicção não passa de senso comum que reproduzimos por falta de conhecimento.

Durante todas as aulas, ao longo das leituras dos diversos textos e do contato com os vídeos, fui ampliando o meu olhar; fui construindo e reconstruindo conceitos pré-estabelecidos. Na escola onde trabalho ainda não é possível notar padrões de comportamento preconceituoso, pois as crianças são muito pequenas, mas é possível iniciar uma educação livre de todos os preconceitos e concepções erradas da nossa sociedade.



Anete



Nasci em uma família católica, e toquei violão durante alguns anos no coro da igreja. Isso influenciou muito meu pensar, meu agir. Primeiro porque demorei a aceitar minha sexualidade. Depois tive um relacionamento, no qual a religião do meu parceiro era outra, diferente da minha, e que, de certa forma, eu abominava. Estávamos passeando pela Av. Paulista, e ele parou para ver um colar de olho-de-cabra. Foi quando ele me disse que era umbandista. Isso foi a morte para mim, tanto que, na minha ignorância, disse para ele: “ou a sua religião ou eu”. Claro que ele não trocaria a religião dele por nada, então me vi num dilema de aceitar ou não. Depois de uma conversa, ele me levou ao terreiro que frequentava e vi que não era nada do que imaginava, tanto que comecei a frequentar. Acabei tendo problemas com a minha mãe. Outro fator era a família dele. Todos afrodescendentes, com gostos e costumes, que quando comecei a conhecer, respeitar, aceitar, comecei a gostar inclusive. Outras tantas experiências também foram com a cultura dos alunos. Crianças, adolescentes e adultos com culturas das mais diversas, através das quais aprendi a entender e a trabalhar esse tema em minhas aulas.



Ângelo



Eu trabalho em um CEU localizado na periferia da zona leste de SP, local que recebeu imigração massiva de bolivianos. Dessa forma, em meu local de trabalho convivo diariamente com muitos alunos bolivianos, alguns chilenos.

Um dia, por ocasião de um curso de relações étnico-raciais, reuni alguns deles e perguntei como se sentiam aqui no Brasil, se foram bem recebidos, se sentem respeitados, se sentem falta do país de origem, etc. Fiquei contente com as respostas. Disseram-me que gostam muito daqui, que tem mais emprego, que a condição de vida é melhor, que a escola é boa e que têm muitos amigos, respostas essas que se confirmam pela minha observação diária da interação entre os alunos brasileiros e eles.

Pelo fato de eu trabalhar num CEU, que é adaptado também para receber pessoas portadoras de diferentes deficiências, também trabalhamos com esses alunos especiais, que estudam nas salas comuns e interagem com os colegas. É o diferente dentro da sala de aula, que passa a ser visto como normal pelos amigos de classe, que os aceitam bem e ainda mostram-se extremamente solidários no cuidado e na ajuda a essa criança especial.

Nacionalidade diferente e deficiência são bem aceitas nesta minha unidade. Mas em relação à racismo e discriminação por gênero, ainda há o que se trabalhar.

Angélica





Durante as leituras foi possível pensar no meu próprio processo com as diferenças. O primeiro foi o resgate da questão de *bullying* que sofria na escola, que percebi no curso ao fazer parte do grupo de leitura com o tema “Algumas diferenças viram sinônimos de defeitos em relação a um padrão dominante”. A obesidade era aquilo que me colocava no papel do diferente e servia de escárnio aos colegas da sala. Lembro-me que tentava ficar invisível, perto daquele que mexia comigo, e devido à minha timidez também não conseguia me defender.

Esse foi meu processo na fase infantil até chegar à adolescência. Já na adolescência, na minha sala (hoje equivalente ao nono ano), existiam muitas pessoas de diferentes nacionalidades: chineses, japoneses, coreanos, libaneses e, claro, aqueles que, assim como eu e uma grande maioria, nunca tinham pensado sobre essas questões. Somada a isso, havia ainda a questão social referente aos ricos e pobres.

Era escola pública, sala do período da manhã (elite, para a época). Não se falava em afrodescendentes e por isso não havia negros no grupo. Os ricos não se misturavam aos pobres. Coreanos apenas com coreanos, japoneses com japoneses, chineses com chineses. Eu conversava com todos os orientais e aprendia um pouco da cultura de cada um e do porquê não poderem ser amigos.

Em relação aos ricos, eu não tinha acesso a eles, mas já fazia parte da minha história ser isolada por causa do *bullying*. Não existir era melhor do que ser zoada.

Em relação às questões indígenas lembro-me das aulas apenas do quinto ano. Explorados e inocentes, não me lembro de ter ouvido falar mais sobre eles. Muito menos da questão africana como povos na formação brasileira. A valorização do europeu foi o foco do meu aprendizado.





Sou descendente de japoneses, nasci no interior do Paraná, numa cidade pequena. Nessa cidade havia muitos/as japoneses/as, que por muitas vezes não aceitavam que houvesse uma relação muito próxima com os/as brasileiros/as. Desde pequena tinha dificuldades em aceitar as regras e normas que esses grupos orientais determinavam. Sentia-me mal, não queria escolher um lado, mas ao mesmo tempo não me sentia pertencente a nenhum deles, nem japonesa e nem brasileira. Minha mãe sempre cobrava uma postura de filha obediente, que não discutisse, pois a fala era somente dos homens mais velhos.

Já na adolescência, já morando em São Paulo, achei a adaptação complicada (muitas grades, sensação de medo, aprisionada em casa). Entretanto, as amizades me fizeram sentir melhor, a aceitação no grupo sem imposições e as discussões sobre uma realidade que eu desconhecia quando estava no interior (periferia, condições precárias de vida) me motivaram a pensar além, percebi que a sociedade é um coletivo.

Hoje, ainda tenho muitas discussões sobre etnia e gênero com minha mãe. O que também a fez ampliar o olhar foi o casamento dos filhos dela: se casaram com brasileiras (branca e negra) e a convivência quebrou alguns preconceitos que ela havia adquirido no decorrer da vida. O pré-julgamento, o preconceito estagna o conhecimento e interfere de forma negativa nas relações humanas. É necessário desconstruir as culturas que reforçam esses estereótipos, que reforçam esses diversos preconceitos, e transformá-las. A aceitação da diversidade é essencial a nós. Nos fortalece, nos une e agrega novos valores.

Anita _____



Pois bem, muito se fala da necessidade de se trabalhar as temáticas de direitos humanos em sala de aula, mas observo que os educadores e outros profissionais de ensino não estão devidamente preparados para lidar com esse currículo. Articular esses temas aos conteúdos formais é outro grande desafio sobre o qual o poder público precisa se debruçar.

Anne _____





Refletindo sobre o tema diversidade cultural, e sobre como, mesmo de maneira inconsciente, contribuímos para o preconceito, vou compartilhar uma situação que vivi.

Trabalho em uma escola infantil e uma colega de trabalho, que acumula o cargo de professora em duas escolas, comentou que em uma delas, uma CEI (Centro de Educação Infantil), iria ocorrer uma comemoração dos 30 anos da unidade. Comentou com a coordenadora pedagógica que os colegas de trabalho da outra unidade em que trabalhava haviam realizado uma apresentação de dança afro. A coordenadora se interessou e pediu para que essa professora convidasse o grupo para se apresentar no dia da festa. Assim foi feito. Como nem todos os integrantes da referida apresentação continuavam no quadro de funcionários da escola, a coordenadora da apresentação confirmou a presença dos que permaneceram e estendeu o convite a quem pudesse se interessar para completar o quadro de integrantes.

Eu quis fazer parte da apresentação. O primeiro comentário que ouvi foi:

– “Sério, você?”

E questionei o porquê. A resposta foi:

– “Por nada, é que se trata de dança afro e você não tem nada a ver com dança afro.” Claramente, ficou implícito que o motivo era porque sou branca e estou com o cabelo loiro. Eu respondi para a pessoa que afinal de contas era dança e que eu gostava de dança. Próximo comentário foi:

– “Mas você não vai à igreja?”

Disse que sim. Fui de novo questionada:

– “E pode?”

Disse que podia sim e que não era o fato de dançar que iria me afastar da minha crença. Bom, resumidamente, foi isso que ocorreu.

Antônia





Há no marxismo uma ideia comum de que as lutas de etnia, gênero e geração são, em maior ou menor grau, apenas uma expressão da luta de classes. Fui formado em grupos de esquerda, notadamente em sindicatos e coletivos de militância de orientação marxista.

Quando passei a trabalhar com pessoas com deficiência – e lá se vão mais de 20 anos nesta seara – pude perceber que meu olhar estava equivocado. Explico: há, entre os grupos de surdos, uma divisão binária de homens: os que (ainda) ouvem, são ouvintes. E os que são privados de audição, os surdos. Para eles essa é a marca mais importante: uma marca físico-sensorial, um sentido, ou a privação dele. Discordo totalmente da ideia de surdez como diferença. Também é, mas antes de tudo é deficiência. Esse discurso da diferença tenta encobrir ou diluir a natureza da deficiência, que, antes de tudo, é a privação do sentido de ouvir.

Daí decorre o problema: pessoas com deficiência têm políticas públicas próprias e garantias de direitos salvaguardados. A simples “diferença” não garante isso.

Além disso, não creio que seja uma boa ideia a generalização. De que sujeito surdo estamos falando? Daquele oralizado e letrado, que pode ainda que com dificuldades transitar “entre dois mundos”, ter empregos formais, talvez como formadores em LIBRAS ou dos surdos – em sua maioria – não oralizados, muitos iletrados, talvez analfabetos, com déficit cultural imenso, a quem a sociedade destinará, quando muito, a função de trabalhador braçal?

Tal marca desconsidera a luta de classes. Nela, estariam no mesmo agrupamento o surdo pobre e o surdo rico. Para não me alongar, não tardei a perceber que os cortes étnicos, de gênero e de geração também marcavam as identidades desses sujeitos. A mulher jovem negra surda pobre não ocupa o mesmo espaço que o homem velho surdo hétero. Tenho me aprofundado nas discussões dessas questões.





Tenho uma posição cética quando o assunto, no Brasil, refere-se a direitos humanos, aos direitos das minorias e afins. É notório o crescimento de uma corrente conservadora, elitista, branca e evangélica muito bem organizada, muito bem articulada e aliada. Mas o meu ceticismo me fortaleceu! Me fortalece! Não posso calar-me vendo meus/as alunos/as e seus pais e responsáveis sendo parados pela polícia e sendo maltratados. Tampouco posso ver uma aluna ser assediada por colegas de classe e limitar a minha ação a um discursinho vazio pautado nos chavões que historicamente se construíram na escola pública do meu país. Ou admitir que um garoto ou garota gay seja vítima da clássica intolerância machista que é alimentada secularmente em nossa sociedade. Mas sei que discursos caem no vazio, ou como dizia minha mãe, “entram por um ouvido e saem por outro”. É claro que preciso de conhecimentos técnicos e científicos aprofundados para trabalhar com clareza com o time de trabalho do local. Na escola em que sou diretor, acredito atuar de forma profunda com os/as alunos/as com quem transito e converso, problematizando o racismo, o preconceito, a homofobia, o machismo e todos os derivados destes, que se multiplicam e ainda se encontram na molecadinha da escola, até porque eles não têm outra visão alternativa, e seguem aderindo à maioria.

O conteúdo visto sobre diversidade e gênero na escola me fortaleceu, mas poderia ser mais longo, pois acredito ser necessário discutir mais minuciosamente cada item.

Anselmo





As leis da sobrevivência nos ensinaram que a existência não é possível sem o “outro”. Portanto, não é uma escolha nos vincularmos aos outros significativos da nossa família, é uma necessidade de sobrevivência, da mesma forma que a respiração também não é uma escolha. A ausência do “outro” ou a falta de sintonia com esse outro pode provocar inúmeros conflitos desencadeadores de marcas, por vezes definitivas, na vida emocional e cognitiva das crianças.

Na época de Páscoa fazemos a nossa comemoração através de partilha de doces e chocolates, promovendo assim o sentimento de união e de prazer em dividir com o outro. Com isso deve-se mostrar para as crianças que elas precisam se unir e se ajudar mutuamente, explicando também sobre a quantidade de outras crianças pobres que não têm o que elas têm, como, por exemplo, brinquedos, comida etc.

Sendo assim, diante de nossas possibilidades, devemos dar um pouquinho daquilo que temos.

Augusta _____





A cultura é algo que nos acompanha desde nosso nascimento. O ato de nascer já difere conforme a cultura e a sociedade em que somos inseridos, o modo como somos tratados desde o nosso nascimento também. Porém, falando de nossa realidade, o Brasil é um país miscigenado, onde encontramos grande diversidade cultural. Falar sobre cultura é até fácil.

Nasci de uma família nordestina, casei-me com nordestino. Mas nasci e moro no Estado de São Paulo, de uma mistura cultural muito grande. Quando pequena meus pais participavam da religião budista, onde conheci muitos dos costumes japoneses, desde a culinária, que adoro, à educação e aos costumes.

Com o passar dos anos e ao começar a trabalhar na Educação, conheci os bolivianos, pois muitos frequentam nossas escolas e tive que aprender a falar e lidar com os costumes deles.

Hoje em dia, ao andar pelo centro de São Paulo, podemos perceber a presença de muitos jamaicanos em nossa cidade, e essa diversidade cultural é de muito valor para a nossa formação como pessoas e como cidadãos.

Apesar do pouco que escrevi aqui sobre diversidade cultural, posso dizer que é essa diversidade que me fez ser a pessoa que sou.

Bárbara _____



De fato, tenho que concordar com @s amig@s sobre a importância e a qualidade do conteúdo que tratamos ao longo do curso. Importantíssimo, primeiramente para o processo de autoconhecimento, de reconhecimento de preconceitos individuais e, em segundo lugar, pela explicitação dos processos sociais de naturalização das discriminações e de apagamento e inferiorização de determinados grupos sociais.

Preciso confessar, entretanto, que os textos não têm me despertado grandes comoções, não porque não sejam bons, mas porque vão ao encontro de tudo o que eu já pensava sobre o tema e, dessa forma, não me chocam, como devem chocar outras pessoas menos abertas a discutir gêneros, sexualidades e diversidades. Mas têm sido importantes contribuições para que eu separe um tempo para pensar especificamente nessas questões, para repensar a minha condição feminina, para pensar nas associações entre os diferentes elementos constitutivos de identidade e o que essas combinações implicam numa hierarquia de exclusão social (esse foi um dos temas que achei mais interessantes até o momento).

Me considero sim preconceituosa, pois sou produto cultural de uma sociedade que reproduz preconceitos a todo momento. Entretanto, acredito que enxergar e admitir tal fato já é um grande passo para policiar e mudar atos, palavras e pensamentos preconceituosos. O mais difícil, para mim, quando se aborda essa questão, não é admitir a reprodução de preconceitos, mas, muitas vezes, enxergá-los em atos e palavras que parecem desprovidos de tal. Rir de piadas que falam de homossexuais, mulheres, negros, é um ato que parece natural, mas é carregado de preconceito. Pensar que mulheres dirigem pior do que homens, não querer usar tal roupa por pensar que os outros vão achar curta demais, pensar duas vezes antes de cortar o cabelo em estilo "joãozinho", dizer que alguém deve ter feito macumba para você quando algo sai errado, achar que as meninas "têm que se dar ao respeito" quando o assunto é sexo. Todas as falas, ações e pensamentos carregados de estereótipos e preconceitos dificilmente perceptíveis e que, em algum momento da minha vida, já reproduzi. Hoje em dia, tento me policiar para não cometer preconceitos e alertar os outros, principalmente os alunos. Quando percebo algo desse conteúdo vindo deles, uma fala "naturalizadamente" preconceituosa, ou seja, uma fala que reproduz preconceitos e que eles não percebem como tal, eu sempre ajo, apesar dessa ser uma tarefa árdua e constante.





Acredito sim, que todos somos diversos e diferentes, mas também que a igualdade, que deveria ser um complemento que garantisse que tais diversidades se proliferassem, ainda está longe de ser alcançada em sua plenitude em nossa sociedade. Numa sociedade que proporcionasse igualdade civil e de tratamento às diferenças, não seria necessário existir tantas leis de proteção àquilo que torna a cultura dinâmica e interessante, ou seja, a diversidade. Não seriam necessárias leis "Maria da Penha" e delegacias da mulher; não precisariam existir punições a atitudes de racismo e homofobia. O que quero dizer com isso é que a igualdade, para aqueles que fogem ao padrão do homem, branco, católico, heterossexual, de classe alta e sem deficiências físicas, está longe de ser um fato.

Carmem _____



Eu vivi em três estados do Brasil: Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. A partir dessas mudanças pude perceber como o Brasil é diverso, como as pessoas são diferentes, como as culturas são diferentes e mesmo assim entremeiam-se umas nas outras. Muitas vezes fui a diferente, muitas vezes tive de lidar com os diferentes de mim. Nos meios em que estive sempre houve preconceito de todos os tipos. Eu, de meu lado, também reagi com preconceito a muitas situações vividas. No entanto, tenho, ao longo do tempo, tentado refletir sobre os meus atos e sobre os motivos de tantos preconceitos.

Como professora, sempre vemos preconceito e discriminação. É o brinquedo que é de menina, é o comportar-se que é de "mulherzinha", é o menino que não quer jogar bola, é aquela professora que é "esquisita", é a criança que "fez a cabeça", é o professor que acredita que deus é um só e o mesmo para todo mundo, é o desrespeito à laicidade da escola, etc. O conteúdo do curso sobre diversidade e gênero na escola, assim como várias outras leituras, estão me auxiliando a repensar a minha prática de modo a torná-la melhor, visando à construção de relações menos desiguais, mais tolerantes e respeitosas.

Eu já fui muito preconceituosa no que diz respeito à essa questão de gênero e sexualidade. Não que eu me considere uma pessoa sem preconceitos agora, mas felizmente consegui superar muito do senso comum preconceituoso que regia meus pensamentos e minha conduta anteriormente.

Carol





Uma das ações da qual participei algumas vezes é a promoção de um sarau que une grupos como Oxandolá e Conpoema. Nas intervenções feitas nas ruas, praças e escolas é presente a temática da periferia, da poesia marginal, da afirmação negra, da luta das mulheres contra as desigualdades.

Em uma das apresentações a que assisti, foi declamada uma poesia que falava do corpo da mulher e criticava a violência simbólica que é naturalizada pelas mídias e pelo discurso machista que impõe padrões estéticos muito distantes da realidade da mulher brasileira.

O incômodo que aquela poesia declamada levantou me fez refletir sobre essa conduta, que é muito comum no universo escolar e que hierarquiza as meninas e suas relações sociais na escola.

Como prática de intervenção, fui registrando em meu caderno, em vários momentos, comentários tecidos sobre os corpos femininos. Em outro momento, os escrevi na lousa e levantei uma discussão sobre os valores que embasavam tais discursos. O mais intrigante foi que o grupo percebeu que a maioria dos comentários advinha das próprias meninas, que se defenderam dizendo que aquilo seria mais por conta de outras rivalidades que eclodem em ofensas que realmente machucam.



Cássia _____



Ao ingressar no curso, lendo os textos e principalmente assistindo aos vídeos, que para mim são os mais significativos, percebi o quão importante seria minha dedicação a esse conteúdo para aprender cada vez mais. Percebi que cada um de nós tem sua própria visão sobre aquilo que achamos que conhecemos, e isso vai se transformando a partir do momento em que nos permitimos rever nossos próprios conceitos. Comecei a perceber também que, o que para mim parecia simples, já não é tão simples quando tento me colocar no lugar do outro.

Cassiana _____





Na minha infância, cresci em meio a um ambiente racista, homofóbico e que mantinha a mulher na “linha do fogão”. Se não fosse a escola, eu provavelmente teria me tornado mais uma disseminadora de atrocidades. Por isso, acredito que a escola tem um papel fundamental na mudança dos olhares.

Catarina _____



Na primeira aula, ao ser dada a introdução ao nosso curso de gênero e diversidade na escola, foi levantada a questão de que o Brasil se apresenta ao mundo como o país da diversidade. E nós acreditamos que somos um povo sem preconceito.

Será mesmo? Nosso país sabe lidar com as diferenças?

Mas ultimamente o que vemos na TV são histórias de violência, tendo como explicação a intolerância às diferenças, homofobia, violência doméstica e outras tantas. Sendo assim, fica claro que as diferenças, ao invés de serem usadas como fonte de aprendizagem, se transformam em fonte de exclusão e preconceito.

Celeste _____





Uma vez, por exemplo, eu estava com uma amiga assistindo a uma palestra, quando a palestrante citou uma situação vivenciada por sua companheira. O comentário dela me causou de imediato uma sensação de estranhamento. Depois da palestra comentei com minha amiga que achava que ela estava se expondo demais ao citar abertamente sua companheira (ou seja, sua orientação sexual). Mas minha amiga fez um comentário simples que me fez pensar: eu não teria a reação de estranhamento se ela falasse do marido, e o meu estranhamento só surgiu por se tratar de uma relação homoafetiva. E pontuou para mim que, na realidade, ela não teria porquê esconder sua escolha; se ela aceita a situação com naturalidade, quem precisa repensar sou eu.

Célia _____



Minha experiência familiar e pessoal com a diversidade era até divertida, se é que podemos nos divertir sabendo que no âmbito familiar as questões ligadas às diferenças nem sempre são tão harmoniosas. Minha família era formada por papai, paulistano, e mamãe, carioca. Eu nasci no Rio, minha única irmã aqui em São Paulo, capital, por isso, em casa sempre houve aquele debate bem-humorado sobre Rio-São Paulo, e, claro, com todos os clichês que isso possa sugerir (risos).

Mas além das famosas “carioca é isso, paulistano é aquilo”, claro que ficávamos em desvantagem, eu e mamãe, porque éramos as mulheres, e assim não poderíamos ter a última palavra a respeito, o que sempre deixava São Paulo em vantagem (risos), e pobre de nós, cariocas e mulheres. Hoje, com bom humor ainda, mas com senso crítico e cultural sobre a situação, enxergo riqueza desses momentos, o quanto traziam as questões regionais, as especificidades de cada povo, dentro da mesma região, mas com diferenças e contribuições tão ricas. Também enxergo que lá, mesmo com um amplo espaço para o debate, o patriarcado ainda era forte, pois sempre vencia a palavra de papai (risos): São Paulo é melhor, quem iria ousar desafiá-lo (risos) ???

Celine





Cresci num mundo que crucificava o diferente, e o que fugia dos padrões sociais, o que fugia do dito normal, era visto com olhos de horror.

O tempo passou e virei professora e junto com isso a vontade idealista de mudar o que eu acredito ser errado acabou crescendo junto comigo, me levando a acreditar que era possível mudar e transformar esses pensamentos que fizeram parte da minha infância.

Entretanto, eu não tinha diretrizes para alcançar esses meus objetivos, não sabia por onde começar, estava difícil organizar as reflexões que fazia. Com o conteúdo do curso sobre gênero e diversidade na escola foi sendo aberta uma porta, me colocando em contato com informações que me eram desconhecidas, e a experiência de colegas aqui presentes me abriram um norte que favoreceu o desenvolvimento do meu trabalho, no sentido de me orientar sobre como agir diante da intolerância e do desrespeito tão comum entre os jovens.

Ao tomar contato com essa informação, com esse conteúdo, reaprendi a valorizar a vida diante da diversidade existente na escola, reestruturando minha maneira de ensinar.



Ceres



Observo que a abertura que hoje temos nas escolas e em outros segmentos de nossa sociedade, a reflexão e os debates sobre a sexualidade, muito devem aos movimentos feministas e LGBTs, que sempre combateram as hierarquias de gênero e lutam contra a repressão sexual, chegando de forma clara e legítima ao apontamento da urgência da implementação de legislações que protejam LGBTs da homo/transfobia por meio da criminalização.

Célio _____





Sempre tive consciência do fato de vivermos em um mundo machista, porém, através das abordagens vivenciadas nas atividades propostas ao longo do curso Gênero e Diversidade na Escola, pude perceber que a prática dos valores machistas está muito presente de forma inconsciente em todos nós, e que ainda agimos de acordo com valores machistas quando fazemos discriminações sem fundamentos.

Charlotte _____



Vivenciei há pouco tempo a luta do vestibular e a desigualdade do acesso à universidade pública. Minha filha sempre estudou em escola pública e há dois anos participou de todos os processos de acesso às universidades públicas. Chegou a conseguir uma vaga na quarta chamada da Unesp, mas não tivemos condições de matriculá-la e alugar um local para ela estudar lá. Nessa época ela estava trabalhando, registrada, e tínhamos apenas um final de semana para tomar a decisão e resolver todas as questões de moradia, transporte, enfim. Ela resolveu não ir, continuar a trabalhar aqui e no fim do ano prestar o vestibular nas universidades particulares.

Então a desigualdade de acesso à universidade pública, penso eu, não é só uma questão étnico-racial, e sim mais econômica. A utilização do instrumento memorial, acabou por fazer com que a reflexão, na minha vida pessoal, fosse até maior que na vida profissional.

Clara





Foi muito rica a minha morada na Bahia, pois convivi com as mais variadas pessoas: pessoas cultas, outras muito simples, pessoas que moravam em belas casas e possuíam belos carros e outras que moravam em casa de sapê com chão batido e se locomoviam por carroças, puxadas por jumentos ou cavalos. Convivi com pessoas com acesso à energia elétrica e os confortos que a mesma proporciona e com pessoas que usavam lamparinas e tinham noites claras somente quando a lua despontava no céu. Brinquei com bonecas compradas e junto às minhas primas confeccionei tantas outras bonecas com sabugo de milho, e como eram lindas! Quantas peças teatrais desenvolvemos imitando as primas que moravam na capital de SP e imaginando como seria a realidade delas. Na escola, quanta diversidade! Negros, brancos, ruivos e pardos! Mas para nós não fazia nenhuma diferença a cor da pele.

Conceição _____



É impressionante como as pessoas se deixam levar pela sua cultura (crença ou preconceito...) e a defendem mesmo que isso possa desqualificar o outro. No mês de setembro, fomos chamados para uma reunião, juntamente com a direção, para decidirmos o que fazer com várias sacolinhas de doces que a escola havia recebido como doação para serem entregues às crianças.

A direção havia recebido os doces no dia anterior à reunião, e no horário de saída pediu para que as professoras os colocassem dentro das bolsas, para que as crianças e os pais vissem apenas em casa. Entretanto, uma das professoras foi até a direção e perguntou sobre a origem dos doces. Teve como resposta que fora uma doação de uma das mães das crianças. A resposta da professora foi que “de maneira alguma colocaria a mão naqueles doces pois, com certeza, foram entregues por causa da data de São Cosme e São Damião, e a religião dela não permitia tal coisa, portanto não entregaria uma coisa daquela jamais para as crianças”. Enfim a escola acabou por recolher todas as sacolinhas para decidir sobre o que fazer em uma nova reunião. Todavia, a nova reunião se tornou uma discussão sobre religião. Acabou que a maioria não estava defendendo a ideia de que a escola é laica, mas sim suas próprias religiões, uma vez que havia predominância de protestantes. Muitas ficaram falando que os doces estavam amaldiçoados e que jamais concordariam com isso.

Nós, a minoria, colocamos que a escola era laica, e que se levássemos a ferro e fogo, não poderíamos ter nem mesmo Páscoa ou Natal na escola, até porque não estávamos trabalhando nenhuma religião, e sim um simbolismo para as crianças e de maneira bem sucinta, já que também são festas religiosas, mas tradicionais da nossa cultura. Mas a discriminação que estava ocorrendo era pelo time ter relacionado os doces imediatamente ao candomblé. Enfim, decidiram mandar os doces para outra instituição.





Ao longo do conteúdo apresentado no curso Gênero e Diversidade na Escola aprendi a necessidade de reconhecer as diversas identidades culturais, pregar a tolerância e a diversidade, discutir a questão da diversidade cultural em nossas escolas de forma constante.

Claudete _____



Sou professora de ensino fundamental II há 14 anos e nesse período percebi que muitas vezes (quase sempre) as instituições em que trabalhei fecharam os olhos para a diversidade. Pouco se discute sobre preconceito nas reuniões pedagógicas e há falta de preparo dos professores para essa temática. E o preconceito está dentro da escola de uma forma até um pouco cruel. Para problematizar as ideias que levam à discriminação, é preciso colocar a diversidade em discussão (e isso vale não só para a sexual, mas também para a racial, a socioeconômica e qualquer outra).

Alunos que se sentem discriminados por algum motivo ou se isolam ou se rebelam, refletindo essa discriminação em sua indisciplina na escola.

Este ano tem uma aluna no sexto ano que se isola dos demais alunos, não fala com ninguém e ninguém fala com ela. Ela diz que eles não gostam dela por ser negra, e por diversas vezes tentei intervir chamando alguns alunos particularmente e conversando sobre ela com eles, sem mencionar o motivo que ela alega, para não piorar o problema. Os colegas dizem que não falam com ela porque ela não fala com eles. Acredito que ela tenha sofrido preconceito várias vezes, e agora se fecha para não ter problemas.

No Brasil existe muita discriminação, discrimina-se pela raça, gênero, orientação sexual e deficiência. O curso Gênero e Diversidade na Escola vem ao encontro das nossas necessidades enquanto educadores, pois estamos ensinando, além do conteúdo didático, cidadania e valorização das diversidades, para que o nosso aluno tenha consciência crítica e assim faça uma sociedade melhor.

Darcy _____





Começando por me analisar, percebi que o desafio era mudar minha visão, deixar cair a máscara. Através dessa atividade, comecei a mudar minha vida e a das pessoas que estão ao meu redor, incluindo minha família: sou mais autêntica, sem ser grosseira, e na escola tornei-me mais compreensiva, sem ser permissiva.

A oportunidade de fazer uma retrospectiva de minha vida foi única, pois pude relembrar momentos importantes e muito marcantes. E não só relembrar, mas despertar em mim a coragem para perguntar às pessoas de minha família coisas que jamais eu saberia. Sem as reflexões pelas quais passei eu jamais perguntaria. Chorei muito e estou chorando ao redigir essa atividade, porque a pessoa que mais me trouxe esclarecimentos sobre toda a nossa família e a formação de preconceitos presentes nela já não está mais entre nós. No encontro do dia 12 me emocionei, pois cada pessoa que pegou aquele microfone me levava às minhas memórias e à saudade da maior personagem dessas histórias reais. Me aproximei de minha história de uma forma intensa e profunda. Foram cinco meses de uma proximidade absurda e de revelações.

Enfim concluí que sei muito pouco e, para que haja igualdade na escola, é preciso tratar todos com igualdade, e é preciso coragem e discernimento para mudar nossa própria postura, analisando nosso comportamento sem hipocrisia. A mudança começa por nós, a partir do momento em que deixarmos de ser passivos e expressarmos nossos pensamentos respeitando a opinião dos demais. Assim veremos uma sociedade mais igualitária, mais justa, capaz de transformar o mundo, para um mundo bem melhor.

Danila _____





O tema diversidade está presente na vida de todas as pessoas, é constituído culturalmente. Em algum momento em nossas vidas presenciamos ou vivenciamos situações de discriminação e preconceito.

Quando criança passamos pela dificuldade de pertencer ou não a um grupo, seja por ser gordo, magro, alto, baixo, negro, índio, estudioso, bagunceiro, mulher, homem, gay, estrangeiro, rico, pobre, deficiente etc.

O rótulo nas unidades escolares se torna cruel para o desenvolvimento das crianças e adolescentes, criando barreiras muitas vezes intransponíveis, levando o educando a ficar à margem da sociedade.

O preconceito está presente e muitas vezes de forma oculta e sutil, somente sentido por aqueles que se tornam vítimas do mesmo.

As diferenças devem servir para o crescimento e evolução do ser humano, sendo encarado com respeito e normalidade. Somos diferentes, e isso contribui para a reflexão, desconstrução do preconceito e a construção de uma sociedade mais acolhedora e respeitosa.

Precisamos, como educadores, cultivar o respeito à diversidade, o combate ao preconceito, ao estigma, ao rótulo, levar em consideração os valores culturais de cada um, ter uma visão clara com relação às desigualdades existentes dentro e fora da unidade escolar.

É na escola que temos a oportunidade de questionar, refletir, debater e promover ações que possibilitem a transformação das práticas discriminatórias e o exercício da cidadania.

Em nossa unidade escolar buscamos planejar nossas propostas pedagógicas na perspectiva de um currículo integrador, respeitando as vozes das crianças, sua individualidade, suas histórias, seus contextos de vida e suas potencialidades, organizando vivências através de tempos, espaços e materiais embasados na importância do brincar, dialogando com as diferentes linguagens, as culturas infantis e as culturas da infância. Compreendemos a criança em sua integralidade promovendo sua autoria, seu protagonismo.

A organização do tempo e dos espaços em nossa unidade procura propiciar momentos em que se possibilitem as relações entre as crianças/crianças com a mesma idade e de faixas etárias diferentes, e crianças/adultos, promovendo momentos em que a criança realize suas escolhas e desenvolva sua autonomia, utilizando todos os espaços da unidade.





Buscamos um currículo integrador, em que a criança seja reconhecida como “sujeito de direito”, que constrói história e cultura de forma autônoma através das experiências vividas, valendo-se de conhecimentos que envolvam a diversidade cultural e as relações étnico-raciais, tão presentes em nossa unidade. Assim, desnaturalizamos as diferenças, sejam elas de gênero, raça, etnia, sexualidade, constituição física e social, buscando dentro do nosso convívio diário minimizar as diferenças, combatendo o preconceito, que muitas vezes se apresenta de forma velada e sutil, somente sentido por aqueles que se tornam vítimas do mesmo.

Diná _____



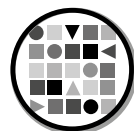
É importante que se discuta e se valorize toda a pluralidade cultural existente em nosso país, para que os alunos percebam que nossa formação cultural se deu através de várias contribuições de todas as etnias e diversidades que formam nosso imenso Brasil.

Conhecer e valorizar as diversidades culturais é um trabalho que deve ser iniciado ainda nos primórdios da educação infantil, para que nossas crianças já cresçam conhecendo e valorizando as culturas, respeitando, entendendo e apreciando as diferenças, de modo que isso seja levado ao longo dos anos, e multiplicado por toda a sociedade, pois só assim poderemos entender o passado, compreender o presente e trilhar novos caminhos para o futuro, desmitificando preconceitos, pré-conceitos e estereótipos, superando limitações e tabus, no caminho para uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Com essas leituras, percebi a importância do papel da escola na formação dos alunos no que diz respeito à desmitificação, a despeito de toda a resistência e preconceito em relação à cultura africana, as relações étnico-raciais, as questões das relações de gênero, e também as questões LGBT.

Os conteúdos do curso Gênero e Diversidade na Escola também me trouxeram um esclarecimento acerca da necessidade da discussão desses temas em sala de aula, a fim de que possamos formar nossos alunos e alunas cidadãos conscientes de suas atitudes, que saibam valorizar e aprender com as diferenças, superando preconceitos. E, inclusive, tornando-se agentes multiplicadores e ativos de uma nova história.

Dione





Acredito que a diversidade ao longo da minha vida esteve presente em vários momentos: sou filho de uma mulher negra com pai branco, sou de uma família onde minha mãe me criou sozinha, meu pai biológico não assumiu a paternidade, minha mãe é nordestina analfabeta, veio para São Paulo com 20 anos de idade com medo de uma surra de meu avô que era filho de cangaceiros. Voltando para minha mãe: é doméstica e me criou com muita garra e dedicação, com foco na minha sobrevivência. Estudei a minha vida toda em escola pública estadual em São Paulo. Cursei minha graduação com muita dificuldade, pois me casei cedo, aos 20 anos, e logo nasceu o primeiro dos três filhos que tenho. Então, falar de diversidade ao longo da vida é complexo, pois passamos por muitas humilhações e preconceitos. Ainda passamos, pois nossa sociedade é preconceituosa em sua maioria. O lado belo da diversidade é que tenho filhos lindos com olhos verdes, castanhos, cabelos lisos, crespos, pois me casei com uma “ariana”, mas com sangue baiano e italiano.



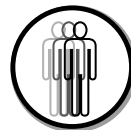
Edgar



Muito difícil admitir com verdade se somos ou não preconceituosos! Como educadora e me considerando uma pessoa esclarecida e moderna, de cara eu diria que não, claro que não sou preconceituosa! Mas é preciso avaliar nossa verdade mais oculta para ter precisão nessa resposta, já que diante de uma situação cotidiana nos vemos por vezes repetindo frases feitas ou ditados populares mais que carregados de preconceitos. E já ouvi também “áhhh era só uma brincadeira!”

Mas tenho passado pela marcante experiência de ver minha filha sofrendo os mesmos preconceitos, uma vez que é a menor da turma, por ser calada, por usar cabelos coloridos, não ter a vaidade comum das adolescentes de 14 anos no sentido de não usar saias, saltos e maquiagem. Ela tem sido posta de lado, fazendo sozinha os trabalhos escolares que deveriam ser em grupo, pois nenhum grupo a chama. E os professores aceitam as tarefas dela individuais! Não há como introduzi-la nos grupos? Não há como respeitar seu jeito singular? Não tenho respostas, e hoje conto com a terapia para apaziguar as minhas dúvidas e anseios e também os dela!

Edna _____





Sempre gostei muito de conhecer outras culturas, mas o meu olhar se voltou mais para as questões étnicas e de gênero há 5 anos, quando comecei a trabalhar na SAAI (Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão). O meu foco eram os alunos com deficiência e o trabalho oferecido pela educação especial, mas agora na perspectiva da educação inclusiva, por isso tive que estudar muito sobre isso, e aprendi que a educação inclusiva se volta para todos aqueles que foram excluídos da escola, as pessoas com deficiência, e também minorias étnicas e de gênero.

Foi nesse contexto que passei a me interessar mais pelo assunto e, quanto mais eu estudava, mais eu podia perceber como em muitos momentos da minha carreira eu adotei também uma atitude preconceituosa e discriminadora. Hoje procuro refletir mais sobre as minhas ações a fim de que eu possa trabalhar utilizando a diversidade presente nas minhas turmas como algo que irá contribuir para a aprendizagem de todos. É claro que não é fácil, e não mudamos nossos pensamentos e concepções da noite para o dia, mas é um processo que precisamos sempre cultivar.

Por isso acredito que só por meio da educação, do conhecimento é que podemos compreender melhor as diferenças, as outras culturas, pois foi por meio do estudo que eu pude romper com antigas ideias, muitas delas muito cultivadas pelo senso comum, e buscar fazer o que é certo.

Edite _____



Como relato sobre a temática relativa à diversidade, descrevo minha experiência com as/os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). De 1999 a 2013, lecionei Língua Portuguesa e Língua Inglesa nessa modalidade da educação básica. De fato, é muito bom trabalhar com o estudante adulto. Os “tiozinhos”, como os chamo afetuosamente, trazem uma rica bagagem sociocultural e experiências de vida valorosas. Quando eles resolvem voltar à escola, deve lhes ser garantida a apropriação do universo da cultura e do trabalho, para que passem a se sentir incluídos socialmente, já que ficaram à margem dessa sociedade por diversos motivos e talvez por um longo período de tempo. Os estudantes da EJA possuem um amplo universo de conhecimentos. Nesses quatorze anos em sala de aula, tenho certeza que meus alunos e minhas alunas aprenderam muito comigo, mas confesso que eles também foram meus mestres. Aprendi na universidade os conhecimentos científicos arraigados na humanidade, mas os reais significados do amor, da amizade, da solidariedade e da cidadania foram eles que me mostraram.

Elisa





Recebi um aluno novo no meu grupo. Ele era muito diferente dos demais: em relação à linguagem (vocabulário), costumes, hábitos alimentares, brincadeiras etc.

Em princípio, os colegas da sala ficaram observando, intrigados pela forma como ele falava, como, por exemplo, “estão mangando de mim”, “meu pé magoou hoje na hora que eu estava merendendo”. Além do sotaque característico da região nordeste, ele usava palavras e expressões que os outros desconheciam, o que fez com que houvesse certo distanciamento dele em relação ao grupo e vice-versa. Sentia-se muito diferente.

Com o tempo passamos a nos conhecer melhor e a buscar uma aproximação, pois ele tinha chegado de Pernambuco e também achava-nos estranhos: nossa forma de falar, as brincadeiras, a alimentação, tudo novo e diferente para ele.

Essa oportunidade nos proporcionou muito crescimento, serviu para que percebêssemos a necessidade de respeitar as diferenças e valorizar a diversidade cultural.

Elba _____





Acredito que ao nascermos recebemos uma carga de valores sociais, culturais e familiares, estabelecendo condutas que devemos seguir para que sejamos aceitos na sociedade. Como professora percebi a resistência de muitos colegas em falar sobre o assunto (sexualidade), muitas vezes por não terem conhecimento sobre o assunto. Eu mesma me incluo nesse meio, pois venho de uma família onde nunca falávamos sobre diferentes opções sexuais, era como se esse assunto nunca fosse nos afetar.

Elba _____





Uma situação inesquecível ocorreu na quinta série, quando tínhamos que formar grupos para realizar um trabalho de geografia. O grupo em que fui inserida era composto, em sua maioria, por japonesas. Senti muita dificuldade para me adaptar, pois senti que o grupo me excluía por ser pobre e filha de pais semianalfabetos. Naquela época não tinha consciência das etnias. O preconceito era velado, mas no meu íntimo eu sabia que tinha um desafio pela frente.

Elenita _____



Particularmente, o fato que mais me marcou em relação ao assunto foi quando percebi, em um local de trabalho, que as falas, as caras e bocas e as atitudes me deixavam claras as dificuldades de relacionamento com as colegas de trabalho, por serem de cor clara, de classe social mais alta que a minha e por terem estudado em faculdade conceituada na sociedade. E eu estava lá como coordenadora delas, sendo negra e pobre, tendo feito faculdade de periferia. Mas para mim foi um aprendizado, e acredito que para elas também. Resisti, saí de lá no tempo que era para sair.

Algum tempo atrás encontrei uma delas, que diz ter saudade, e que “conversaram (entre elas) e descobriram que sou muito humana, querem marcar um café”.

Como podemos ver, o preconceito está muito enraizado, pois trabalhamos juntas durante três anos e somente após esse tempo descobriram que eu era um ser humano.

Elis _____





A minha experiência com diversidade cultural é extensa, pois fui criada num bairro no extremo sul da periferia de São Paulo, rodeada pela Mata Atlântica, com contato com a natureza e acostumada com os sons dos pássaros, e quando saí para a cidade pela primeira vez foi um choque: tantas coisas diferentes, com pessoas totalmente diferentes. Foi um impacto, um choque, uma cultura a que não estava acostumada.

O meu primeiro emprego foi em um grande hospital, convivendo com diversidades de pessoas com níveis socioeconômicos totalmente diferenciados. A princípio foi assustador, mas depois fui aprendendo a conviver com outras pessoas.

Eu nunca tive tratamento diferenciado por causa de gênero, nem por pessoas da minha família, mas muita gente achava estranho eu não ter me casado, mas ter uma filha. Essa estranheza acaba gerando a sensação de haver sempre uma pergunta sobre isso no ar. Será? Mas na verdade nunca me preocupei em esclarecer... Pois sou hetero, mas estou muito bem resolvida comigo e com meu corpo. Eu sei que o padrão da sociedade tem dificuldade em relação a concepções diferentes de configuração de família.

Eloá



O conteúdo do curso “Gênero e diversidade na escola” pode me oferecer um referencial teórico metodológico para trabalhar com as discussões de gênero. Proporciona aos profissionais da área da educação metodologia de trabalho que fomente a equidade de gênero e também para a elaboração de propostas curriculares que atendam às diversidades de gênero, sexualidade e identidade étnico-racial. Consegui compreender as relações étnico-raciais e suas implicações na sociedade, refleti sobre as complexas abordagens e conflitos quanto às relações de gênero e sexualidade no ambiente escolar. Fomentei ações educativas para a educação e/ou orientação sexual de jovens, possibilitando informações sobre sexualidade, de extrema importância para a aprendizagem de todos os educadores que querem perceber, aprender e trazer novas práticas e metodologias para a sala de aula. Acredito que o respeito à diversidade ocorrerá quando os educadores abandonarem certos paradigmas, abrindo-se para discussões, certos de que há muitas visões de mundo e diferentes culturas.

Elvira





Sou professora desde 2006. Atualmente trabalho com educação infantil na PMSP. Escolhi trabalhar com esse segmento porque acredito que as crianças são o futuro e elas poderão mudar o mundo, tornando-o um lugar melhor de se viver, sem preconceitos, tabus e farsas. Um mundo onde as pessoas possam ser livres para ser o que quiserem sem sofrer por isso. Diversidade é um tema fundamental e deve ser abordado em sala de aula, pois os alunos devem ter conhecimento da diversidade cultural do país e saber sobre a origem de festas folclóricas, culinária, crenças e todos os tipos de manifestações culturais, fortalecendo ainda mais o processo de valorização dos costumes locais, contrapondo-se à tentativa de unificação de uma cultura de massa imposta pelos meios de comunicação. Ao pôr em pauta a pluralidade cultural do Brasil na sala de aula, o professor deve promover no aluno o sentimento de valorização cultural do país, além do reconhecimento e respeito às diferentes culturas, mostrando que não existe uma melhor ou mais desenvolvida que a outra.

Deve-se esclarecer o conceito de cultura e citar os principais elementos que configuram a cultura de um determinado local. Esse é um tema necessário às discussões e reflexões não apenas em nossas escolas, mas principalmente nas diferentes esferas da sociedade. Por isso é necessário a construção de novos conhecimentos e a quebra de paradigmas. Uma sociedade é formada de diferenças e essas diferenças precisam ser respeitadas. O Brasil é um país rico em diversidade social, pluralidade cultural, etnias/raças, religiões. Não se trata somente de respeitar as diferenças, mas de aprendermos a ser diferentes uns com os outros. É aceitando as diferenças que nos tornamos iguais.

Estou mudando meu modo de ver e perceber diversos fatos que muitas vezes passavam despercebidos por mim. Agora, com a leitura de alguns textos e com as discussões dos fóruns, me peguei pensando sobre um fato que vivi na minha infância, mas que até o momento não havia relacionado com o curso. Sou nordestina. E como isso me fez passar por situações constrangedoras e até humilhantes! A escola é um lugar de aprendizado, convívio social, mas como podem ser cruéis esses anos de escola! A falta de conhecimento, o preconceito, o desrespeito ao próximo e a intolerância, tudo isso é fermento para a construção de uma sociedade mais desumana e cruel, e tudo isso se inicia na escola, onde deveríamos estar formando cidadãos mais conscientes, tolerantes e democráticos.

Elza





Nossa escola atende a muitos alunos bolivianos. Então, realizamos alguns encontros com pais bolivianos que compartilharam a sua cultura, o que proporcionou aos alunos um entendimento sobre a diversidade que existe entre os povos e a importância da integração e da troca de conhecimentos culturais.

Ester _____





Observando os meus diários, constato que sempre discorro sobre a importância das discussões nas rodas de conversa com as crianças, e percebo o quanto os textos foram enriquecedores, me auxiliando na prática em sala de aula e trazendo as discussões para o âmbito escolar, abrindo espaço para o diálogo com os colegas de trabalho.

Não é fácil, muitos profissionais têm dificuldade de se abrir, mas enxergo mudanças.

Fátima _____



Faz pouco tempo que comecei a entender a dinâmica da diversidade cultural e como ela se apresenta na sociedade atual. Esse processo de conhecimento está intimamente ligado ao despertar do reconhecimento de minha identidade de mulher negra, de como me vejo e me insiro nesse universo machista, etnocêntrico e racista. Surgem então questionamentos e entendimentos de situações passadas, nas quais reconheço episódios de racismo, diferenças de gênero que vivi e presenciei, além da reprodução de comportamentos preconceituosos.

Fábia





Uma situação de preconceito vivida por mim e por meu pai, que é negro: quando criança meu pai me levou ao centro (acho que na época perto da estação da Luz em São Paulo). Fomos comprar equipamentos eletrônicos e tênis para mim. No retorno meu pai me levou a um shopping onde estava acontecendo uma exposição de cães. Vimos os cãeszinhos e, antes irmos embora, meu pai me levou à praça de alimentação para eu tomar um sorvete de casquinha. Enquanto ele comprava o lanche e meu sorvete, eu fiquei na mesa esperando por ele. Um segurança se aproximou e me perguntou se eu estava acompanhada. Eu disse que sim e apontei para meu pai. Ele me perguntou se realmente eu o conhecia, perguntou o nome dele, onde eu morava e onde estava minha mãe. Quando meu pai se aproximou, eu confirmei que ele era meu pai, disse o nome dele e que nós tínhamos ido ao shopping ver os cachorrinhos. Hoje, relembro, percebo o quanto ele ficou triste e revoltado – um homem negro não pode ser pai de uma menina branca.

Felícia _____



É difícil presenciar inúmeros fatos que mostram que a escola ainda não está preparada para lidar com a diversidade e que uma parte dos professores são resistentes a mudanças.

Vivenciar essa igualdade é um sonho, que não sei se será realizado ainda em vida. Planto a semente trabalhando com meus alunos, fazendo os cartazes pela escola e, em momentos pontuais, falando com as companheiras de trabalho, mas, ao pensar em gênero e diversidade na escola, isso me parece uma realidade muito distante de ser alcançada.

Flora _____





Vejo como necessário desvelar a visão deturpada em relação aos indígenas e afrodescendentes. É impressionante como os alunos têm uma visão estereotipada dos povos indígenas! Muitos ainda têm a imagem do índio como não sendo brasileiro, como alguém que não faz uso de tecnologias, que não usa as vestimentas comuns do branco. É uma imagem totalmente equivocada. Os povos indígenas estão em crescimento no Brasil e eles são de várias etnias e falam várias línguas.

Por isso é importante tratarmos da descolonização dos currículos escolares e mostrarmos que na formação do povo brasileiro há muito das contribuições dos povos indígenas e africanos.

Penso numa escola que respeitará e mostrará todos os lados de uma mesma história, libertando os alunos do etnocentrismo. Vou caminhando por essa utopia.

Félix _____



Respondendo à pergunta da aula inaugural do curso Gênero e Diversidade na Escola: embora não admitamos, acredito que cada um de nós carrega um pouco de preconceito em nossas ações e pensamentos. Acredito ser algo inerente ao ser humano, infelizmente.

Tenho uma experiência bastante ampla em relação ao assunto preconceito. Sou deficiente visual de nascença e convivi intensamente com ações e atitudes preconceituosas. Minha experiência foi extremamente negativa, principalmente na minha fase escolar. Durante alguns anos, cerca de três ou quatro, convivi diariamente com alguns “apelidos” como “ceguinho”, “zaroio”, “olho torto”, entre outros termos dirigidos à minha pessoa.

Isso, para uma criança em fase escolar, é um fato totalmente prejudicial à sua formação, acima de tudo sua formação pessoal, acarretando reflexos negativos por longos anos em sua personalidade.

Fabiano _____





O contato com o conteúdo do curso Gênero e Diversidade na Escola me proporcionou, antes de qualquer coisa, uma forma de autoconhecimento e autoavaliação sobre meus pensamentos, sentimentos, palavras e atitudes. Aprendi com as leituras, conceitos, nomenclaturas e com palavras novas, explorando através de outros ângulos um assunto conhecido. É sempre bom analisar, perceber e refletir com um novo olhar, enriquecendo minha prática com novos conhecimentos, novas teorias e minha vida com novas perspectivas. Aprendi sobre a questão de gênero e sexualidade, assuntos tão polêmicos na minha educação. A vida é uma escola, em que aprendemos com as dificuldades, diferenças e adversidades. Aprendi que nada é neutro e que não se posicionar já é uma posição. O lugar em que mais trabalho a diversidade é a escola.

Frances _____



Os textos proporcionaram reflexões sobre minha vida, sobre minhas origens, e me trouxeram à memória lembranças de quando concluí o magistério e fui dar aula na zona rural no interior de Minas Gerais. Naquela localidade nada era fácil. Não tinha material nem para os alunos e nem para as professoras. Às vezes conseguíamos doações de giz, cadernos e lápis para as crianças. A comunidade ali era formada por afrodescendentes e caboclos (descendentes de índios), assim como eu. Não havia discriminação ou preconceito devido ao tom da pele ou raça. As pessoas viviam da pesca, que era abundante, ou do que plantavam na época da vazante. Todos ali se ajudavam mutuamente.

Francesca





Aprendemos na escola que a cultura e história europeia e ocidental são superiores. Quase nada aprendemos sobre os povos africanos e orientais. O eurocentrismo alimenta o etnocentrismo, que alimenta o individualismo, que cria os estereótipos. Não somos educados para valorizar a diferença. Rimos de piadas que alimentam estereótipos de tudo o que é considerado inferior, em especial negros, gays e mulheres. O crescente sentimento de xenofobia que povoa o mundo parte da ideia de que o outro, o estrangeiro, o diferente não é bem-vindo. Assim, americanos “odeiam” latinos, europeus “odeiam” árabes, brasileiros “odeiam” bolivianos, paulistas “odeiam” nordestinos e Jardins “odeiam” Guaianazes. Romper com essa ideologia perversa é um desafio de todos nós. A escola tem que tocar nessa ferida. É papel nosso levar nossas crianças e jovens à reflexão sobre como a diversidade cultural é importante para a construção de um mundo diverso e dinâmico culturalmente.

Gabriel _____



Minha escolarização e formação de identidade ocorreram em um período em que a discriminação era nítida em tudo à minha volta: nos livros didáticos, nas histórias, nas piadas, nas conversas familiares, nas novelas, nos brinquedos, nas atitudes das pessoas em relação ao considerado “diferente”, entre outras coisas. Diante disso tudo, sempre tive dentro de mim um incômodo com esses fatos e por isso sempre busquei não me deixar levar por esses padrões impostos pela sociedade, não me envolvendo ou sendo conivente com as práticas discriminatórias. Isso não me foi ensinado, isso partiu da minha plena consciência, do meu interior. Ter amigos de diferentes etnias, opções sexuais e religiosas nunca me afetou; sempre respeito e valorizo o que o ser humano tem em sua essência e o quanto posso aprender com ele.

O período mais intenso que vivi foi na adolescência, pois para ser aceito em determinado grupo você precisa ter o perfil que se encaixe com os demais, senão está fora e será motivo de chacotas. Meu avô materno era afrodescendente e tenho muito orgulho disso, mas meu cabelo enroladinho foi motivo de muitas piadas e de algumas situações constrangedoras. Mesmo assim consegui me impor e isso não foi mais problema.

Geralda _____





Fazendo uma autorreflexão sobre meu desenvolvimento em relação aos conteúdos que apreendi ao longo do curso Gênero e Diversidade na Escola, tenho ponderado mais as minhas falas, ações, minhas atitudes, meu olhar, praticado o exercício da alteridade com mais frequência. A minha base moral, recebida pela educação familiar, sempre foi pautada na alteridade: se colocar no lugar do outro, pensar no outro, então tem sido fácil praticá-la com mais rigor.

Ao olhar para mim como outra pessoa (diga-se, que sempre foi muito alheia a essas questões humanas e de direitos), comecei a refletir sobre minhas condutas passadas, meus posicionamentos diante de situações passadas e vividas. Que por muitas vezes sofri mas não enxerguei.

Procurou lembrar-me que sou de uma geração onde esses assuntos não eram falados e nem dialogados, recebi uma educação passiva, cheia de rótulos, oprimida, valores de padrões sociais, tinha medo de sair do meu quadrado.

Gilda _____



Na minha experiência de vida, percebi que a diversidade, muitas vezes, é questionada até dentro da própria família. Sempre ouvi a frase “você parece que não é dessa família”, isso porque sempre fui tímida, falava baixo e gostava de estudar. Mas acredito que isso só me dava mais motivação, afinal, eu queria mesmo ser diferente. Hoje me sinto realizada em minha profissão, casamento e religião a qual pertenço. E acredito que a diversidade dentro de minha própria família me serviu para amadurecimento. Sendo assim, acredito que a diversidade na escola, trabalho, ou em qualquer outro campo nos garante esse aprendizado e crescimento, desde que exista o respeito mútuo.

Gláucia _____





Atendo a alunos acima da faixa de 10 anos de idade, já que leciono também no EJA. Com eles tenho lidado com muitas situações de preconceitos ligados à diversidade de gênero, etnia, cultura e deficiências diversas. Não sabia que cada texto que eu lesse durante a realização do curso, que cada atividade que eu desenvolvesse, pudesse causar tamanha mudança em mim, na maneira de ver as coisas, e me acrescentaria tanto conhecimento sobre o assunto.

A história nos leva a um tempo em que não tínhamos noção de como eram ou como aconteciam as coisas. Mas ao estudar verifiquei que em muitos momentos estive em outros séculos, vivendo e assistindo situações deploráveis de maus-tratos, de humilhação e de exploração de povos diferentes por etnias, costumes e culturas, mas que eram gente como a gente. Depois, “viajei” nos tempos em que as pessoas achavam tais situações normais. Tão normais a ponto de não enxergarem o preconceito que tinham, tratando outras pessoas como “inferiores” e não reconhecendo os maus-tratos que infligiam àqueles seres humanos.

Mais recentemente, no século XX, algumas pessoas, resolveram “rever” as questões de violência, apatia, preconceito, discriminação que os negros e índios do Brasil vinham sofrendo e ainda sofrem, e tomaram a decisão de criar leis que os protejam e deem a eles um mínimo de direitos e dignidade. No entanto, nesse mesmo ano de 2015 eu tive a oportunidade de visitar uma aldeia num parque em São Paulo, e o que vi? Índios Guarani, à beira da miséria, com seus espaços tomados pelo homem branco e vivendo de forma deplorável em barracos de madeira e sem a menor condição de vida.

Portanto, trabalhar com essas questões se faz urgentemente necessário e pertinente para os dias de hoje.

lara _____





Eu não me considerava uma pessoa preconceituosa, até começar a trabalhar como professora. Minha primeira escola era próxima a uma comunidade e foi aí que eu percebi como nós temos preconceito sim, pois antes mesmo de conhecer a escola e os alunos já fui fazendo julgamento, pensando em como esses alunos seriam. Mas foi maravilhoso quando entendi que, independentemente de onde moramos, todos nós temos sonhos, necessidades físicas, emocionais e financeiras. Conheci pessoas maravilhosas, e aprendi a prestar mais atenção aos meus pensamentos e atitudes, principalmente quando envolvem outras pessoas.

Ingrid





Conheço uma pessoa muito próxima da minha família, que sofreu preconceito, principalmente na escola. Por morar em uma cidade muito pequena, sofreu calado. Não se aproximava dos meninos, mas também não namorava meninas. A sua família, ao perceber seu comportamento diferente, preferiu não acreditar, apesar da angústia ao presenciar as brincadeiras que faziam com ele e que não eram agradáveis. Contudo, ao terminar o ensino médio, ele veio para São Paulo, onde pode se realizar como pessoa, com o direito de ser respeitado e tratado com dignidade.

lone _____



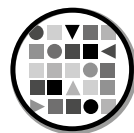
Sou uma mulher de 30 anos, pele branca, cabelo enrolado, magra, moro na periferia da cidade de São Paulo, sou professora. Morar na periferia não é um problema quando me relaciono com amigos da escola de samba que frequento, mas acarreta estranhamento quando me relaciono com algumas pessoas da elite carioca, com as quais tenho contato esporadicamente.

Ser mulher já me rendeu algumas piadas no trânsito, como: “Nossa! Você dirige bem para uma mulher”.

Ter a pele branca, sem dúvida, faz com que eu tenha experienciado determinados tipos de reações. Como tenho o cabelo enrolado, isso incomoda a algumas pessoas, que dizem: “Você nunca pensou em fazer progressiva?” “Se você usar determinado produto vai abaixar bem o volume”.

Hoje sou magra, mas já fui gorda e recebia os mais diversos apelidos, como “baleia”, “saco de areia”, além de não estar entre as queridinhas dos garotos. Então, tive que encontrar outras maneiras para ser aceita perante o grupo, como me tornar a bagunceira do fundo da sala, usar boné, calça larga e regata, pois me sentia ridícula com roupas “femininas”, não que ficasse menos ridícula assim, mas pelo menos os outros não riam de mim.

Jaci





Na minha experiência particular, pensar com mais conhecimento na diversidade cultural é algo novo que surgiu depois de adulta. Enquanto crianças éramos ensinados a respeitar o próximo, refletíamos sobre princípios éticos e valores. Mas no que se refere à diversidade cultural existia um padrão que era considerado correto e válido socialmente. Nele se valorizava o homem branco, heterossexual, a religião cristã e, claro, pessoas que tivessem posses materiais.

Eu, infelizmente (hoje digo felizmente), não fazia parte desse contexto. Sou filha de pais negros e pobres que acreditavam que a boa educação tinha que acontecer em escolas cristãs, e para isso faziam um esforço tremendo para nos manter numa instituição particular (eu e meus cinco irmãos) dirigida por freiras católicas alemãs, onde a cultura brasileira e popular do meu estado nunca foi valorizada. Nesse contexto, não éramos valorizados como pessoas, pois não fazíamos parte da cultura dominante. Para ser mais respeitados precisávamos ser excelentes alunos e tirar ótimas notas. Por isso estudávamos muito e não tínhamos o direito de cometer nenhuma infração, afinal, estávamos recebendo o favor (pois tínhamos ajuda financeira na mensalidade) de estar estudando naquele ambiente.

Durante muito tempo considerava aquilo normal, mas hoje, depois de muitas leituras e formações, percebo o quanto não éramos valorizados naquele contexto. Além disso, essa educação que valorizava o “tipo” aceito socialmente fez com que eu carregue em mim até hoje resquícios dessa concepção. Por isso, muitas vezes me pego soltando frases equivocadas, com pensamentos equivocados, repetindo coisas que todos dizem e que são preconceituosas e não valorizam o diferente.

Jandira





Sim, considero-me preconceituoso, apesar de me policiar constantemente para não sê-lo. Refiro-me ao preconceito étnico-racial, pois não tenho esse mesmo problema com a diversidade sexual e de gênero. Infelizmente, tendo a associar os negros a pessoas mais pobres e, algumas vezes, considero-os mais “suspeitos” do que os outros. Creio que isso talvez esteja relacionado ao fato de que convivi com muito poucxs negrxs em minha infância, e eles estavam sempre em funções subalternas, como serviços de faxina.

Lembro-me de um caso marcante de preconceito quando ainda era estudante dos primeiros anos do ensino fundamental de uma escola privada de classe média da zona oeste de São Paulo. No meu ano havia apenas uma colega negra e nós, riquinhos e branquinhos, éramos frequentemente racistas, até que uma professora nos deu uma bronca muito séria, que surtiu efeitos pedagógicos significativos em nossa turma. Além de trabalhos de promoção da diversidade, muitas vezes se fazem necessárias intervenções mais duras.

Júlio





Já em fase adulta retornei à faculdade para cursar mais uma graduação, na ocasião, em licenciatura em Ciências da Natureza, na Escola de Artes, Ciências e Humanidades, cujo objetivo é promover a interação com a comunidade da zona leste, com atenção especial às atividades desenvolvidas para suprir as necessidades locais da região e suas peculiaridades, em vista de ser uma região marcada pela diversidade sociocultural e desigualdades socioeconômicas, promovendo assim um processo de reestruturação econômica e urbana nos bairros e suas comunidades.

A turma em que fui matriculada era bem diversificada e, na prática, poderia abordar todas as questões sobre diversidade; nesse caso, a diversidade na faculdade.

Os alunos que compunham essa turma eram de diferentes situações socioeconômicas, diferentes classes sociais e oriundos de diferentes regiões, não só da cidade de São Paulo, mas também de outras regiões do país. Para mim foi uma experiência incrível ver aquelas pessoas reunidas em um local de acesso limitado por diversas questões. Também me incluo, pois vim de uma educação de ensino público bem precária.

Era uma turma de ambos os sexos: masculino e feminino, composta por pessoas de diferentes orientações sexuais e de diferentes gerações que interagiam de maneira natural, visível na forma como se estruturavam para compor grupos de trabalho, afinidades e outras características.

Nessa vivência tive o privilégio de conhecer quase todos um pouco mais a fundo do que um simples “oi”, pois sempre me interessei pelo outro, pelo ser humano. Um pouco por curiosidade, mas é muito além. Conheço histórias de vida de pessoas que conseguiram alcançar seus objetivos, seus sonhos, os quais muitas vezes essa nossa sociedade elitista tenta barrar, principalmente nas classes desfavorecidas.

Essa experiência (que não resultou na minha formatura) de cinco anos de convivência me fez estar em contato com muitas pessoas, muitas histórias vividas e compartilhadas. Algumas amigas sobreviveram para além dos muros da faculdade, e todo esse período me tornou uma pessoa diferente, com um olhar mais apurado em relação às diversidades.

Janete

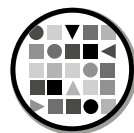




Vivemos em um país rico em diversidade cultural, com uma mistura de povos, religiões, línguas, danças, entre outros fatores, e é através dessas diferenças que nos agrupamos, tudo que é diferente desse grupo nos causa preconceitos. Quando fazia aula de dança de salão, meu primo me convidou para irmos a um baile, mas chegando no local me senti constrangida, pois ali só havia pessoas negras e eu a única branquela.

Todos me olhavam de modo diferente, as mulheres esbarravam e jogavam suas tranças em mim o tempo todo. Fiquei quieta em um canto até meu primo me chamar para dançar. Acabei mostrando a eles que mesmo sendo branca tinha samba no pé e dançava muito bem samba de gafieira. Mesmo assim nunca mais voltei àquele lugar.

Jaqueline _____





As pessoas defendem que todos somos iguais, que não há diferenças pelo fato de sermos homens ou mulheres, mas eu vivenciei esse preconceito há algum tempo quando iniciei minha carreira. Fiz magistério no meu ensino médio e comecei a faculdade de Mecânica Industrial. Quando comecei a busca de estágio me deparei com o “pré-conceito” de que essa área não era para mulheres, e tive muitas dificuldades em me colocar no mercado de trabalho. Fiz estágios em duas empresas e na última descobri que ganhava menos que outro estagiário pelo fato de estarmos em anos diferentes da faculdade; entretanto, exercíamos a mesma atividade, então creio que o fator determinante na verdade era o fato de eu ser mulher. Enfim, terminei a faculdade, mas mudei de ramo e voltei para o magistério.

Jasmim



Nos ambientes sociais sofri discriminação apenas por gostar “de algo diferente”. Isso sempre foi motivo para risadas e apontamentos. Infelizmente, no ambiente familiar a não aceitação também foi muito grande, porém tive que compreender o lado de meus pais. Foram criados no interior de São Paulo, na roça, e não tiveram acesso a estudos ou a outras formas de ver a vida, afinal, somos fruto de um processo sócio-cultural-histórico. Não que isso os justifique, porém, compreender a sua realidade para tentar modificá-la é de grande relevância.

Decidi estudar sobre gênero e diversidade na escola para ter um olhar além do que vivi. Estou gostando muito dos debates, acho de extrema importância abordar esses temas de preconceito sobre raça, sexualidade, gênero, entre outros. Dialogar sobre esses temas faz expandir os horizontes.

Jenifer _____





O contato com o conteúdo apresentado no curso “Gênero e diversidade na escola” tem me levado a refletir muito a cada aula e a cada leitura dos textos ou vídeos propostos. Quando iniciei o estudo sobre a diversidade percebi que em todos os meios as pessoas são muito diferentes, seja em relação aos seus hábitos, costumes, crenças, filosofia de vida, cultura, opção sexual, etc. Pude, com essa experiência, perceber a importância do respeito à diversidade e me convencer que esse respeito só se constrói quando se passa a ter conhecimento sobre o desconhecido, ou seja, o que foge aos padrões impostos pela sociedade. Percebo então a escola como o melhor espaço para se trabalhar essas questões, já que temos como objetivo formar um cidadão crítico e participativo em nossa sociedade.

Jordana _____



Não podemos ensinar aquilo que não conhecemos ou em que não acreditamos, por isso o primeiro passo é fazer com que o professor e todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem de fato acreditem que *somos todos iguais dentro das nossas diferenças*.

Karina _____





Quando entrei na prefeitura comecei, no meu segundo ano, a frequentar cursos de formação de professores. Um deles tinha o tema: "cinema, educação e diversidade sexual". Estou certa de que meu grande interesse pelo assunto foi amplificado após esse contato. Nunca mais parei de frequentar palestras, cursos e formações com essa temática. Obviamente, depois de dois anos, meus conhecimentos estão mais aprofundados do que no início; contudo, estou longe de saber tudo a respeito.

Gostaria de destacar dois pontos: primeiro, a gravidade do problema de nem a suposta elite intelectual brasileira tocar em questões como gênero, raça e diversidade sexual e segundo, o tamanho da invisibilidade imposta aos ditos excluídos ou marginalizados sociais; já que só aos meus vinte e tantos anos tive contato com pessoas que viviam essas outras realidades e outras experiências de vida.

Kiara _____



Sou docente na disciplina de Educação Física em duas escolas públicas localizadas em São Paulo, uma estadual e outra municipal. Meus alunos/as estão, em média, na faixa etária de 11 a 16 anos, e no cotidiano da sala de aula tenho lidado com uma multiplicidade de identidades e marcadores sociais como gênero, classe social, sexualidades, cor/etnia, enfim. Ao aprofundar essas questões de marcadores sociais x diferenças x desigualdades de forma histórica, crítica, os conteúdos do curso Gênero e Diversidade na Escola têm me possibilitado o (re) pensar sobre minha prática pedagógica, ou seja, têm me ensinado a reconhecer marcadores sociais que historicamente produziram e produzem diferenças e desigualdades, e os conteúdos têm possibilitado que meus planos de ensino também contemplem essas categorias.

Kim





Não imaginava que os conteúdos apresentados ao longo do curso fossem me envolver da forma como me envolveram, ao nos instigar a questionar nossa identidade. Confesso que foi um pouco difícil porque, em uma sociedade complexa como a nossa, às vezes eu não sei quem eu sou. Então, logo de início, o conteúdo já me fez refletir sobre a minha identidade, e, além disso, me fez refletir sobre a identidade dos outros alunos, inclusive sobre o que eles se permitiriam expor em relação a suas vidas.

Foi a partir daí que constituí a minha apresentação, pensando em quem eu sou hoje, em quem eu fui ontem, nos eventos pelos quais passei, no que eu quero ser no futuro e no que espero dele.

Laila _____



Consegui repensar minha trajetória ao longo do curso, e a tarefa de refletir sobre a temática gênero e diversidade deixou de ser tão complexa quanto eu imaginava. Trabalhar os preconceitos já existentes internamente e sem ao menos entender sua origem foi bem complicado. O primeiro passo foi uma retrospectiva histórica da minha construção familiar, e o segundo passo foi perceber que tudo na vida é uma questão de reflexão, compreensão e transformação.

Mas aceitar o próximo como igual e, mais ainda, saber lidar com situações adversas ao senso comum e ao tradicionalismo familiar foi o terceiro passo, e o mais difícil. Porém, ao me encantar com as palestras de Chimamanda e os vídeos propostos pelo curso percebi o quanto ainda não sei nada e o quanto ainda preciso aprender para compartilhar as minhas experiências com os outros, principalmente dentro da minha própria família.

Apreendi por meio do conteúdo apresentado a lidar melhor com meu filho, que assumiu sua sexualidade aos 17 anos. Dentro da retrospectiva de sua tão pouca idade, vim a perceber que ele desde muito cedo já vinha pedindo ajuda para lidar com a situação.

Ele precisava se aceitar e mais ainda, precisava de nossa aprovação. Hoje, já feliz com sua sexualidade, trabalha junto à família, e nada mudou: ele continua sendo o mesmo filho, neto, sobrinho, irmão, primo, amigo que sempre foi.

Difícil para uma família até então tradicional, principalmente por causa do avô, mineiro e conservador. Porém a etapa mais difícil já foi vencida, agora é saber lidar com sua nova vida e as dificuldades que aparecerão pela frente. Mas com uma família unida tudo fica mais fácil.

Laísa _____





Quando era estagiária, percebia que as professoras solicitavam aos alunos meninos ajuda com coisas mais pesadas, como pegar livros, carregar mesas, cadeiras, e às meninas, distribuir atividades, organizar outras coisas. E acabei reproduzindo isso. No entanto, ao iniciar um curso sobre gênero e diversidade tocaram nesse assunto. Logo na semana seguinte eu fui organizar minha sala para passar um filme e precisava buscar dois bancos. Chamei os meninos mais fortes para essa tarefa. Uma aluna reclamou que eu nunca chamava as meninas. Assim, repensei. Comecei a ver que elas tinham interesse em me ajudar, e desde então eu envolvo todos os alunos em todas as atividades. O que levo em consideração na hora da escolha é o interesse deles em me auxiliar em determinadas atividades.

Outra coisa que ficou muito latente para mim foi o tal lápis cor de pele. Que lápis é esse? Falo sempre para os meus alunos: "Estiquem o braço, olhem pro lado, alguma pele é igual? Então como vai existir um lápis cor de pele?" Explico que há vários tons de pele e alguns lápis se assemelham a eles – o bege, o salmão, o marrom, o preto, entre outros, e eles podem escolher qualquer um. No entanto, eles ainda têm a preferência pelo salmão, “brigam” para achar esse lápis para pintar.

Lara _____





Pensando na minha própria experiência com a diversidade cultural acredito que, apesar de ser mulher e isso pesar muito em nosso dia a dia como apontei acima, sou uma pessoa de sorte. Primeiramente, porque sou branca, magra, tenho cabelos claros e lisos, herança de uma família com origem europeia. Digo que dei sorte porque, possivelmente por conta desses atributos físicos, não experimentei sensações de discriminação ou racismo, diferentemente de muitas outras pessoas que compartilham este curso comigo.

Para além disso, outra sorte que dei: escolhi a educação e fui trabalhar na periferia de São Paulo. Aqui, pisando nesse território, pude me dar conta de que, diferentemente das minhas experiências, o racismo e a discriminação existem sim e vitimam homens negros e pobres, mulheres de uma forma geral, famílias migrantes e imigrantes, famílias organizadas fora dos padrões cristãos, dentre tantas outras minorias, o que me fez perceber que meu ponto de vista sobre o assunto estava completamente equivocado. A discriminação existe sim, estampada nas revistas e em outras mídias sociais que privilegiam uma classe e um estereótipo em detrimento do outro, bem como também representam um gênero como sendo superior ao outro.

Larissa





Deparamo-nos com um mundo em que modelos são colocados como ideais; uns se consideram melhores e superiores aos outros numa visão vertical da sociedade, e isso é endossado pelos próprios livros de história quando definem classes ou apresentam a tão conhecida pirâmide social, em que uns sempre se sobrepõem a outros. Essa visão dominadora é o que desperta o pior na humanidade e promove as grandes guerras; é uma visão social homogênea e esnobe que desconsidera todos os que não fazem parte de seu pequeno círculo minimalista, faltando-lhes ampliar os horizontes e olhar o outro nos olhos, e não mais de cima para baixo.

Tratando de protagonismo infanto-juvenil e tendo como base a minha trajetória histórica, vejo que nunca fui apática ou mera espectadora nas lutas por mudanças. Já participei de greves e de inúmeras manifestações e vejo que, enquanto não deixarmos a inércia e finalmente assumirmos o nosso papel de cidadãos, nada vai mudar e as injustiças, que são muitas, só tendem a aumentar.

Laura _____



Conteúdos como os apresentados nesse curso sobre gênero e diversidade contribuem imensamente para minha formação. Poucas vezes antes tive a tarefa de rememorar um caminho percorrido, escrever sobre minhas próprias ações, lembrar o trajeto e constatar se ele foi eficaz para minha formação.

Lavínia _____





Sobre a definição de alteridade: “basicamente, que o homem social interage e interdepende do outro; capacidade de se colocar no lugar do outro na relação interpessoal e dialogar com o outro”. Lindas e significativas palavras, mas será que colocamos em prática todo esse altruísmo quando a sociedade atual nos transforma em seres tão individualistas?

A convivência com toda essa diversidade implica conhecimento, valorização e respeito ao outro, e como sempre a escola é um espaço de compartilhar o conhecimento, a cultura e a história de um povo. Devemos refletir mais sobre o que a TV deturpa e vende, a sociedade aceita e a família reproduz, sem pensar no preconceito velado, ou seja, estereótipos negativos. Devemos pensar e repensar sobre como assegurar o direito de todos nessas situações, como estabelecer soluções, limites e regras, e como utilizar as políticas públicas existentes para avançarmos na justiça social.

Leandra _____



Sendo negra, durante toda a minha infância ouvi xingamentos e piadas racistas. Após crescer fui impedida de fazer um personagem de teatro por ser negra. Uso o cabelo *Black Power* pois hoje sei me posicionar, e penso que esse ato político de assumir o corpo negro ajuda outras pessoas e se assumirem também.

Quando penso a alteridade em relação ao outro, penso no estrangeiro, no imigrante. Tento me colocar no lugar deles nas diversas situações, assim posso tentar fazer o caminho inverso e saber como o imigrante gostaria que se portassem em relação a eles. Tenho contato com imigrantes africanos de alguns países e também com haitianos. A primeira ação é acolhê-los.

Leda _____





Durante minha infância minha mãe contava suas histórias de vida e, principalmente quando eu questionava sobre nosso sobrenome, ela dizia que era indígena, que minha bisavó foi pega no mato. Achava muito interessante a história, porém, ao entrar na escola, foi motivo de gozação e de vários apelidos que me deixavam triste e sentindo-me inferior. Os apelidos incomodavam tanto que um tio até resolveu pagar para mudar o sobrenome. Conforme fui crescendo, ia conversando com meus colegas e explicando que vivíamos num país onde a miscigenação era muito forte, que aqui nos éramos uma mistura de negros, brancos e índios, que isso era uma fusão de etnias e culturas.

Na realidade, sinto orgulho do meu sobrenome, pois pesquisando descobri que corresponde a uma árvore nobre cujas sementes são utilizadas na fabricação de perfumes e até na alimentação. Não é fácil lidar com o desafio da convivência com a diversidade, visto que somos produtos de uma educação que faz com que, em alguns momentos, consciente ou inconscientemente, reproduzamos preconceitos.

Léia _____



Através da leitura e reflexão sobre os textos e vídeos estudados, estou podendo rever meus próprios conceitos, o que com certeza irá melhorar a minha prática docente. Alguns temas têm me deixado mais à vontade, mas existem alguns fatores, principalmente ligados aos meus valores e crenças, que me deixam um pouco mais apreensiva.

Sei que ainda tenho que desconstruir muito da minha própria vivência em sociedade para depois reconstruir, e para não reproduzir certas ações discriminatórias que estiveram presentes na minha formação como ser humano. Estou disposta a romper com minhas próprias barreiras para que isto ocorra e eu possa me tornar uma pessoa melhor para mediar a formação de pessoas melhores.

Leona





No projeto Gênero e Diversidade na Escola busca-se desenvolver uma postura crítica em relação aos processos de naturalização da diferença, embora reconheçamos que desigualdades sociais e políticas acabam sendo inscritas nos corpos: corpos de homens e mulheres, por exemplo, tornam-se diferentes por meio dos processos de socialização. Além disso, frequentemente o discurso racista utiliza características atribuídas às mulheres para inferiorizar negros/as, indígenas ou outros grupos considerados inferiores.

A escola precisa estar sempre preparada para apresentar não uma verdade absoluta, mas sim uma reflexão que possibilite aos alunos e às alunas compreender as implicações éticas e políticas de diferentes posições sobre o tema e construir sua própria opinião nesse debate. A ideia de que educação não é doutrinação talvez valha aqui mais do que em qualquer outro campo, pois estaremos lidando com valores sociais muito arraigados e fundamentais.

Assim, diferentes desigualdades se sobrepõem e se reforçam. Faz todo o sentido discuti-las em conjunto, pois aquele que é considerado como cidadão, o sujeito político por excelência, é homem, branco e heterossexual. Em torno dele constrói-se todo um universo de diferenças desvalorizadas, de subcidadãos e subcidadãs. Ao discutir tais questões com os/as professores/as brasileiros/as, busca-se contribuir, mesmo que modestamente, com a escola em sua missão de formadora de pessoas dotadas de espírito crítico e de instrumentos conceituais para se posicionarem com equilíbrio em um mundo de diferenças e de infinitas variações. Pessoas que possam refletir sobre o acesso de todos/as à cidadania e compreender que, dentro dos limites da ética e dos direitos humanos, as diferenças devem ser respeitadas e promovidas e não utilizadas como critérios de exclusão social e política.

Precisamos, portanto, ir além da promoção de uma atitude apenas tolerante para com a diferença, o que em si já é uma grande tarefa, sem dúvida. Afinal, as sociedades fazem parte do fluxo mais geral da vida e a vida só persevera, só se renova, só resiste às forças que podem destruí-la através da produção contínua e incansável de diferenças, de infinitas variações. As sociedades também estão em fluxo contínuo, produzindo a cada geração novas ideias, novos estilos, novas identidades, novos valores e novas práticas sociais. Se o projeto Gênero e Diversidade na Escola contribuir, um pouco que seja, para a formação de uma geração que entenda o caráter vital da diferença (pelo menos de algumas delas), já terá cumprido em grande medida seu objetivo.

Lair





Uma experiência que cabe relatar e que advém dos conhecimentos adquiridos no curso Gênero e Diversidade na Escola e no PEA de uma das escolas em que leciono: ocorreu quando eu regressava com um grupo de alunas adolescentes, praticantes de voleibol, da final municipal da modalidade, categoria infantil (até 17 anos). O motorista, conversando conosco durante a viagem, ao entrar no bairro em que se localizam as escolas (Jaraguá) perguntou como era esse bairro, pois seu conhecimento sobre o mesmo era mínimo e se baseava numa visita há muitos anos ao Pico do Jaraguá. Uma das alunas, de cor branca e cabelos claros, relatou que o bairro estava horrível, devido à “infestação” de índios mendigos. Fiquei indignado com o discurso dessa aluna por referir-se à quem sempre estive no Jaraguá. Minha nota: esse bairro possui pelo menos cinco aldeias indígenas, que estão tendo sérios problemas com alguns supostos “donos de propriedades” que requerem as terras onde se localizam essas aldeias, via justiça comum. Eu e o motorista tratamos de falar com essa aluna (que não reconheceu o que disse) sobre não ser justo julgar quem sempre estive ali, pois os invasores somos nós. Descemos do ônibus, eu, a aluna e o restante do grupo de garotas, sem que ela reconhecesse seu erro.

Leonardo _____





Se eu me considero uma pessoa preconceituosa? Até pouco tempo atrás minha resposta seria não. Mas hoje, partindo do princípio de que o preconceito não é apenas a ação, mas também qualquer opinião expressada sem exame crítico, posso dizer que sim, que às vezes expresso opiniões preconceituosas, e acredito que estão relacionadas à minha história de vida, ao contexto e ao momento histórico, ao meio social em que vivi. Mas isso não quer dizer que essas opiniões não possam ser desconstruídas e reconstruídas sobre uma nova perspectiva, da diversidade, do direito à diferença e do respeito, e eu venho trabalhando para isso.

Algumas experiências me marcaram bastante, especialmente uma relacionada à minha família e ligada ao racismo.

Ao me deparar com a pergunta “Se todos somos diversos e diferentes, mas iguais, como isso se deu em sua própria experiência particular?” me lembrei muito da minha mãe e dos ensinamentos que ela me dava. Alguns foram para mim de grande valia, enquanto outros, ao longo do tempo, mostraram não ter a mesma importância.

Entre esses ensinamentos, me lembro de que, desde criança, ela sempre me estimulou a me espelhar em minhas irmãs mais velhas, minhas amigas, minhas tias, de forma a me portar como uma moça “bem-criada”, com educação. Sempre se preocupando com as opiniões da família, dos amigos e da vizinhança.

Durante muito tempo levei a sério esse ensinamento. Desde a antiga pré-escola até a 8ª série estudei em escolas religiosas, onde esses valores eram muito reforçados. No ensino médio fui estudar em uma escola técnica estadual, em período integral, no centro de São Paulo e me deparei com uma realidade completamente diferente. A diversidade dos alunos da escola, do seu entorno, além, é claro, da sensação de liberdade, me maravilharam. Passei a conviver com pessoas completamente diferentes umas das outras e percebi que não precisava, necessariamente, ter alguém como um modelo a ser seguido, podia simplesmente aprender o que eu achava bom e ser eu mesma. A partir daí descobri minha identidade como pessoa, da minha pessoa, única como todas as outras pessoas neste mundo.

Madalena _____





A partir dos conteúdos apresentados ao longo do curso sobre diversidade cultural refleti sobre minha experiência, como aluno, durante o período escolar e, atualmente, como professor.

Aluno em um colégio de freiras, entre os anos 80 e 90, lembro-me da postura dos professores, interessados em apresentarem-se como detentores do saber e sem vínculo com os alunos. Sua função era apenas expor seus conhecimentos como verdade e avaliar os alunos, constantemente apontando os que se destacavam e os que poderiam não dar bons frutos.

A sala de aula – esse barco de diversidades que busca(va) a homogeneidade – não dava espaço para os alunos serem vistos como sujeitos; éramos peças nas quais o conhecimento seria depositado.

Eu era uma peça naquele barco. Conceitos como *bullying* não existiam e eu sofri muito durante o período escolar por ser gay, principalmente entre os 7 e 12 anos. Na verdade, nem precisaria existir esse conceito, bastaria existir o olhar dos educadores para um aluno que estava sofrendo, sendo constrangido, mas não, era mais fácil fingir que nada estava acontecendo, que a função deles era apenas conteudista.

Gostava de brincar com as meninas, era delicado e recebia insultos diários por brincar de amarelinha, pular elástico ou pelo meu jeito de andar. Os alunos da minha sala costumavam me respeitar, mas os demais, principalmente os maiores, eram cruéis nas ofensas. Eu tinha medo na hora do recreio, eu não ia ao banheiro em nenhum momento na escola e também tinha medo na hora da saída.

É claro que tudo isso deriva da diversidade cultural que não era discutida em sala de aula e que, por isso, acabava gerando conflito. Era um colégio particular, religioso e que, inevitavelmente, principalmente naquela época, tinha predominância de alunos brancos e onde sexualidade não era discutida.

Toda essa experiência influenciou minha vivência como professor. Lembro-me da primeira vez em que coloquei os pés em uma sala de aula como professor. Houve um conflito interno muito grande. Os modelos de professor que tive durante meu período escolar eram como robôs. Eu, naquele momento, estava sentindo frio na barriga, ansiedade, nervosismo e não conseguia associar tais emoções/sensações ao cargo de professor.

Precisei desconstruir esse modelo que tinha para conseguir refletir sobre o real papel do professor e sobre as formas como eu realmente





poderia acrescentar à vida dos educandos. O conflito, hoje, consiste em agregar os conteúdos curriculares – muitas vezes, arcaicos – a reflexões que agregarão aos alunos como sujeitos, individualmente e no coletivo. Em minhas aulas, sempre que possível, fazemos rodas para trocar ideias; ideias estas nem sempre relacionadas às disciplinas que leciono (Inglês e Artes). Percebo que as crianças e os jovens hoje estão carentes de adultos para compartilhar suas experiências. Eles têm muito mais acesso a informações, mas não sabem muito bem o que fazer com elas, além de não terem apoio em casa e nem – ainda – de muitos professores.

Mário _____



Minha vivência como estudante se deu no contexto da ditadura militar, e a referência de escola que tive foi resultado de uma combinação perversa: um currículo desprovido de qualquer preocupação com uma formação emancipadora e atrelado a rígidas regras de comportamento, tanto para o corpo docente quanto para os estudantes. Essa formação repercutiu por muito tempo na minha prática docente, e até hoje luto para superar tal concepção de educação. Meu interesse no conteúdo do curso Gênero e Diversidade na Escola reflete um esforço no sentido dessa superação. Para mim, está muito claro que a escola do século vinte e um precisa dar um passo à frente, romper com a fragmentação do conhecimento em disciplinas e lançar mão do direito à autonomia pedagógica previsto pela LDB, gestando um plano político pedagógico voltado para a formação de cidadãos e cidadãs. Acho impossível a construção de uma sociedade onde a dignidade da pessoa humana seja reconhecida com seu devido valor sem que a escola participe dessa transformação.

Se sou preconceituosa? Seria muita pretensão dizer que não, mas tenho me esforçado para identificar, em meus discursos e atitudes, essa manifestação. Esse esforço se traduz na luta constante contra a formação que recebi, na busca por leituras e debates sobre o tema e, sobretudo, no empenho para refletir sobre o que é natural e o que é cultural na sociedade da qual faço parte.

Influenciada pela convicção de que as primeiras aulas deveriam ser inspiração para reconhecer na minha história as marcas da cultura, enoquei neste diário as inquietações que tais reflexões me despertaram. Relendo-o, agora, observo que apesar deste ter sido o meu principal foco, também destaquei a relevância do papel da educação para a desconstrução de valores injustos, fomentadores de privilégios e exclusão social.

Uma das descobertas mais incríveis que fiz ao entrar em contato com os conteúdos do curso foi a identificação das marcas da cultura na minha própria história. Essa descoberta que colocou em dúvida o meu conceito de liberdade e autonomia, pois não é possível ser livre quando os papéis socialmente construídos para homens e mulheres privam-nos do direito fundamental a uma vida digna. Levei um tempo tentando achar uma saída para essa conclusão inquietante, mas, num determinado momento de estudo do texto, deparei-me com a afirmação de que se as diferenças de gênero são socialmente construídas pela cultura, no entanto, uma das marcas fundamentais da cultura é estar aberta a questionamentos, discussões e modificações.

Maíra





Tendo participado de eventos, palestras e cursos há um tempo, percebi que havia uma ausência, uma grande lacuna na minha condição de educadora, e que era imprescindível um posicionamento sobre a questão. Então, escolhi trazer à tona as questões étnicas e de gênero para dentro da sala de aula e venho buscando mais informações, procurando conhecer mais práticas assertivas com a intenção de enriquecer e transformar a minha prática. Nasci preconceituosa, mas faço um esforço enorme para refletir sobre a condição do outro, e evitar situações de discriminação no futuro. Na minha turma de 8ª série tinha um aluno que pediu para ser chamado pelo nome social. A princípio, isso causou certo estranhamento: era a primeira vez que acontecia uma situação assim no fundamental. A direção da escola pediu para conversar com a família, entretanto os responsáveis demoraram a comparecer. Quando o fizeram, estavam muito constrangidos. Todavia, a partir do momento em que acrescentamos na lista de chamada o nome que ele escolheu, o aluno mudou. Sua disciplina melhorou, e ele parece estar mais feliz.

Faz muito tempo que abordo os temas cultura e diversidade cultural em minhas aulas. Nem sempre da forma mais apropriada, devo esclarecer, e às vezes usando termos equivocados. Para terem uma ideia, fiz uma exposição sobre as atrocidades cometidas em relação às mulheres em várias partes do mundo, como a retirada do clitóris em algumas regiões da África, como os pés deformados das mulheres chinesas e etc., mas não fiz um comparativo sobre as atrocidades cometidas conosco, mulheres ocidentais e, especificamente, brasileiras. Ao me omitir, acabei reforçando um conceito com o qual não compactuo, que é o etnocentrismo. A cultura ocidental também impõe um modelo de beleza, e também temos que romper com os estereótipos impostos.

Malu





Não sou professor, sou teólogo - e me apropriei dos conteúdos do curso Gênero e Diversidade na Escola para me instrumentalizar no sentido de tentar estabelecer um diálogo saudável entre a comunidade e a igreja. Foi excelente lidar com textos provocadores, e até tenho como sugestão inserir o diálogo com outras áreas de conhecimento, como a comunicação social e a mídia.

Compreendi nessa caminhada que, embora queiramos por vezes encontrar o sexo entre pares num viés romântico ou “enxertá-lo” em épocas a que não pertence, o homem romântico é invenção relativamente recente e demorou séculos para ser aprimorado, tendo se fixado na forma como o conhecemos hoje há coisa de duzentos anos.

Mateus _____





Pensando nas expressões e na tirania da linguagem, atualmente tenho trabalhado como coordenador e levo esse tema para a formação de professores, buscando provocar inquietações e reflexões, bem como incentivá-los a levar a questão de gênero e sexualidade para a sala de aula. Já na minha atuação como professor (tenho dois cargos), ainda não tive coragem de levar um projeto para o campo de ação, porém sempre problematizo quando acontece qualquer ação preconceituosa ou discriminatória contra a diversidade sexual, ou contra qualquer outra diversidade humana.

Enfim, o ato de caminhar em direção a um aprendizado que está intrínseco em nossa existência cotidiana vai nos fortalecendo como indivíduos, principalmente quando olhamos para trás enquanto sujeitos e vamos nos despidendo da pele que não nos pertence: o estigma de que *não somos normais*.

Matias





Quando procurei esse curso eu tinha um objetivo que declaro aqui. Na escola em que dou aula, especialmente numa turma do EJA, encontrei uma tremenda dificuldade para expor questões de gênero, principalmente no que se diz respeito à homossexualidade, pois temos um grupo bem conservador, machista e inclusive homofóbico, por conta de ser um grupo bem específico. Busco me especializar um pouco mais no assunto montando um referencial teórico para promover uma intervenção nessa sala.

Quanto à proposta da pergunta sobre se sou preconceituoso, acho pertinente dizer que estou na busca de um policiamento bastante intensivo para não ser, e isso tem me proporcionado certa convicção nessa questão. Porém, quando conheci o grupo do curso Gênero e Diversidade na Escola, me remeti a uma reflexão mais profunda sobre essa temática, concluindo que nunca podemos dizer que não somos preconceituosos, por conta de um passado histórico e massivo a que fomos submetidos.

Murilo _____





Toda cultura se constrói histórica e socialmente sob a forma de aprendizado e desenvolvimento autoprotetor para a manutenção do grupo social e de sua ascendência com base em seus valores estabelecidos e pré-estabelecidos. Daí o fato de tanto preconceito ao longo de centenas e centenas de anos na formação do ser homem.

Não posso dizer que sou uma pessoa livre dos preconceitos humanos. Gostaria muito que isso fosse uma completa verdade, mas ainda estou longe da perfeição, que não é uma coisa inerente ao ser humano.

Para isso tento minimizar o preconceito que sinto em relação a outrem, ao diferente, porque só temos preconceito em relação àqueles que nos apresentam singularidades diferenciadas das nossas.

Escrevo poesias que falam um pouco sobre as situações de repreensão, discriminação e coerção que sofremos na sociedade; pois até mesmo o fato de querermos impor o “não-preconceito”, de querermos impor o amor puro superior inquestionável, a não discriminação, também poderia ser visto como certo tipo de preconceito, não é verdade?

Apesar de eu nunca ter sido preconceituosa em relação a muitas coisas, como por exemplo, questões de identidade ou de gênero, mesmo sendo heterossexual, em relação a pessoas de diferentes classes socioeconômicas, em relação à formação escolar, eu ainda tenho bastante dificuldade em aceitar os evangélicos e os bolivianos sem o preconceito como *pré-conceito*.

Isso ocorre porque vejo em muitos evangélicos, pessoas radicais, que acreditam ser pessoas superiores, os únicos “salvos e escolhidos por Deus”.

Com os imigrantes da Bolívia, imigrantes esses muito presentes no bairro da Penha, esse preconceito surgiu pelo fato deles invadirem nosso espaço, ocuparem nosso bairro, sem fazer a mínima questão de aprender nosso idioma ou se adaptar à nossa cultura; o que qualquer pessoa educada e de bons modos faria ao se encontrar em um país estrangeiro. Eu mesma fiquei 40 dias em Massachussets falando apenas inglês, me inserindo ao máximo dos modos de vida do americano, me inserindo no grupo no qual me encontrava. Ainda assim, essa forma de preconceito nunca chegou a um grau de desrespeito ao outro, como por exemplo, no nível do *bullying*, que estou acostumada a ver nas escolas entre as crianças e os adolescentes, com agressões verbais ou físicas.

O importante é respeitar o outro, as diferentes formas de pensar, e o mais interessante do ser humano são as nossas diferenças, pois são elas que nos tornam iguais.

Manuela





Esse curso trouxe-me alguns desafios: interagir com a tecnologia, construir hábito de leitura focando uma temática e sair do senso comum em relação à diversidade de gênero.

Pelos diários que construí a partir de minhas vivências e pelas leituras realizadas, concluo que nenhum espaço social é neutro, e assim sendo, a escola não o é.

Sabe aquela máxima popular que diz que “o que os olhos não veem o coração não sente”? Então, o que era considerado senso comum era na verdade falta de informação e formação. Agora tenho informação e formação e passa a ser inaceitável acordar com as várias formas de preconceito, criminalização por questões de gênero e domínio cultural ou qualquer que seja a questão. O contato com os conteúdos ao longo do curso me convocou a pensar e fazer educação para a diversidade, humanizando-a, e não constituindo mentes homofóbicas, doentes.

Hoje, em meio a tanta ignorância sobre o que é gênero, sexo, formação da identidade, diferença, diversidade, ampliei gostosamente minha visão a partir da leitura dos textos apresentados. Essa experiência aumentou meu olhar (agora enxergo) e minhas possibilidades de compreender os “marcadores sociais” que tanto limitam o desenvolvimento de um “ser”. Por exemplo, ao participar na discussão do Plano Municipal de Educação de minha cidade, vivenciei as relações de poder, onde grupos de pessoas brigavam para retirar as palavras “gênero” e “diversidade” do projeto de lei. Na realidade era a não aceitação de outras formas de organização na sociedade. É muito claro (para mim) que a realidade não é algo natural, e sim uma construção humana.

Margarida





Relendo meus registros, percebi o quanto foi importante assistir aos vídeos, ler os textos sugeridos e ouvir as entrevistas. O conteúdo do curso Gênero e Diversidade nas Escolas despertou em mim um alerta sobre a displicência com que eu tratava os diferentes temas apresentados.

É fato que criei uma espécie de armadura para não me envolver em situações que trouxessem conflitos em minhas relações com os diferentes grupos sociais descritos na temática do curso. Contudo, jamais pensei que faria diferença observar, no olhar do meu aluno, a angústia por sentir-se discriminado por sua condição socioeconômica, ou a tristeza estampada no rosto de uma criança da nossa comunidade por sentir-se excluída pela cor de sua pele. Senti que meu papel não deveria ser de mera espectadora das situações de conflito, mas de atuar como mediadora, encarando o medo de me envolver.



Saliento que, além do conhecimento adquirido através das leituras, vídeos, fóruns e bate-papos, nada disso seria positivo se não fosse o acolhimento sensível da equipe de tutores e demais participantes do curso.



Vale lembrar um episódio ocorrido na sala de aula em que sou professora, quando um aluno me procurou, confidenciando que gostava de brincar com bonecas e de casinha. Percebi em seu olhar um pedido de aprovação e não resisti a abraçá-lo, compartilhando com ele minha alegria em vê-lo tão sensível e determinado. Me enchi de coragem (recordando o peso negativo de uma sociedade machista sobre a imposição de rótulos/estereótipos) e sugeri que os meninos participassem do brincar de casinha.



Solicitei à orientadora da sala de leitura obras que evidenciem a participação masculina brincando de casinha. Estou aguardando.

Mariane _____



A escola ainda traz mazelas de uma sociedade preconceituosa. É influenciada pelos modos de pensar e de se relacionar. O sofrimento surge de diferentes situações, e talvez só possa ser realmente avaliado por aqueles que foram submetidos a tais atos. Como educadora busco possibilidades de interação a partir da reflexão e do diálogo entre escola e comunidade, uma maneira eficaz de acabar com a estigmatização e marginalização que ferem, pois a convivência com a diversidade implica o respeito, o reconhecimento e a valorização do outro.

Minha reflexão no fórum foi sobre o que observamos e refletimos nos estudos ou mesmo o que vivenciamos e experimentamos no cotidiano escolar. O sofrimento é fato concreto para muitos quando se pensa em uma escola igualitária e para todos. Com a Nova Constituição de 1988 muita coisa tem mudado sim, mas precisamos mudar muito mais. Negros, homossexuais e pobres ainda são perseguidos, mas se calam por medo de represálias. Precisamos tomar ciência dos fatos. Nós, educadores, devemos conscientizar nossos alunos sobre a importância do respeito aos cidadãos segundo o que determina a Constituição Federal.

Mariângela _____





Escolhi ser professora-educadora, mas muitas vezes me deparo com situações em que o jargão “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço” fica em evidência. No decorrer da minha vida acadêmica e em situações rotineiras próprias do viver de todo o ser humano notei que minhas práticas sociais estavam mais humanitárias e igualitárias. Minha formação cultural familiar sempre reforçou de forma pejorativa alguns tipos de “diferenças” que hoje não existem na minha vida. Sou da época em que apelidos e brincadeiras escolares não ofendiam nem machucavam tanto. O nome disso hoje é *bullying*. Essas brincadeiras e apelidos já eram uma manifestação de aversão ou negação por algo que foge aos padrões daquilo que fora estabelecido socialmente como “certo”, “bom”, “modelo”.

Nos deparamos com diversos casos de preconceitos, diferenças ou diversidades diariamente. Alguns mais sutis, outros mais acentuados.

Sobre o jargão supracitado, o que mais me chama atenção é vivenciar situações em que muitos educadores apresentam um discurso em sala de aula e outro na sala dos professores: o preconceito social, racial, étnico, de gênero e tantos outros são reforçados de forma negativa pelos professores. É claro, em uma conversa informal, pego-me indagando “como a pessoa *APLICA* a igualdade e não *VIVE* a igualdade?”

Marjorie _____



No início me deparei com questões difíceis “para o meu entendimento”, mas, ao longo do curso, essas questões foram ficando mais simples e percebi que a proximidade com os temas propostos me fizeram desconstruir estereótipos e estigmas que me aprisionavam. Essa desconstrução veio através de reflexões sobre a minha própria vida, pois, ao lembrar e registrar situações de preconceito vividas por mim e por pessoas do meu convívio, passei a ver com outros olhos ao outro e a mim mesma.

O conteúdo do curso contribuiu para minha prática em sala, pois trabalho com alunos de recuperação paralela, um grupo estigmatizado por parte da gestão e docentes. São crianças e adolescentes vistos como incapazes, indisciplinados, com famílias desestruturadas etc.

E minha missão está sendo desconstruir esses estigmas, tanto para o corpo docente como para os próprios alunos.

Muitas vezes, em situações difíceis, acreditamos não poder fazer mais nada por esses alunos. Pois há uma diferença entre trabalhar na universidade, com estudantes que têm vontade de aprender, e trabalhar em uma classe na periferia, com alunos que rejeitam a escola, onde ensinar torna-se missão impossível. Nesses grupos há uma soma de dificuldades econômicas, sociais, familiares e escolares, e a maioria dos alunos não vê sentido na escola.

Aprendi que a prática da reflexão é muito positiva. Mas confesso que tive muita dificuldade para colocar em prática tudo isso.

Pensar num projeto de intervenção sobre os temas estudados me trouxe muitas dúvidas. Nessa hora eu pensei “Meu Deus, eu não sei como lidar com essas situações”. E fui buscar ajuda: nos textos, fiz pesquisas e perguntei as amigas como fazer.

Consegui criar o meu projeto, mas não tive a oportunidade de aplicá-lo, visto que já estamos no final do ano, e já havia um outro projeto em andamento na escola onde trabalho. Mas pretendo aplicá-lo no próximo ano. Acho que vai ajudar bastante os meus alunos.

Senti falta de alguns modelos de projetos de intervenção para nos inspirar. O curso proporcionou muitas reflexões e relatos, mas achei que poderia nos propiciar trocas de experiências através de projetos que deram certo.

Enfim, algo está se transformando em mim, mas ainda há um longo caminho a se percorrer. Esse curso foi o primeiro passo da minha caminhada enquanto ser humano em busca da igualdade e do respeito mútuo.

Marlene





Na aula inaugural busquei ligações entre as expectativas de vida e de trabalho e comecei a fazer os diários e a submeter meus relatos à opinião de outros, aprendi mais sobre preconceitos, fiz uma análise interna e crítica sobre os meus conceitos e pré-conceitos, observei exemplos, li referências bibliográficas, e citei um caso de uma aluna. Como não ser preconceituosa... Nossa cultura, a mídia, a sociedade e os valores que nos são impostos desde a infância nos levam a classificar o que é normal ou anormal, o que é padrão ou fora do padrão, o que é certo ou o que é errado. Já na adolescência contestamos e começamos a escolher e entender o que está por vir na idade adulta. Vivemos em uma sociedade machista, refém da estética, da beleza, da condição econômica, onde eu valho pelo que tenho e possuo, como bens materiais, pela sexualidade escolhida, pela cor da pele, pela religião, pela nacionalidade, entre outros aspectos. Como professora, vivencio praticamente diariamente situações em que o preconceito, as diferenças e as diversidades são evidenciadas, poderia enumerar várias, especialmente ocorridas com alunos de inclusão. Mas vou citar o caso de duas alunas de inclusão, uma com mobilidade parcial e a outra com tetraplegia. A primeira, ao ter a colega como aluna em sua sala, falou: “Nossa, ela fede... é horrorosa, que nojo só baba e ainda por cima não anda... é aleijada” (e gargalhavam).



Essa situação foi discutida na hora em sala. Debates, expliquei sobre as diferenças e preconceitos, os alunos se colocaram e a aluna foi direcionada para a coordenação e posterior conversa com os responsáveis.

Sinto que casos e mais casos surgem, aumentando com o passar do tempo. Às vezes acho que nado, nado e acabo afogada na beira da praia, pois os valores humanos, o respeito ao próximo e ao ambiente vêm perdendo sentido. E a educação acaba perdida nessa teia de preconceitos.

Após as leituras sugeridas e reflexão sobre o tema devemos sim discutir a questão da diversidade cultural em nossas escolas, porque no Brasil temos uma riqueza cultural imensa. A escola forma o cidadão, e deve oferecer mecanismos que levem a ele o conhecimento, o respeito às leis e normas das mais variadas culturas. A escola deve valorizar a diversidade, pois ela influencia e é influenciada pelos modos de pensar e de se relacionar na sociedade. Na escola temos uma gama de diversidades em todos os eixos, seja em questões étnico-raciais ou de gênero. Junto à



comunidade, aos familiares e ao Estado, devemos construir caminhos para a eliminação de preconceitos e de práticas discriminatórias. Devemos educar para a valorização da diversidade no próprio cotidiano escolar. Onde leciono temos muitos alunos bolivianos e conflitos surgem quase que diariamente. Presenciei várias dessas situações e confesso que é muito difícil lidar com elas, porém é essencial que o façamos.

Marta _____



A minha família vem de um lugar diverso daquele em que fui criada. Meus pais vieram do Nordeste – minha mãe, paraibana, meu pai, cearense e eu e meu irmão nascemos aqui, em São Paulo. Então, desde criança vivenciei essas diferenças e muitas vezes fui preconceituosa. No entanto, aprendi muito com eles, principalmente quando me dei conta – através da escola nas aulas de História – de que entender a cultura de meus pais era entender a mim mesma e aprender a respeitá-los em suas diversidades. A cultura de meus pais estava e está tão presente em minha identidade que algumas pessoas chegaram a me perguntar se eu realmente tinha nascido em São Paulo.

Martina _____



Esse curso tem me levado a refletir muito a cada aula e a cada leitura dos textos ou vídeos propostos. Quando iniciei o estudo sobre a diversidade percebi que em todos os meios as pessoas são muito diferentes, seja em relação a seus hábitos, costumes, crenças, filosofia de vida, cultura, opção sexual, etc. Pude, com essa experiência, perceber a importância do respeito à diversidade e me convencer de que esse respeito só se constrói quando se passa a ter conhecimento sobre o desconhecido, ou seja, aquilo que foge aos padrões impostos pela sociedade. Percebo então a escola como o melhor espaço para se trabalhar essas questões, já que temos como objetivo formar um cidadão crítico e participativo em nossa sociedade.

Matilda _____





Iniciei o curso achando que sabia de muitas coisas, que não tinha preconceito e que não agia de forma discriminatória. Porém, ao ler os textos, entendi como, indiretamente, agimos, falamos, pensamos como um todo da sociedade.



Palavras como gênero, identidade de gênero, homofobia, heterossexismo, orientação sexual, sexualidade não faziam parte do meu dia a dia, e eu nunca havia pensado em relacionar esses temas ao conteúdo da disciplina ou mesmo a um projeto.



São assuntos a serem tratados na escola e além de seus muros, é tema para ser usado na vida em sociedade.

Melissa _____



Quando comecei esse curso, achei que iria ter uma receita pronta de como lidar com essas questões no dia a dia do meu “trabalho”, que isso nada tinha a ver com a minha vida pessoal. Quanto engano.

Descobri em mim um lado preconceituoso que, por eu não perceber, não admitir ou por não me incomodar, muitas vezes não existia. Preconceito para mim era apenas em relação aos negros, e quanto a isso eu não tinha problemas. Quando comecei a ler os textos, comecei a me assustar com a minha ignorância sobre tantas coisas que, para mim, não faziam parte da minha vida. Mas me enganei mais uma vez, porque as coisas estão acontecendo ao meu lado e eu preferi ignorar, porque sou branca, não tenho filhos gays. Fácil, não é?

Fui acordando e percebendo que faço parte de uma sociedade e que os problemas também são meus quando comecei a me colocar verdadeiramente no lugar do outro, sentir o seu sofrimento e como é triste viver com esses preconceitos. No meu trabalho os problemas são menores, mas as minhas crianças passarão pelos preconceitos, porque a maioria é de alunos negros, pardos e nordestinos.

Milene _____





Como essa questão da diversidade é muito ampla, percebemos também e dialogamos sempre sobre as crianças portadoras de necessidades especiais que têm chegado à escola nos últimos anos, e sempre conversamos sobre a permanência delas nos espaços escolares. É consenso que as escolas precisam se adaptar a elas; é necessário acolhê-las, compartilhar experiências, aprender com elas e ter empatia, dentre outras tantas aprendizagens.

Vale ressaltar que muitas vezes não contamos com o apoio de outros especialistas, como o AVE (auxiliar de vida escolar), na escola, o que melhoraria a qualidade do atendimento.

É impossível falar da diversidade sem dialogar sobre a questão étnico-racial, já que muitas vezes as pessoas – principalmente aquelas que são adeptas de religiões de matrizes africanas – são vistas de uma forma desrespeitosa e com muitos estereótipos que precisam ser desconstruídos.

Mirelle



Minha mãe nasceu em Recife, veio para São Paulo com 14 anos e foi morar num bairro da zona oeste. Ela conta que, quando começou a frequentar a escola, muitas meninas riam dela, por causa do modo como falava, e muitos meninos se afastavam, exatamente pela maneira como se expressava. Ela relata que naquele tempo havia muita discriminação contra quem morava no Nordeste, contra o modo como se vestiam. Não havia interesse em valorizar a diversidade cultural; muito pelo contrário, o admirado era quem nascia no Sul.

No Brasil nos deparamos com uma diversidade de tradições culturais, e com a minha mãe não ia ser diferente. A diversidade cultural engrandece, enriquece o convívio em sociedade. Não há uma melhor que a outra, são apenas diferentes.

Quando era adolescente lembro-me de existir uma sala de aula próxima à minha que tinha alunos deficientes, e eu tinha muito medo deles, quando os via no pátio. Tentava ir para o lado oposto para não encontrá-los. Não existia a preocupação de incluí-los com os alunos da sala regular e faltava muita informação para nós que éramos estudantes. Totalmente diferente de hoje, pois agora convivo com alunos deficientes e tenho outra perspectiva em relação a eles e ao seu desenvolvimento. Ou seja, eu também tinha um certo preconceito, por falta de informação.

Não me lembro de ter feito parte de nenhum protagonismo juvenil. Minha escola não tinha nem grêmio, não havia esse comportamento, mesmo porque não fomos ensinados a refletir, a lutar contra o que achávamos errado. Acho até que é por isso que hoje em dia apoio as ações que colocam os alunos frente a situações que favoreçam o desenvolvimento do protagonismo.

Miriam





O conteúdo do curso Gênero e Diversidade na Escola me trouxe muitos momentos de reflexão. Como dito anteriormente, fui criada em família tradicional e minha visão referente à diversidade e gênero era confusa, e posso dizer até que era preconceituosa. Sou de pouca conversa e tenho dificuldades em escrever muito, mas acredito ter muito ainda a aprender. Poderei avaliar meus conhecimentos durante meu desenvolvimento ao lidar com situações novas. Estou disposta a aprender a lidar com o novo e, acima de tudo, a respeitar todas as diferenças.

Monalisa _____



Ampliar o olhar sobre a riqueza da diversidade do Brasil nos permite refletir o quanto a diferença e a diversidade podem servir para distinguir os grupos, para separar, para discriminar ou segregar e que essas correlações entre gênero e sexualidade, gênero e orientação sexual, gênero e etnia, gênero e relações raciais, perpassam, sempre, pelas relações que se dão dentro da escola.

A escola deve propor, em sua programação, o fornecimento de elementos objetivos para uma abordagem crítica das convenções sociais acerca da sexualidade, de modo a permitir que se trate com respeito os direitos do indivíduo como cidadão e cidadã, a fim de subsidiá-la/lo para a prática de promoção da igualdade de direitos nas escolas.

O aluno necessita de repertório para perceber o padrão de sexualidade considerado natural como construção histórico-cultural, para compreender que a sexualidade de uma pessoa está em permanente construção, sofrendo a influência de múltiplos fatores e relações, compreender o papel que instituições sociais como a família e a escola podem adotar na construção da sexualidade e no reconhecimento ou no estranhamento dessa diversidade, compreender a complexidade das relações entre sexo anatômico, identidade de gênero e orientação sexual, entender as dimensões pública e privada das questões sexuais, reconhecer as diferenças sexuais como elementos da diversidade humana às quais se relacionam direitos garantidos por documentos legais e direitos ainda a ser conquistados, refletir não só sobre os preconceitos em relação às identidades de gênero e sexual, como também sobre os que combinam essas classificações com outras (como raça/etnia e classe social), as quais agravam a discriminação que incide sobre as pessoas consideradas hierarquicamente inferiores dentro dessas categorias.

Isso deve acontecer de maneira tal que a convivência com a diversidade implique o reconhecimento, o respeito e a valorização do/a outro/a, com a suposição da inexistência do medo daquilo que se apresenta inicialmente como diferente, mas com características essenciais para a promoção da igualdade de direitos.





Nós, educadores, somos formadores de opinião, e ter contato com conteúdos e práticas como essas, que nos levam a discutir, refletir e pensar em ações que garantam a formação de cidadãos conscientes dos seus deveres e direitos, inclusive pensando também no outro, é sensacional.

Infelizmente, o preconceito se encontra muito presente, e por toda parte. No início do curso me titulei como “não preconceituosa”, mas, com o passar das aulas, pude perceber que por alguns momentos crio sim certo “pré-conceito” contra aquilo que se apresenta estranho no início para mim, por medo, talvez. No entanto, com o curso, não paro por aí, busco adquirir conhecimento sobre aquilo que não conheço, e assim compreender, respeitar as diferentes formas de se viver, se expressar, se comunicar. E como nosso país é rico de tamanha diversidade, nunca podemos esquecer que a cultura é uma gama de diferentes valores e modos de se viver, e cada um é parte de um todo, e a partir do momento em que nos conhecemos passamos a identificar o outro em nós, passamos a ter explicação para as “misturinhas, manias e costumes” da nossa gente.

Na sala de aula já foi possível tornar o trabalho voltado ao tema mais significativo. Como trabalho na educação infantil, por muitas vezes minhas ações com relação ao preconceito se resumiam apenas a conversas e orientações para as crianças no momento de conflito, e, dependendo do caso, uma conversa com os responsáveis. O curso me auxiliou, não só no “ampliar dos conhecimentos”, mas também em me motivar a pensar em mais ações, em buscar materiais, em colocar a discussão no nosso dia a dia, proporcionando, junto a colegas professoras, um contato mais próximo com a realidade das crianças, com brincadeiras, leituras, rodas de histórias, representações artísticas que remetem ao tema. É claro, mais do que antes, promover o respeito, ou melhor, exigir o respeito para com todos.



Nancy _____



Difícil muitas vezes responder se somos diferentes mas iguais e/ou se somos iguais mas diferentes. O “mas” sempre está presente, e muitas vezes é o complicador de muitas coisas.

Ser negro no Brasil não é nada fácil, principalmente se você estiver inserido em ambientes em que algumas pessoas ainda estão um passo ou dois atrás, no que diz respeito ao mito da democracia racial, que uns acreditam que verdadeiramente exista, mas nós sabemos que não. Somos iguais? Sim!

No que diz respeito aos nossos direitos, porém, viver em uma sociedade que guardou resquícios da escravidão não é fácil.

Na escola, muitas vezes é mais difícil ainda. Analisando pelo lado do meu trabalho, a grande dificuldade que eu tenho encontrado é a barreira da religião. Temos alunos que participam de religiões afro-brasileiras que comentam sobre o que vivenciam com professoras evangélicas que não dão valor à vivência dos alunos e ainda os repreendem.

Naomi





Antes de lecionar, algumas coisas eram inaceitáveis para mim, e eu achava que certas coisas eram impossíveis e só aconteciam longe de mim, numa outra realidade, ou que fossem até ficção ou sensacionalismo. Hoje vejo que meu modo de ver o mundo e as pessoas mudou. Infelizmente o ser humano é capaz de cometer barbaridades, crueldades e atos inconcebíveis a troco de nada. E o pior é que hoje eu não me espanto tanto com certas coisas, parece que estou sempre esperando por algo ruim, pois virou rotina e tudo parece aceitável...

O local onde trabalho há 11 anos é extremamente malvisto, mal falado e desacreditado. Os moradores, principalmente os alunos do ensino médio, com quem eu mais tenho contato, sentem vergonha do local onde vivem, mas acabaram aceitando que de lá não sai coisa boa e entram no crime, nas drogas, discriminam e agem com preconceito com a maior facilidade do mundo. Também iniciei um trabalho este ano com os pequenos na educação infantil, e antes deles se formarem, sinto que posso fazer algo por eles que não foi feito com os maiores.

Em meus diários pude perceber que os problemas estão por toda parte e, refletindo, cheguei à conclusão de que tanto os meus adolescentes, quanto minhas crianças, precisam urgentemente de ajuda.

Relatei, no primeiro diário, o caso de um aluno do ensino médio que não era aceito pela sala, o que o levou a solicitar a troca de sala: “Vivenciei na escola em que trabalho uma situação em que um adolescente era discriminado em sua sala de aula por ser diferente: a diferença se referia a sua maneira de ser, que os alunos consideravam afeminada. O aluno comentava com os colegas que não era afeminado, que só era delicado e que não era gay por causa disso. A sala, no entanto, não aceitava o fato e continuava a fazer brincadeiras vexatórias e discriminatórias levando o aluno a solicitar a remoção para outra sala, local em que se sentiria mais confortável, talvez por ter mais amigos lá. A direção autorizou a troca de sala e o ‘problema’ foi resolvido. Se considerarmos que a diversidade implica respeito, chego à conclusão que na rotina escolar isso se faz necessário. A cada aula, a cada vivência na escola, o professor e todas as pessoas envolvidas precisam atentar para tais fatos. O problema pareceu resolvido, porém não foi a melhor alternativa, uma vez que não foram discutidos os fatos. Assim, a sala, como um todo, não vivenciou a experiência de refletir sobre o ocorrido, e nem aprendeu a aceitar o que lhes parecia diferente.”



Nicole



Durante todo o curso procurei me dedicar muito aos temas tratados. Passei por várias dificuldades, falhas da internet, falhas na plataforma Tidia-e, acúmulo de tarefas da minha atuação profissional, minha participação em vários cursos paralelos ao longo desses meses. Mas tudo concorria para os temas do GDE. Participei por opção do Agosto Indígena, e fiquei boquiaberta com a vasta e diversa cultura de vários povos do Brasil; participei do Novembro Negro, que trata da discriminação e luta do povo negro, e pela minha escola. Participei de encontros bimestrais do GT Étnico-racial, onde um grupo de trabalho composto de várias unidades escolares, de todos os segmentos, durante todo esse ano debruçou-se sobre a cultura afro-brasileira, sobre as ações afirmativas, e planejou planos de ação em cada uma das escolas participantes da DRE – Diretoria Regional de Ensino Itaquera. Vi nesse curso a mesma escritora nigeriana, Chimamanda, que foi estudada em nosso GDE, e muito do que vi e aprendi no Museu Afro-Brasil usei nos fóruns do nosso curso. Vi o nosso curso nos livros e revistas que li, nos comentários que ouvi, nos comerciais da TV, nos noticiários sobre tantos crimes de racismo, na repercussão que se seguia nas redes sociais, nas conversas em casa com minha filha, e até nos muros pichados ou grafitados por onde passei. Me pareceu que o GDE estava em todo lugar e em tudo que participei. Eu não redigi todos os diários, mas posso afirmar que senti cada um deles.

O curso Gênero e Diversidade nas Escolas foi além, porque provoca, instiga e lança desafios que temos vontade de vencer. Não foi um curso tradicional, exaustivo, burocrático, modular. Não cumprimos tarefas por imposição, mas por encantamento, reflexão, curiosidade. Incrível como um curso a distância ficou tão perto de nós. Só tenho a agradecer por fazer parte desse projeto, que proporciona uma grande transformação à educação dos educadores. Uma grande ferramenta para mediar as relações humanas, promover cultura e paz e combater os crimes raciais e de intolerância, valorizando as variadas etnias presentes nas escolas e nas ruas.

Odília





As leituras foram muito produtivas. Confesso que aprendi bastante com as reflexões propostas nos textos. Pensar na diversidade cultural como um aspecto muito importante da sociedade é uma proposta importantíssima para promover o respeito e a valorização às diferenças. Não pude deixar de notar que o tempo todo se enfatizou a necessidade de nos reconhecermos como cidadãos, lutando não só pelos nossos direitos, mas também pelos direitos das demais pessoas. Geralmente, quando se fala em cidadania, pensamos apenas no exercício dela para nosso benefício, mas vi como é importante exercê-la de forma a contribuir para que todos tenham seus direitos assegurados e respeitados. Além disso, dialogar sobre as diferenças existentes dentro de um mesmo contexto, como a cidade de São Paulo, por exemplo. É importante porque nos mostra que a cultura não é homogênea ou imutável, como muitos acreditam, mas dinâmica e viva. Sobre a minha experiência com a diversidade cultural, confesso que antes de entrar na universidade tinha um universo bem restrito aos valores da minha família e da comunidade em que estava inserida. Mas ao adentrar esse universo novo convivi com pessoas tão diferentes de mim e com valores tão diferentes dos meus, em alguns casos, que aprendi com o tempo que isso é uma riqueza e não um ponto fraco e motivo de críticas e/ou conflitos. Como professora, percebo essa necessidade constante de dialogar com meus alunos sobre a diversidade cultural e sobre a importância de constatar que ela é um aspecto importante da nossa cultura, contribuindo para a desconstrução de preconceitos e para a resolução de conflitos baseados na dificuldade de compreender e aceitar as pessoas como elas são. Sou uma mulher negra moradora de uma região periférica na cidade de São Paulo e atuo em áreas de grande vulnerabilidade social, então as questões abordadas nesse curso são muito relevantes para mim pessoalmente e para a minha prática profissional. Penso em aprofundar a percepção sobre esse tema por meio de oportunidades como a desse curso e por meio da leitura e participação em eventos que promovam a valorização da diversidade cultural.



Pietra

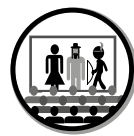


Em minha experiência com a diversidade cultural, refleti sobre o fato de que “somos iguais porque somos gente e somos diferentes porque somos únicos”. Uma experiência marcante e a mais remota de que me lembro: a de ser chamada de “raça ruim do inferno e imprestável” e muitos outros “elogios” proferidos por quem deveria me cuidar e proteger. Quando criança não compreendia, quando maior me afastei e por muito tempo não falaria disso sem chorar. Encontrei em minha vida pessoas que me fizeram acreditar que era possível ser diferente. Que as “verdades”, na maioria das vezes, não são absolutas, que não somos o que dizem de nós, que precisamos da imagem do outro sobre nós, mas que somos o que decidirmos fazer de nossas vidas. Penso que muitos sofrem violências que o conhecimento multicultural e a reflexão sobre a diversidade cultural podem amenizar ou até extinguir.

Aos oito anos estudei em uma escola municipal, onde me sentia um ser de outro mundo, pelo meu sotaque e pobreza. É horrível ser motivo de chacotas. Aprendi cedo a me colocar no lugar do outro, mas os argumentos de defesa demoraram a ser conquistados. Como consequência das violências dessa época, perdi meu sotaque. Procuro aprofundar a percepção estudando, observando, convivendo, conversando, refletindo e trabalhando em mim diferentes conceitos e olhares.

Analisando o protagonismo em minha vida: tive poucas oportunidades, além das dificuldades financeiras, havia as do contexto histórico do regime militar. Estudar não foi fácil, foi preciso persistência, por isso dou muito valor à profissão que tenho. Hoje os jovens têm acesso a informações, conhecem diversidades multiculturais e crescem com mais liberdade para desenvolver seus protagonismos. Não estou dizendo que antes isso não existia, mas que as oportunidades eram poucas. Falta hoje mais investimento na educação para que nossas crianças e adolescentes possam mostrar seus talentos, habilidades e competências. Ou seja, exercerem seu protagonismo

No decorrer dos estudos, pude refletir sobre minhas ações em relação às questões étnico-raciais, de gênero e de classes sociais. Aprendi que a alteridade precisa fazer parte de discussões na minha prática docente e cotidiana; é preciso incluir as pessoas com deficiências em reflexões sobre diversidade, para enxergarmos além da deficiência, sua pluralidade: seus sentimentos, anseios e projetos.





A reflexão sobre etnocentrismo e estereótipos nos leva a pensar na questão da alteridade. Se, como dizia Mário de Sá Carneiro, “eu não sou eu, nem sou o outro”, como podemos pensar a questão da alteridade? Como lidamos com sujeitos que consideramos outros, externos, estrangeiros, diferentes de nós? Podemos pensar alteridade como ser social que somos, pois a vida social é extremamente importante para a nossa compreensão do eu e do outro: não existimos sozinhos. Existem vários estigmas e estereótipos construídos socialmente que determinam papéis e valoram pessoas como superiores ou inferiores, normais ou anormais, aceitas ou rejeitadas, capazes ou não. Tais estigmas e estereótipos abandonam, escondem e proíbem as pluralidades de cada ser humano em detrimento do engrandecimento de outros, desvalorizando as diversidades. Conhecer, refletir sobre as diversidades é condição crucial para conviver e respeitar as diferenças, se colocando no lugar do outro de forma sensível.

Paloma _____



Com relação às leituras propostas, estas só vêm confirmar o que acredito. Na verdade, expressam a minha maior motivação para atuar na educação: um dos textos afirma que há no ambiente escolar “alta potencialidade pedagógica e libertadora”. Acredito nisso! É o ambiente da diversidade por excelência.

Um dos maiores objetivos da educação talvez seja valorizar o ser humano na sua diversidade, e tudo que se pode ser e produzir com nossas capacidades, não importando sexo, etnia ou condição social. A diversidade não deveria ser um entrave, mas uma oportunidade de deixar o aluno colaborar, à sua maneira, com o que ele tem de melhor. Os conteúdos das várias disciplinas devem contribuir para que a criança e o jovem possam compreender o mundo à sua volta e possam transformá-lo em um lugar mais justo, de reais oportunidades para todos.

Muitos dos textos eu pretendo compartilhar com o grupo da minha escola, nos horários coletivos e nas reuniões pedagógicas, para reflexão e replanejamento de ações. Acredito que os professores que já estão mais engajados nos temas da diversidade serão importantes parceiros para sensibilizar os demais.

Cursos como esse me ajudam, e muito! Minhas expectativas foram realmente atendidas com relação à qualidade dos textos e vídeos oferecidos. Como já comentei anteriormente, todos os anos, pelo menos um dos temas da diversidade aqui abordados fazem parte do nosso PEA – Plano Especial de Ação. Sendo assim, eu precisava de mais “munição” para que o tema da diversidade não caia nunca no esquecimento e faça parte do planejamento de todos os professores, independente da disciplina ou ano, sempre.

Senti uma resistência por parte dos professores em trabalhar relações homoafetivas com os adolescentes, embora fosse um dos temas elencados no início do ano, e todos reconheceram que a discriminação é mais agressiva quando tocamos nesse assunto e o preconceito parece ser muito forte. Alguns professores do ciclo inicial, por exemplo, usaram a literatura infantil para falar sobre a diversidade de famílias (casais do mesmo sexo, filhos adotivos, famílias de diversas origens étnicas, famílias só com pai ou só com a mãe, ou só com avós, etc.); já é uma maneira de começar com os pequenos e também ouvi-los e discutir o tema na classe.

Os professores têm que estar seguros para lidar com o tema, por isso será necessário um fortalecimento no preparo dos educadores.

Paola





Durante a trajetória desse curso acabei fazendo várias reflexões em relação às temáticas de gênero e diversidade, e os textos, os vídeos, os fóruns e a troca com os colegas e tutores me ajudaram a rever alguns conceitos. Com relação às cotas, por exemplo, eu sempre fui contra, pois, ao meu ver, todos, através da meritocracia, poderiam chegar ao sucesso.

Mas estudando a historicidade do que acontece com as diferentes etnias, com as mulheres, com as pessoas que são tratadas como minoria, mesmo não sendo, e a falta de equidade e de possibilidades reais que ainda não existem para todos, fui rendida à verdade de que são necessárias as ações afirmativas sim, e que cabe a escola “sem cor” discutir com honestidade as temáticas étnico-raciais, de gênero, das sexualidades e tantas outras que se fazem presentes no ambiente escolar e que são negadas e adiadas, com a desculpa de que geram conflitos e que não estamos devidamente preparados para confrontá-las.

Claro que todos os envolvidos na comunidade escolar devem ter uma formação continuada, que trate dessas temáticas, e, desde a elaboração do PPP (Projeto Político Pedagógico), espaços e tempos devem ser assegurados para que isso ocorra de maneira satisfatória e não apenas com ações esporádicas que tratem os temas levemente, ou seja, apenas pró-forma. Devem permitir reflexões profundas e ações que possam fazer com que todos sejam protagonistas na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa para todos e que esse “todos” não deixe nenhum ser humano de fora. E que a hora seja agora.

Acredito que devemos discutir a diversidade cultural na escola, pois somente com o respeito às diferenças e com igualdade de direitos poderemos construir uma sociedade mais justa e colaborativa. Vivemos em um país que foi constituído pela miscigenação de diferentes povos, temos diversidade cultural, porém dentro das escolas muitas vezes só se reproduz o mesmo das mesmas culturas dominantes, não sendo respeitadas todas as formas de expressão. Ainda ocorre a discriminação em vários setores da sociedade, e isso pode ser transformado pelo conhecimento aos direitos humanos na educação.





É muito importante tratar o tema da diversidade no contexto escolar. Sou professora de educação infantil e do ensino fundamental I, sabemos que o preconceito acontece nos pequenos gestos, nas situações cotidianas, geralmente as crianças negras sofrem situações de discriminação na escola e pouco se discute sobre o assunto. Os alunos têm diferentes origens e histórias de vida, portanto, não podemos negar essas diferenças que os tornam seres humanos concretos e sujeitos sociais, históricos. Acredito que tratar as crianças com igualdade é saber respeitar as suas diferenças.

No começo do ano letivo fiz uma roda de conversa com os alunos, falando sobre o preconceito e a discriminação. Pude perceber na rotina da escola que aquelas crianças brancas de cabelos lisos e olhos claros tinham a atenção de todas as outras, eram as queridinhas de todos, sempre paparicadas pelos outros alunos. Já a criança negra era sempre colocada de lado pelos colegas.

Nas brincadeiras, nunca as meninas brincavam com bonecas negras. Se acabassem todas as bonecas brancas e sobrassem somente as bonecas negras, mesmo assim as alunas não brincavam com elas, falando que a boneca era feia. Passei a sentar e brincar só com as bonecas negras, para estimular as crianças a acabar com o preconceito.

Fiz uma atividade dos dias das mães, com recorte e colagem de mulheres representando as mães. Fiquei impressionada com o resultado: numa sala com maioria negra, não teve nenhum recorte de mulher negra. As crianças, desde pequenas, já trazem consigo o estigma e o preconceito.





Nunca sofri nenhum tipo de discriminação racial. Mas presenciei muito disso em minha própria família, por parte de avôs e tios maternos contra meus primos negros. A vida de criança deles não foi fácil...

Porém, sofri – sim, sofri, no passado, pois não sofro mais com os comentários e olhares. Sou candomblecista, e essa prática religiosa muitas vezes está atrelada à discriminação racial.

As crianças do meu terreiro sempre reclamavam das escolas em que estudavam, e isso me atraiu tanto que tornei esse um tema de pesquisa. Fui a campo, entrevistei, observei e tristemente constatei que as crianças candomblecistas sofrem demais nas escolas, e as negras ainda mais! Relatos como “só podia ser preto pra ser macumbeiro”, “essa criança não aprende muito fácil, pois a cor já não ajuda e ainda por cima participa de uma seita” e tantos outros absurdos eu ouvi das bocas de professoras mal preparadas e seres humanos desumanos.

Questionei também se essas escolas entrevistadas obedeciam a lei nº 10.639, e podem imaginar a resposta? Claro que não!

Ou seja, muitas professoras maltratam seus alunos no que há de mais precioso e importante para eles. Elas, que deveriam auxiliar no processo de autoestima, fazem exatamente o contrário.

A escola tem uma antiga trajetória normatizadora e homogeneizadora que precisa ser revista. E muitas pessoas que estão lá também! Pois, nos silêncios, no currículo oculto, vão se reproduzindo desigualdades.

Em relação ao protagonismo, na minha adolescência pude participar do grêmio estudantil, que era uma novidade na escola em que estudei. Fiz parte da primeira formação desse grêmio e permaneci nele por dois anos (enquanto cursava o 7º e 8º ano).

A princípio, a diretora nos detestava. Hoje vejo que ela não estava acostumada a uma gestão democrática e com a participação ativa dos alunos e da comunidade. Nós, alunos, também não estávamos muito familiarizados com o que seria a participação em um grêmio. Porém, contamos com a ajuda de professores mais experientes para nos direcionar. Depois de muitos atritos e aprendizados, direção e grêmio se acertaram e podíamos participar de muitas decisões na escola.

Isso facilitou a comunicação entre direção, alunos e comunidade escolar, e essa foi a experiência mais democrática que tive em minha vida de estudante.





Ao permitir que grupo de alunos participe das decisões da vida escolar, abrimos uma porta para que o protagonismo infanto-juvenil aconteça na escola. Para isso, é preciso que fiquem claras as responsabilidades e os direitos de ambas as partes.

Rafaela _____



Trabalhei por 14 anos na área de saúde – laboratório clínico, ajudando no diagnóstico médico para o descobrimento e cura das enfermidades do corpo. Trabalho há 24 anos na área da educação. Antigamente, ensinávamos a matéria. Com o passar do tempo, além de ensinar, escutar, vivenciar, orientar os alunos, ajudamos no diagnóstico das enfermidades das almas humanas, pois são tantos problemas de ordem social e familiar que as nossas ações podem contribuir para uma sociedade equitativa. Muitas vezes – embutidos no conteúdo das matérias de Ciências e de Biologia, outras vezes na forma de projetos da disciplina ou de projeto de âmbito institucional – abordo assuntos ligados à orientação sexual – Projeto Piriquitas e Piriquitos. Já tive que mudar o nome do projeto, para que a verba fosse aprovada, passando a chamá-lo de Discutindo a Sexualidade.

Fácil dizer sim ou não em relação a ser preconceituoso. Mas, mesmo dizendo que não, às vezes, em certas atitudes, gestos, olhares, entonação, brincadeiras, piadas ou até mesmo com o uso das palavras, colocamos os preconceitos em evidência, mesmo não percebendo, tornando-os naturais. Repetimos os preconceitos (racial, étnico, de gênero, linguístico, sexista, social) impregnados desde a infância, construídos ao longo da nossa vida e da sociedade em que vivemos. O problema é deixar que isso se torne normal, natural e tolerável.

Sou neta de japoneses, e de acordo com a tradição e preservação da cultura os filhos e netos deveriam casar-se também com japoneses e descendentes. Aprendemos desde cedo a conviver com a língua, culinária, religião, festividades e, em especial, a respeitar os mais velhos. Nessa tradição também referem-se aos preconceitos contra os okinawanos – “japoneses pretos”. A cor morena é devida a grande incidência do sol na ilha de Okinawa.

Quando ingressei na vida escolar, 1ª série do antigo primário (1976), pude escolher com qual professora iria iniciar minha alfabetização, pois minha mãe era funcionária da escola. Ela preferia a professora que trabalhava também com o prezinho, hoje educação infantil. Ficou espantada quando escolhi uma senhora professora baixinha e manca – ela teve poliomielite na infância, por isso tinha uma das pernas mais curta – de cabelos loiros cacheados, e acho que tinha olhos azuis, e trabalhava com





muito prazer. Hoje, com absoluta certeza, a dedicada professora Odete foi a melhor e me inspira até hoje. Relatava que todos os dias, ao chegar em casa, cuidava dos seus sapatos, engraxando-os. Preparava as atividades manualmente, uma a uma, ou as raras atividades mimeografadas (sem fotocópias, impressão ou qualquer tecnologia digital). Enfim, nos contava que o defeito físico não a impedia de ser uma boa pessoa e uma boa profissional.

Reneé _____



Iniciei esse curso com muitas expectativas e surpresas, afinal não sou professora da rede municipal e dei graças a Deus quando consegui uma vaga. Como estou na rede estadual, só o fato de ter o curso já é um motivo para intenso diálogo na rede, pois “apareceu” a lei do nome social, mas nada foi discutido. Isso é o que ouço, e percebo que não foi mesmo.

Apesar de já ter interesse pelo curso e ler os textos, o que mais me encantou foi o encontro presencial, pois apresentou algo totalmente diferente do que pensei ser o curso, tanto pela trajetória – afinal não foi fácil chegar até aqui – como pela forma de avaliação, que demonstra que realmente a proposta é deixar de ter “alunos tarefeiros” e ter alunos que reflitam.

Ao ler sobre o feminismo e ver o vídeo da Chimamanda, percebi que devo repensar o discurso com minhas alunas adolescentes. Tenho uma 7ª série e elas estão à flor da pele (hormônios/sensualidade), e muitas vezes as repreendo e alego que se continuarem assim não podem reclamar se os meninos abusarem. Fico chocada com meu discurso, mas ainda bem que estou fazendo curso rsrs. A inspiração é pensar em formas de trabalhar com esse e outros alunos sobre as mulheres e deixar de replicar discursos de uma educação machista.

A percepção geral sobre o curso é essencialmente positiva, me surpreendeu, a única dificuldade às vezes é o próprio sistema do Tidia, e também preciso me dedicar mais para participar dos fóruns, fazer as atividades. Confesso que estou tentando quebrar o paradigma de aluna tarefeira, acredito que estou indo bem porque em nenhum curso (até o momento) falei tanto sobre mim e fiz tantas reflexões sobre temas que eu achava que dominava.

Sobre a alteridade nas escolas, posso falar do que observo no meu campo de atuação. Muitos profissionais (professores e gestores) não estão preparados para lidar com o conflito da diferença. Hoje se trabalha muito o *bullying*, se você perguntar na escola os adolescentes falarão com bastante clareza que é errado ofender e humilhar, mas as atitudes veladas e até automáticas revelam que estamos longe de considerar a alteridade como simplesmente diferença. Tenho um aluno no 9º ano que notadamente tem outra, ou está despontando para outra orientação sexual, e percebo que ele fica sempre isolado do grupo, faz trabalhos somente com uma das meninas da sala e outro dia escreveu um poema para a professora de Português com o título Sou um Peixe fora d'água. Não li o poema, apenas ouvi o relato da docente, mas isso indicou o sentimento desse indivíduo entre os seus.

Rita





Nesse curso percebi algumas ideias que antes estavam neutras e agora começam a mudar de lugar. Acredito que as mudanças trazem medo, o medo do desconhecido, mas que é necessário para o desenvolvimento de um futuro promissor como professora. Tendo escolas sendo ponto de referência, o assunto do curso é extremamente importante e contextualizado. Trabalhando há 19 anos em escola, no entanto, na secretaria, observo de longe os acontecimentos.

Muitas pessoas acham que trabalhar com criança pequena dá trabalho e não vale a pena, outras pensam que qualquer coisa para essas crianças está bom, que eles não entendem nada. Quanto engano! Quem não entende nada é justamente este que pensa dessa forma.

O ser humano é muito adaptável, se adapta a condições de trabalho, a situações, a cheiros, a pessoas, e cria alternativas/mecanismos para viver (bem ou não) com o que em princípio lhe incomoda. Por isso trabalhar com gêneros e diversidades dentro das escolas é uma tarefa árdua.

Por exemplo, um dos vídeos que vi nesse curso me chamou atenção, da escritora africana Chimamanda, quando fala do perigo de uma única história. Por exemplo, quando pensamos no índio do Brasil, automaticamente vem na nossa mente o desenho de um menino seminu, com o rosto pintado e um pequeno cocar na cabeça. Isso se deve ao fato de que na primeira infância, no dia 19 de abril, a professora fazia com que eu e todo o restante da turma pintasse o tal desenho. Nunca fui a uma aldeia ou a um CECI (Centro de Educação e Cultura Indígena), mas hoje sei que os índios não são como nos desenhos que eu pintava e nem como era (ou ainda é) descrito nas aulas de História.

A diversidade cultural é muito mais complexa do que parece ser. É possível enxergar melhor as situações citadas no curso a partir dos relatos, artigos e documentos apresentados. Se tudo o que os professores conseguem enxergar e elogiar são as performances e trabalhos de um determinado grupo de alunos: só as meninas, só os meninos, só os meninos brancos, por exemplo, o grupo que não é incluído já sente inconscientemente a preferência, de forma intrínseca, nas atitudes. O que dizer do “pacto do silêncio”, com relação ao racismo? Demorou tanto tempo para que as pessoas entendessem que o racismo não é uma coisa boa... Esse sufixo, “ismo”, traz a ideia de ideologia, doutrina, ideais a serem seguidos. Isso é sério ao ponto de algumas pessoas terem que pensar num mecanismo de lei para punir os praticantes do racismo.

Roberta





Com certeza sou preconceituoso. Porém, estou naquela fase de viver fazendo reflexões acerca dos raros momentos em que me vejo tendo algum pensamento ou atitude preconceituosa. Sem reflexão não há mudança de pensamento, não há quebra de paradigma.

Um momento que realmente me marcou foi o uso do termo “baiano”. Todos nós sabemos que, aqui em São Paulo, o uso é recorrente e normalmente chamamos o outro assim para deixar claro o quanto a pessoa é “brega, mal vestida e similares”. No entanto, uma vez um grande amigo olhou para mim e disse “cara, você está sendo preconceituoso”. Nossa, lembro que fiquei pensando sobre isso e meu primeiro instinto foi: “não, de jeito nenhum”. Todavia, após estudar um pouco o impacto das palavras anos depois e hoje entender muito mais o papel da cultura, com certeza bastou esse momento para eu mudasse o pensamento e me adequasse ao termo correto. Se um amigo, em um momento de descontração, está “mal vestido”, eu posso brincar com ele e dizer: “nossa cara, que roupa zuada, brega, vista-se melhor” sem grandes problemas. Isso não é ser politicamente correto, isso é ser educado, cidadão.

Além disso, esse momento me marcou muito por um motivo muito importante: meu pai é baiano, e se veste muito bem, um cara de 63 anos com aspecto bem jovem e despojado (não precisava ser necessariamente assim, mas ele gosta). Ou seja, eu jamais usaria o termo para criticar alguém novamente, e o melhor disso tudo é que uso meu próprio exemplo quando interpele alguém.

Trabalhei três anos como corretor de redação e tutor para vestibulares. Nos encontros presenciais era interessantíssimo como os alunos ficavam embasbacados com o meu exemplo. Não houve uma exceção, era sempre algo mais ou menos parecido com um “nossa, nunca pensei sobre isso”. Daí aproveitava a chance para explicar o papel da cultura nas sociedades e o quanto ela pode como mantenedora de preconceitos se não houver um movimento interno de repúdio a eles. Era uma instituição particular com mensalidades em média de 1.500 reais, para poucos, porém sinto que houve um bom processo de humanização por parte deles, foi uma excelente experiência, extravasou um outro preconceito, de que alunos “riquinhos” são preconceituosos.

Corrijo, a nossa sociedade e cultura é que são.

Reinaldo





Sou professora de educação infantil e fundamental I, onde há predomínio de profissionais do sexo feminino, e existe um certo preconceito em relação à figura masculina, pois se trabalha com crianças pequenas que necessitam de cuidados específicos, como higiene, alimentação, entre outros, e ainda se considera que essas atividades devem ser delegadas às mulheres. Mas não compartilho dessa opinião, pois a figura masculina tem também a responsabilidade de cuidar e zelar pelas crianças.

Em nossa profissão temos a responsabilidade, em certas ocasiões, de quebrar os preconceitos, a agressividade e a falta de tolerância, por serem assuntos bastante próximos e porque muitas crianças retratam o que vivem em família e, apesar de seus oito ou nove anos, podem ser preconceituosos e até cruéis em suas observações. Tenho me apropriado dos textos para tratar desses assuntos de forma mais estruturada e consciente, pois na minha opinião qualquer tipo de preconceito, acentuadamente o racial, que advém de uma questão histórica, é uma dívida muito grande da sociedade. Eu me pergunto como existem pessoas que ainda mantêm o valor das pessoas atrelado ao tom da pele que possuem, inconcebível ao meu ver, pois pessoas têm valor independente de sua cor, raça, religião; pessoas têm caráter, bondade e isso sim diz respeito às mesmas. Sou favorável às cotas, pela dívida histórica a ser paga para com os negros, que merecem todo respeito e tratamento igualitário.

Feitas as leituras dos textos propostos e traçado um paralelo com a realidade, temos que dar largos passos para diminuir as desigualdades que infelizmente imperam em nossa sociedade. Na sala de aula vivenciamos uma microsociedade com desigualdades difíceis de serem quebradas, pois as oportunidades de certas crianças são cada vez menores, por falta de recurso e estímulo das famílias que já se sentem destruídas, com pouca ou nenhuma perspectiva de melhora de trabalho e renda. São diaristas, ajudantes de pedreiro, auxiliares de cozinha, todos de baixa escolaridade, identificada por informações dos alunos, sendo que a maioria concluiu apenas o ensino básico, com alguns poucos com ensino médio e dois casos raros de ensino superior, numa sala de trinta alunos, sessenta pais.

Foi extremamente preocupante e triste pensar que, como educadora, tenho que tentar mudar a realidade dessas crianças para acabar com esse ciclo lastimável e vergonhoso.

Raíssa





Houve uma época em minha vida em que eu tive dúvidas sobre a minha profissão. Desisti de ser professora, me decepcionei com a área e fui fazer outras coisas. Depois de um tempo percebi que o “cheiro” do ambiente escolar entrava por minhas narinas de forma tão agradável e saudosista que resolvi voltar para a faculdade, fazendo pedagogia, e me tornei professora. E uma das coisas que mais me deram a certeza de que estava no caminho certo foi um dia uma aluna, “negra”, da 4ª série do ensino fundamental, chegar para mim e dizer que adorou me ver em sua classe no primeiro dia de aula, e quando perguntei por que ela disse que era porque nunca, até aquele momento, havia tido uma professora negra. Ali eu percebi que já estava fazendo a diferença, e aquilo me deu força extra para seguir sem medo, apresentando minhas convicções e mostrando a força que podemos ter através da determinação. E é isso que prego sempre em meu currículo oculto, o fato de que a vida para negros, pobres, homossexuais ou qualquer diversidade humana existente não é fácil, mas não é impossível, basta que se tenha perseverança e que se lute sempre com honestidade e generosidade, pelo que é certo e justo, e tudo se encaixa bem.

Estudar sobre “Diferentes, mas não desiguais!” e “Viva a diferença” me trouxe um novo vigor. Novas recargas para seguir firme em meu propósito de contribuir com uma gotinha nesse mar de contradições que é o ser humano, em um mundo de humanos que se acham melhores, sendo apenas humanos. Hilário? Talvez, o ser humano é tão contraditório em sua condição humana que, mesmo sabendo de sua condição de ser vivo que tem a morte como seu real e certo destino, se apegar à vida como se fosse viver eternamente, e se acha no direito de se sentir “melhor” do que outros seres humanos!

Rafaela





Iniciei esse curso muito interessada na questão do gênero, que vem sendo muito debatida. Confesso estar desatualizada em relação ao tema, mas gostaria de entender melhor as relações atuais.

A abertura do curso sobre gênero e diversidade na escola superou minhas expectativas, fomos bem recebidos e o ambiente estava leve e agradável.

Assistimos ao documentário (Pre)conceitos e (In)diferenças, onde educadores foram questionados sobre se consideravam-se preconceituosos, e os participantes do curso foram convidados a fazer a mesma reflexão. Para mim nesse ponto o curso já mostrou um diferencial, pois já participei de uma palestra sobre o tema e devo dizer que me decepcionou, porque os palestrantes tinham posições tão radicais que para mim eles só reforçavam o preconceito.

Dessa vez foi diferente; a medida que eu assistia ao documentário, questionava as falas dos colegas e refletia, assim como refleti sobre minhas posturas e preconceitos. Sim, eu me considero preconceituosa em alguns aspectos, mas desejo evoluir. Penso que todos temos preconceitos, mas o que me incomoda é que o preconceito gera intolerância, desigualdade, desrespeito e violência. Eu gostaria, como educadora, de colaborar para uma sociedade melhor, mais bonita, mais inclusiva e menos violenta.

Na nossa história tudo é motivo para diferença e essa diferença sempre é usada na questão de perpetuação de poder e direitos.

Eu trabalho em uma EMEI (Escola Municipal de Ensino Infantil) e no meu cotidiano escolar percebo que as crianças não têm preconceitos; na verdade estes vão sendo transmitidos com o passar dos anos.

As crianças tendem a cuidar daquele que precisa, não existe diferença na hora do brincar, pelo menos essa tem sido minha experiência até hoje. Nessa fase, nós educadoras, temos que atentar para a questão de gênero, pois os pequenos às vezes trazem determinadas posturas que temos que trabalhar. Coisas como "menino gosta de azul e menina de rosa".

Contudo, é nas conversas cotidianas na sala dos professores que temos posturas preconceituosas, muitas vezes coisas pequenas mas que fazem a diferença no nosso caminhar na escola e na sociedade. São questões históricas e sociais da nossa formação pessoal, além de nossas experiências, que nos dão uma visão atrasada sobre tantos assuntos.





Nesses momentos penso que se nós, educadores, temos esse pensamento, como poderemos colaborar para uma sociedade diferente, onde as diferenças não sejam vistas como um defeito? No grupo procuro trazer essas reflexões, porém acredito que isso também é um trabalho pessoal, e é difícil mudar, ver com outros olhos questões antigas.

Assim, esse tema é muito importante na nossa prática educativa, pois, seja como educador ou como cidadão agente de transformação, somos todos protagonistas na nossa sociedade e não devemos esperar que o outro faça o que não fazemos.

Rosilene _____



Refletindo sobre a importância de se discutir e aprender sobre nossas diferenças, sejam elas de crenças, etnias, sexistas, misóginas e etc., resolvi me inscrever nesse curso, mas, diferentemente da maioria dos alunos matriculados, eu não sou docente e sim integrante da segurança pública do estado de São Paulo. Formado em ciências, tenho o sonho de ser um educador, mas tudo ao seu tempo. Primeiro, penso em agregar mais valor à minha formação e sanar certas dúvidas de cunho preconceituoso que possuo ainda.

Roque _____





Quando me deparei com o conteúdo do curso, minha euforia inicial triplicou. Lendo os textos e assistindo aos documentários, percebi que muito do que eu já havia estudado ia sendo confirmado, reforçado e ampliado. A sensação de perceber que sua linha de pensamento está sincronizada com os autores e pessoas engajados com o tema é indescritível. Me senti um educador atualizado. Isso, de certa forma, além de me engrandecer como ser humano consciente do meu papel social, colabora para que minhas aulas estejam pareadas com as necessidades contemporâneas, resultando num ensino de qualidade para os estudantes com os quais tenho contato.

Confesso que, antes de me inscrever para participar do curso, imaginei que os conteúdos seriam mais superficiais, algo relacionado à base para o debate. Mas, ao analisar o conteúdo profundamente, percebi o quão rica era a bibliografia e como esta, possivelmente, ampliaria a visão pálida que eu tinha sobre o assunto, visão esta construída pela carência de materiais adequados nas unidades escolares e pela carência de representatividade na sociedade onde convivemos.

Os eixos foram muito bem estruturados, e as temáticas subjacentes estavam muito bem intercaladas, proporcionando uma visão múltipla dos assuntos, salientando como os mesmos estão interligados e desconstruindo o mito de que a interdisciplinariedade de conhecimentos é algo difícil de se aplicar.

Alguns documentários me emocionaram fortemente. É muito entristecedor perceber que seres humanos, que convivem na mesma sociedade que estamos inseridos, são tratados como cidadãos de quinta categoria; dificultando a realização de suas potencialidades. Essas potencialidades, na maioria das vezes, podem nos ajudar a alcançar uma sociedade mais justa e tolerante em relação à diversidade sexual e à pluralidade étnica.

Foi interessante perceber que muito do que eu já havia estudado e pensado sobre o assunto ia sendo confirmado de acordo com o meu aprofundamento no material proposto, aumentando a minha satisfação em estar participando de um curso tão importante.

Rubem _____





Ao me perguntarem se me considero uma pessoa preconceituosa, confesso que tenho dificuldade em responder. Percebo que, no geral, me relaciono bem com as diversidades, mas não sei até que ponto.

Em minha formação aprendi a respeitar as pessoas, mas não tive muito contato com pessoas e culturas muito diferentes da minha. Durante minha formação presenciei muitas cenas de desrespeito com negros, pobres e culturas diferentes que sempre me incomodavam; sempre considerei um absurdo esse desrespeito e as brincadeiras absurdas com essas pessoas.

Acredito que preciso ler e aprender muito, até mesmo para entender as várias formas de preconceito e educar o meu olhar e mudar minhas ações.

Ao falar sobre alteridade, lembro-me de algo que já repeti muitas vezes: “ninguém se faz sozinho”. Penso que, durante o processo formativo de uma pessoa, ela é profundamente influenciada pelas pessoas e modos de viver dos que a cercam. É preciso aceitar a relação de interdependência como fato na sobrevivência humana, dando valor à troca de saberes e vivências que nos ajudam na formação como sujeitos.

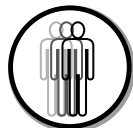
Lembro-me que na minha infância e adolescência, na escola, participei apenas de apresentação de trabalhos, grupo de dança e apresentação de teatro. Eu sempre fui tímida, sempre preferi ouvir mais a falar e participar.

E na igreja da qual faço parte, participei como líder de juvenis local, e representante de juvenis num grupo de cidades. Sentia-me mais à vontade para participar, dar opiniões, mas sempre lutei, e ainda luto, para expor minhas ideias.

Gostaria de vivenciar a escola como um espaço em que as pessoas tivessem possibilidade de dialogar valorizando suas diferenças e culturas.

Enquanto educadora, quero possibilitar às crianças momentos de conhecimento para que elas possam apreciar outras culturas, assimilando valores que também contribuem para seus saberes e formação. Para isso, reconheço que preciso ler muito para aprender a melhor agir na formação das crianças, visando à promoção da igualdade para acabar com toda e qualquer forma de discriminação e racismo.

Roseane





Após realizar essas leituras e observar esses vídeos, concluí que passamos por algumas situações constrangedoras e que acabamos por achar que são “normais”. Nosso ambiente e a correria do dia a dia fazem com que passem despercebidos os problemas que não façam parte de nosso ambiente, e também com que não nos incomodemos com as pessoas que realmente estão envolvidas.

Devemos fazer uma autorreflexão sobre o assunto, para que sintamos e possamos ajudar as pessoas que passam por situações que não correspondam às nossas expectativas.

Na minha opinião todos nós somos preconceituosos, alguns um pouco mais, outros um pouco menos. Eu me considero preconceituosa, não ao extremo, mas quando me deparo com pessoas que (acredito que) possam me prejudicar, não vou deixar entrar em minha casa; fico, por exemplo, com medo da possibilidade de que possam me furtar ou fazer algo à minha família.

Sei que olho de lado ou abaixo a cabeça quando me deparo com uma prostituta. Mas também não faço nada que possa prejudicá-las, só fico na “minha”.

Quanto à questão de nos instrumentalizarmos na luta contra os preconceitos, acredito que estamos falando do preconceito cultural e de gênero, e, quanto a isso, acredito que lido bem com o assunto, pois, por exemplo, tenho amigos que são homossexuais. Em nosso país há uma diversidade grande de culturas. Nosso maior problema é não valorizarmos o que os alunos trazem de fora quando se trata de atos preconceituosos, no sentido de trabalharmos o assunto para que aceitem os diferentes.

Nessa segunda semana de curso ainda estou com dificuldades e com muitas dúvidas. Já pensei até em desistir, mas o tema é muito polêmico e me instiga a continuar tentando. Sei que posso estar realizando as atividades propostas de forma errada, mas vou tentar mais um pouco.

Raiane _____





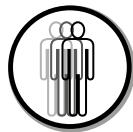
A minha história de vida apresenta um conteúdo que considero diverso, pois fui adotada por uma família com a qual não tinha nenhum grau parental. Morava em uma vila, e cresci em meio a uma confusão de sensações. A questão da adoção foi tranquila em relação ao meio familiar, mas no meio social, amigos e vizinhos usavam um termo que me incomodava muito: “coitadinha”!

O meu pai foi um homem sábio (embora não conhecesse as letras, como ele dizia), e me incentivou a mudar a história da “coitadinha” através dos estudos, e hoje percebo o quanto sua intervenção fez diferença em minha vida.

O olhar de pena das pessoas me angustiou durante muitos anos e resolver esse conflito interno foi um “parto”; só consegui superar a questão do que para mim era diferente após compreender por que estava em tal situação. Acredito que devemos discutir as questões relacionadas ao tema para que as pessoas compreendam seu contexto e possam interferir no resultado que pretendem alcançar.

No percurso da minha história, me questionava sobre o termo “coitadinha” e me comparava a uma professora que era especial, vivia em uma cadeira de rodas, trabalhava e as pessoas a admiravam, não era “coitadinha”. Eu tinha todos os membros e era “coitadinha”, e só depois de adulta compreendi que a questão familiar era o diferente na região, e acreditavam que uma criança fora de um convívio familiar natural era uma coitadinha e precisaria do outro a vida inteira. Na década de 80 e metade dos anos 90, estudar na região onde eu morava era impossível, pois para continuar era preciso mudar para as cidades mais próximas. Decidi seguir em frente e cheguei em São Paulo, onde recomecei a minha luta para continuar estudando e, para minha surpresa, vivenciei novas situações angustiantes, pois não tinha parentes em São Paulo (só a família biológica), tinha 23 anos e fiquei na casa de uma amiga.

Na caminhada para encontrar um trabalho, durante uma semana estive distribuindo currículos, mas nas entrevistas o sotaque entregava que eu era nordestina, me olhavam e diziam que iam analisar o perfil, porém esse olhar demonstrava insegurança. Trabalhei no mercado autônomo por muitos anos, sempre me reportando aos conselhos do meu pai, para mudar minha história superando e desafiando os obstáculos, e mergulhava nas leituras procurando resolver meus conflitos. Todas as meni-





nas com a minha idade escolheram um caminho diferente, constituíram famílias, eu continuei a minha saga de estudar. Isso, além do fato de eu não ter me casado, motivou a volta do: “coitadinha”, não se casou!

Ao refletir sobre o preconceito em mim, posso dizer que vivenciei um momento em que considero ter sido preconceituosa. Conheci uma pessoa com quem me envolvi sentimentalmente, mas quando soube que era um ex-presidiário eu rompi com ele e nem quis saber sua história. Hoje me vejo diariamente procurando melhorar a qualidade do meu trabalho e, através da minha história de vida, inspirar meus alunos a transformar suas vidas pelo envolvimento com a leitura. Ajo sempre com muito cuidado com a questão familiar, validando os sentimentos dos alunos sem confundir sensações que envolvam a autoestima.

Rebeca



Ao refletir sobre diversidade, percebo que não existe o certo ou errado, pois são hábitos adquiridos de outras gerações e podem ser mudados com o decorrer do tempo e a noção do espaço.

Há vários gêneros de música, de alguns eu gosto e outros não aprecio, mas tenho que respeitar o gosto musical das outras pessoas como estas devem respeitar minhas opções. Afinal, isso compõe a diversidade musical.

A comida também entra como uma cultura. Dizem que é normal o feijão preto ser consumido todos os dias no Rio de Janeiro. É como o feijão branco para o paulista.

Quando eu era criança, minha mãe colocava a roupa para lavar. Hoje em dia, se eu comentar isso decerto ninguém saberá do que estou falando, pois nas casas, principalmente na zona urbana, as pessoas possuem máquina de lavar e de secar.

Na educação dos meus filhos não tive o hábito de bater para educar, embora em muitos lares seja costume usar esse método de agressão a um ser tão dependente e indefeso.

Como percebemos, a cultura muda de acordo com seus protagonistas e com a época em que acontece aquele fenômeno cultural. É um movimento constante, não existe verdade imutável, existe verdade flexível, e com o decorrer do tempo ocorrem grandes mudanças.

Quando fui alfabetizada, por volta de 1970, ensinaram-me que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, mas com o passar do tempo percebi que não foi bem assim. O Brasil já estava descoberto, pois os índios já moravam aqui e os portugueses chegaram com essa história e quase houve a aculturação de um povo que há mais de quinhentos anos resiste em prol de sua cultura.

Eu nasci em 1961, a cultura homem /mulher naquele tempo era bem diferente dos dias de hoje. O meu pai trabalhava fora e minha mãe com os afazeres do lar. O casamento era para a vida inteira, mesmo que a convivência fosse grotesca. Diziam: "melhor com ele do que sem ele", era como se fosse uma predestinação.

Na minha adolescência não podíamos ter uma amiga mãe solteira, que era considerada uma pecadora, e não havia a obrigatoriedade do nome do pai constar no registro civil, bastava o nome da mãe. Um verdadeiro ab-





surdo para aquela criança, pois não tinha nem o sobrenome do seu pai, o que gerava um constrangimento terrível por toda a sua existência.

O tema do curso é enriquecedor para minha vida pessoal e profissional. No seu decorrer tenho percebido e vivenciado a diversidade de outra forma, com um olhar diferenciado e mais reflexivo, principalmente no que tange à inclusão. Refletindo sobre o espaço escolar e apurando o olhar sobre as situações diferenciadas, identifiquei a inclusão como está sendo realizada e percebi que a escola insere a inclusão, mas não dá formação aos educadores e equipe. Na sala há 35 alunos, cada um com sua especificidade, portanto o professor precisa desenvolver habilidades e conhecimentos para lidar com todos de forma a acolher todas as diferenças.

Romilda _____



Venho de uma família muito humilde, diversificada por diferentes etnias, credos religiosos e culturais. Meus avós maternos eram uma índia (“bugre”) e um português. Meus avós paternos eram um negro e uma alemã branca de olhos azuis. Meu pai era negro e minha mãe branca. Nasci branca do cabelo sarará (crespo). Era assim que se falava dos meus cabelos, durante toda a minha infância, no interior, mas nunca vi isso como algo ruim. Na minha família todos têm apelidos, falas diversificadas, e somos de todas as cores, formas de cabelos, e aprendemos a nos aceitar e respeitar nas nossas diferenças, principalmente os mais velhos. Até a minha adolescência vi a diversidade cultural apenas nos livros e nunca a relatei com o meu convívio e meio, até me mudar para capital.

Filha de viúva, com inúmeras diferenças linguísticas, foi aí que compreendi o significado de diversidade cultural e preconceito, ou seja, julgar, selecionar e excluir sem ao menos conhecer. Na teoria todos somos diversos e diferentes, mas iguais em direitos e deveres, conforme estabelece a Declaração Universal dos Direitos Humanos, mas está cada dia mais longe a esperança de ser uma convivência da diversidade de modo saudável, respeitoso e justo.

Recentemente, em uma formação do PEA na EMEI Monteiro Lobato, assistimos à entrevista de Daniel Munduruku, “olhar indígena”, que nos possibilitou uma inquietude e ampliação da temática de modo enriquecedor, além de agregar grandes significados e conhecimentos para analisarmos a abordagem da etnia em sala de aula, falando da preservação da identidade e da diversidade da cultura indígena. Confesso que tudo que venho lendo e ouvindo vem contribuindo e muito para mudanças de postura, em minhas futuras abordagens do tema. Vivendo em São Paulo, vejo que as questões étnico-raciais ficam mais evidentes, sendo perpetuada uma cultura extremamente racista e preconceituosa, e que não é restrita apenas aos indígenas e negros, mas a todos os tipos de imigrantes e migrantes. Chega a ser contraditório, visto que a cidade foi construída e se tornou a metrópole que é graças aos migrantes e imigrantes.

Confesso que não acreditava que isso existisse. Mas é real e os mais perseguidos, por incrível que pareça, são os nordestinos. Presenciei centenas de cenas hostis e inacreditáveis, mas é algo que está enraizado a uma cultura elitista, dominante e excludente.





Eu digo que carrego sim, ainda, o preconceito comigo. Ainda me espanto ao ver certos casais gay, ainda considero a relação homofóbica estranha. Mas o meu pensamento vai muito além do que vejo. Me pergunto o porquê da escolha... Principalmente quando os casais não aparentam fisicamente a “forma gay”. Quero dizer, quando nenhum dos pares envolvidos aparenta ser gay. Sei bem que não é uma questão de escolha para eles ser ou não gay, acredito que exista certa tendência genética e/ou psicológica envolvida nesses comportamentos. Mas só me espanto ainda porque há poucos anos não víamos e nem ouvíamos falar dessas pessoas. Não me sinto mal ao lado de pessoas LGBT e as respeito. Somente não estou ainda acostumada a vê-los de mãos dadas ou beijando-se em público, mas tudo é questão de tempo para nos apropriarmos dessa nova cultura.

Invisto muito em minha formação, pois acredito que é através do conhecimento que irei desmitificando assuntos que antes eu não tinha aprendido, por exemplo, sequer tinha ouvido falar nos bancos escolares, qualquer um deles, desde o ensino fundamental até a universidade. Os cursos de pós e extensões me auxiliam a ampliar o meu olhar e a entender algumas questões pelo ponto de vista do outro. Essa mudança do olhar é fundamental para quem trabalha na educação, não podemos acreditar na “história única”, como disse Chimamanda Adichie em seu vídeo na palestra do evento TED Talks.

Interessante parar e perceber que, durante minha vivência na escola (17 anos), nunca tinha me dado conta da imensa diversidade com que trabalhamos todos os dias. O trabalho com os jovens e crianças entre 10 a 14 anos não me deu uma visão tão ampla como a que tenho agora. Trabalhando com jovens a partir de 15 anos e adultos, percebi a imensidão de diferentes que entram na escola. Com os jovens e crianças ainda impomos a cultura que nós consideramos que seja melhor, para nós e, consequentemente, para eles. E como falta ainda experiência de vida a esses nossos alunos, muitas vezes realizamos atividades que os direcionam para o que nós acreditamos como sendo a melhor cultura.

Trabalhando no CIEJA percebi que as pessoas, com suas visões de mundo já construídas na sociedade, voltam à escola com seus perfis definidos conforme suas histórias de vida. Foi aí então que notei a presença dos evangélicos, dos espíritas, dos negros, dos deficientes, dos transse-





xuais, das mulheres que ainda vão à escola escondidas de seus companheiros, dos moradores de rua, dos que moram em albergues, dos que têm problemas com a lei e estão em liberdade assistida, dos alcóolatrás, dos viciados em drogas ilícitas, dos depressivos, dos esquizofrênicos, dos que vieram do Nordeste, os do Sul, os da África, os da Bolívia, os jovens, os adultos e os idosos. A diversidade com certeza não para por aqui, mas no momento é o que consigo me lembrar...

Com toda essa diversidade na escola nosso trabalho é pensado de forma a atender a todos, pois sabemos que os alunos que frequentam o CIEJA já foram excluídos da escola em algum momento de suas vidas. Nosso objetivo é que em nossa escola eles concluam seus estudos no ensino fundamental e prossigam para o ensino médio, resgatando o direito que um dia lhes foi tirado. O direito de aprender, o direito de frequentar a escola, o direito à dignidade, o direito de serem reconhecidos como cidadãos e o direito de pleitearem e defenderem seus direitos, entre outros.

Rosário _____



Até agora, esse curso contribuiu muito para que eu enxergasse quantas pessoas têm pensado sobre os mesmos assuntos, pois no cotidiano da sala de aula sentia-me sozinha, imersa nas tarefas e tentando pensar sobre o *meu fazer* de forma diferente.

Discutir sobre a diversidade cultural trouxe-me à tona uma conversa recente da qual participei sobre os questionamentos realizados sobre aquelas culturas nas quais a mulher não tem seu lugar e em que, muitas vezes, é violentada física e psicologicamente em nome de crenças. Penso nessa incoerência por não dar lugar ao cumprimento dos direitos humanos já adquiridos, e também pela abordagem machista que gera essa inferiorização. Em contrapartida, qual a legitimidade de se produzir juízo de valor denegrindo um jeito de pensar que foi construído sócio-históricamente ao longo de décadas, quiçá séculos? Ainda não consegui chegar num consenso para esse fato.

Convivo diariamente com milhares de culturas brasileiras. Na maioria das unidades educacionais em que estive sempre lecionei para filhos de nordestinos ou do interior de São Paulo, com seus sotaques diferentes e um baú de histórias interessantes para contar.

Lembro-me de duas histórias interessantes que me ocorreram, uma como agente principal e na segunda como coadjuvante.

A primeira delas ocorreu no ingresso da graduação. Paulistana de berço, fui estudar numa cidade interiorana de São Paulo e descobri, conversando com uma moradora da cidade, que as pessoas advindas da metrópole não eram bem-vindas, pois eram más influências devido ao uso de álcool e outras drogas. Achei no primeiro momento que era uma invenção, porém ao longo de cinco anos descobri o quão discriminadas eram as pessoas “de fora”, todas, independentemente de serem da metrópole ou não, evidenciando um pensamento arcaico de uma parte daquela população.

Um outro episódio aconteceu numa escola da cidade de São Paulo, onde na sala de aula foi matriculada uma estudante do interior de São Paulo. Durante um debate sobre um projeto a ser desenvolvido sobre educação no trânsito observei uma conversa acalorada entre ela e um colega, ela tentando explicar o que iria desenhar e ele sem entender nada. Após alguns minutos, interrompi a discussão e perguntei o que havia ocorrido, e o estudante que não entendia perguntou o que era “sinaleiro”.





Expliquei então que em nossa cidade significava semáforo, e que a aluna não estava errada, era apenas um jeito diferente de se expressar!

Na primeira situação pudemos notar um pré-conceito com o “estranho de fora”, que sem ao menos ter a chance de ser conhecido, ou tomado como geral aquilo que é excessão, foi chamado de ruim e inadequado. Na segunda experiência ficou evidenciado como é importante que observemos o contexto de sala de aula para gerar momentos em que a diversidade seja discutida.

Safira _____



Ao analisar o tema proposto, “somos diversos e diferentes, mas iguais”, pela minha experiência posso dizer que desde criança, quando começamos a entender o entorno em nossa realidade, percebemos que as pessoas (com suas características) são muitas vezes cruéis, ficando claras as desigualdades, e na maioria das vezes encontramos em nossa própria família a falta de respeito com as diferenças de culturas. Meus pais são de culturas diferentes, minha mãe pernambucana e meu pai paulista. Casaram-se, porém a discriminação sempre ocorreu, porque pernambucano, para algumas pessoas, era visto como algo vergonhoso. Isso refletia muito nos filhos. Eu e meu irmãos sempre fomos vistos como motivo de chacota, como, por exemplo, ouvirmos: “Olha os baianinhos!” A escola, na época em que estudei, era tradicional e não havia espaço para se falar e pensar. Somente depois, com os novos paradigmas que foram surgindo, houve mudanças de pensamento que me ajudaram a perceber que falar de diversidade cultural significava levar em conta a origem das famílias. Significava poder reconhecer as diferenças entre os referenciais culturais de uma família, seja ela nordestina, paulista, mineira, carioca, etc., onde cada um traz um cabedal de informações rico para se trocar experiências uns com os outros.



Salete _____



A escola foi meu primeiro espaço de convívio com as reais diferenças, pois ingressei em um colégio de freiras somente para meninas e no bairro da Liberdade. Resultado: 90% de crianças orientais! Isso aos 6 anos de idade, quando a observação é bastante acentuada, então percebi logo que a maioria das crianças eram brancas, cabelos que eram inimigos do grampo, pois de tão lisos ele acabava escorregando. Eu e minha irmã conseguíamos contar nos dedos quantas crianças negras existiam nesse colégio, e confesso que não era necessário usar as minhas mãos e as dela, uma só já era suficiente, mesmo em um colégio com mais de 300 crianças. Após alguns anos frequentando essa escola e já estando um pouco maior, uma frase que ouvia há alguns anos me chamou a atenção e começou a fazer sentido, embora talvez não mais o sentido que fazia antes: “Nossa, suas filhas estão sempre limpinhas e os cabelos sempre arrumados!” Essa frase era dita pela diretora do colégio, e após um certo tempo entendi que eu e minha irmã éramos pontos de referência, pois estávamos entre muitas crianças brancas, a maioria de classe média, não era comum ver crianças negras nesse colégio, e as que estudavam lá eram bem arrumadas! E logo percebi que minha mãe fazia questão de nos levar à escola muito bem arrumadas para que não sofrêssemos preconceitos, mesmo que nossos cabelos fossem trançados, pois naquela época os cabelos crespos soltos ou armados não eram bem vistos, e as tranças os deixavam comportados.

Em nada eu me reconhecia naquela escola, e o que eu ouvia em festas a que eu ia ninguém quase conhecia, e as danças então, nem se fale! Parecia que a minha vida fora da escola era algo de outro mundo e um mundo que só pertencia à minha família e aos meus amigos fora da escola. Um certo dia isso caiu como uma bloco em minha cabeça; estávamos eu e minha amiga (também negra) em uma aula de educação física, quando de repente a mestra (como os professores eram chamados) começou a cantar em voz alta no momento em que estava separando os materiais para aula, um samba rock. Eu e minha amiga nos olhamos, demos um largo sorriso e corremos até ela para nos certificar do que estávamos ouvindo e, em um segundo estávamos as duas dançando com a professora.

Pergunto: será que eu gostava dessa professora?! Claro que ela virou a referência do meu mundo dentro da escola, eu contava os dias para ter





sua aula, e a partir daí eu percebi que procurava estabelecer relações com quem fazia parte daquele universo em que eu vivia, e comecei a ter preconceitos contra as pessoas que não pertenciam ao mesmo meio. Eu estava sempre com minha amiga que também era negra e com outras que não eram, mas os assuntos já não eram os mesmos. Porém, procurava sempre ser educada, pois minha mãe me ensinou a respeitar as pessoas e eu respeitava minhas colegas. Meus professores eram todos brancos e chegou um momento em que comecei a me perguntar por que não havia professores negros naquele lugar. Será que nenhum negro era capaz de ser professor em uma escola referência do bairro da Liberdade? Às vezes minha família respondia isso em seus bate-papos: não era em todos os lugares que os negros conseguiam emprego, mesmo que tivessem capacitação para o cargo.

Samara _____



Quanto ao tema sobre a diversidade cultural, percebemos que as manifestações culturais se estendem não só no tempo, mas também no espaço. Cultura se refere à capacidade que os seres humanos têm de dar significado às suas ações e ao mundo que os rodeia.

No Brasil, nos deparamos com uma riqueza cultural extraordinária: 200 povos indígenas falando mais de 180 línguas diferentes. Há mais de 2.200 comunidades remanescentes de quilombos no Brasil, com características geográficas distintas, com diferentes meios de produção e de organização social.

Noções como espaço e tempo também são marcadamente diferenciadas no campo e na cidade, onde a ação de homens e mulheres está presente, interferindo no espaço e carregando-o de significado. A surpresa pode marcar um olhar mais cuidadoso para o interior da nossa própria sociedade: se compararmos o campo com o meio urbano ou as diferentes regiões do país, nos daremos conta das diversidades existentes entre os seus habitantes. Também na cidade encontramos indivíduos de distintas origens.

Em diferentes culturas há festas tradicionais que demarcam a passagem da infância para a adolescência. Geralmente esses ritos apresentam a heterossexualidade como norma, notando-se o machismo até na cultura.

A diversidade cultural é um fenômeno que sempre acompanhou a humanidade. No Brasil há diversas tradições culturais, algumas mais popularizadas e outras pouco conhecidas. Algumas valorizadas e outras pouco respeitadas.

A diversidade brasileira não se esgota com as sociedades indígenas e as comunidades quilombolas. Os movimentos negros há muito nos lembram que a origem da população de afrodescendentes – com seus universos culturais, suas formas de resistência, suas sabedorias e construções de conhecimentos, sua visão de mundo, organização, luta etc. – acaba por definir um universo de referência específico a esses grupos.

Falar da diversidade cultural no Brasil significa levar em conta a origem das famílias e reconhecer as diferenças entre os referenciais culturais de uma família nordestina e de uma família gaúcha, por exemplo. Significa, também, reconhecer que, no interior dessas famílias e na relação de umas com as outras, encontramos indivíduos que não são iguais, que têm





especificidades de gênero, raça/etnia, religião, orientação sexual, valores e outras diferenças definidas a partir de suas histórias pessoais.

Um modo de trabalhar a desnaturalização das desigualdades é ter um olhar transdisciplinar, que, em vez de colocar cada segmento numa caixa isolada, convoca as diferentes ciências, disciplinas e saberes para compreender a correlação entre essas formas de discriminação e construir formas igualmente transdisciplinares de enfrentá-las e de promover a igualdade de direitos a todos e todas.

Samira _____



O curso de extensão Gênero e Diversidade na Escola tem contribuído para alterar o meu modo de ver e perceber determinados fatos, atitudes e comportamentos, como, por exemplo, reconhecer os direitos das minorias (negros, índios, homossexuais, bissexuais, travestis, entre outros).

Através do curso pude perceber que todos somos cidadãos de direitos e deveres e que para que isso possa ocorrer na prática cotidiana devemos enxergar as diferenças como aprendizado e riqueza cultural, sempre valorizando-as e difundindo-as junto aos nossos alunos e comunidade em geral.

Percebi durante o curso que muito se fala em diversidade na escola e na sociedade, porém poucas ações práticas são realizadas e que, para reverter esse quadro de preconceitos e discriminações, devemos realizar projetos que foquem a valorização da diversidade e dos direitos e deveres de todos os cidadãos.

No início do curso tive alguma dificuldade para entender a metodologia e a sequência lógica das atividades, por esse motivo demorei para começar a fazê-las. Espero que agora eu possa prosseguir no curso e fazer as atividades e participar dos fóruns sem dificuldades.

Enfim, para concluir: como a sociedade é dinâmica, muda e se transforma constantemente, nós, como profissionais da educação, somos peça fundamental para que o preconceito e a discriminação sejam reduzidos ou até quem sabe abolidos, para que todos possam conviver em harmonia com as diferenças.

Sebastiana





Início afirmando que, durante todo período de curso, parei para poder refletir sobre alguns temas que costumam passar despercebidos no cotidiano da vida e assim começar a reconstrução de atos e pensamentos que fazem parte da minha formação.

Impossível não relacionar as leituras com minha própria história de vida, tentar reconstruí-la com outra visão e a partir disso começar as mudanças, primeiro dentro de mim mesma, em seguida na minha casa com a minha família e no meu local de trabalho, no caso a escola, onde esses pequenos indivíduos – crianças, podem ir construindo um novo tempo, para formar uma geração que faça a real diferença.

Afirmo que durante esse tempo foi difícil repensar e refazer a todo momento cada situação construída, porque, ao final de cada leitura ou releitura, eu tinha uma visão diferente e queria fazer diferente.

Acredito que isso seja crescimento, aperfeiçoamento. Que bom que ainda podemos aprender através da reflexão para ajudar a rever posturas arraigadas que não ajudam.

Tenho refletido muito sobre o curso Gênero e Diversidade na Escola, por ter sido minha primeira experiência com curso a distância e ainda mais pelas importantes temáticas tão carregadas de preconceitos e tabus nas escolas.

Acredito que o curso despertou em mim temas de reflexão antes muito distantes, mas sem dúvida de extrema importância quando o objetivo é a justiça. Justiça essa necessária na escola onde trabalho, mas também em minhas relações pessoais. Hoje me vejo com opiniões e atitudes mais “adequadas”.

Selene





Durante a elaboração dos diários, na participação da oficina de gênero e diversidades, percebi o quanto evolui em algumas reflexões, e hoje, com os conhecimentos adquiridos, espero lidar melhor com a intolerância, violência e discriminação na escola. Tais conhecimentos levarei para a vida toda.

Em minha infância e juventude nas escolas em que estudei não me recordo de ter desenvolvido práticas protagonistas.

Atualmente, como professora na rede municipal de ensino, tenho um olhar atento ao protagonismo infantil, que é um dos objetivos dos planos pedagógicos nas escolas. Mas, para que o protagonismo ocorra, os educadores devem favorecer e potencializar a participação, a autonomia das crianças, considerando as colocações infantis, negociando seus pontos de vista, garantindo e valorizando suas criações, compreendendo suas formas imaginativas, valorizando suas culturas, bem como inquietações e desigualdades que marcam suas vidas desde a infância. Com essa perspectiva ocorrerão novas e significativas aprendizagens, levando à qualidade da prática educativa.





Ao fazer as leituras e assistir aos vídeos do Eixo Diversidade, muitas lembranças foram pipocando em minha mente, tanto de experiências pessoais quanto profissionais. É comum a todos nós, seres humanos, termos recordações de momentos em que sofremos ou presenciamos discriminações ou preconceitos. Isso simplesmente mostra o quanto ainda precisamos avançar nesses debates, seja no percurso escolar, seja nos espaços midiáticos e sociais.

Destaco nesse eixo a minha estranheza, desde criança, em relação às imagens apresentadas nos livros didáticos. Caminho Suave foi minha cartilha de alfabetização, bem como meu primeiro livro de leitura. As imagens ali difundidas mostravam crianças brancas de perfil europeu. Nos demais livros, ao longo do meu percurso escolar, via crianças com bochechas avermelhadas e cabelos claros, distantes do meu cotidiano. Esta característica dos livros didáticos permaneceu durante muitos anos, e só muito recentemente pudemos ver a diversidade difundida nas ilustrações, bem como textos trazendo tais debates para a sala de aula. Dentro da linha temporal creio que essas mudanças demoraram a surgir, mas devemos aproveitar o que temos em mãos para realizar as pequenas quebras de paradigmas que são possíveis dentro da escola.

Atualmente os educadores possuem autonomia para desenvolver projetos pedagógicos que possibilitem tais discussões através de reflexões mais conscientes, entretanto vemos parte da população, seja de jovens ou adultos, vociferando em defesa de padrões antigos, o que demonstra desconhecimento dos fatos históricos de nosso país, no qual a discriminação ainda recai sobre pessoas que não são da etnia branca. A liberdade de expressão que temos hoje deve ser defendida a começar por nós, educadores, dentro e fora das escolas, mas devem ocorrer paralelamente fóruns e debates sobre a diversidade brasileira.

O PPP é o fio condutor do trabalho pedagógico na escola e nele devem estar inseridos os objetivos maiores para a formação das crianças, jovens e adultos, dentro de uma perspectiva de autonomia e percepção da realidade social e cultural na qual estão inseridos. Entender a diversidade e as violações existentes é fator primordial para promover a educação em gênero e diversidade. A construção do PPP deve contar com a participação de todo segmento da escola, já visando a participação e discussão coletiva. Nessa construção devem aparecer os problemas a serem enfren-





tados com projetos pedagógicos a serem desenvolvidos ao longo de um ano letivo. Assim, o grupo escola da EMEI em que atuo decidiu aprofundar o trabalho a ser realizado em 2016 nessa área a partir de projetos pedagógicos específicos, começando com a cultura indígena no primeiro semestre e cultura africana no segundo. Além destes, todo o percurso pedagógico é voltado à quebra de padrões sociais excludentes. Sabemos que as mudanças não ocorrem de imediato, mas o começo já é um grande passo para revertermos a realidade existente.

O início do curso de especialização Gênero e Diversidade na Escola, no segundo semestre de 2015, veio ao encontro do que eu já ansiava disparar pedagogicamente. A bibliografia do curso, assim como todo material disponibilizado ao longo dos eixos, foram importantes para minha formação pessoal, bem como para que eu pudesse fazer intervenções pedagógicas nos horários de formação.



Durante a minha infância, me recordo que existiam muitas regras e tínhamos pouca autonomia e liberdade de expressão, os professores eram transmissores do conhecimento e os alunos apenas receptores. Não me recordo de discussões sobre qualquer assunto que era abordado em sala de aula, apenas ouvíamos as explicações e depois decorávamos para aplicarmos nas provas. As mudanças começaram a surgir durante a minha adolescência, mas mesmo tendo um pouco mais de autonomia, me recordo que algumas práticas protagonistas eram mais evidentes somente no grêmio da escola. Nessa época já lidávamos com todos os tipos de preconceitos, mas esses assuntos nunca foram abordados em sala de aula e talvez por esse motivo não houvesse uma preocupação por parte dos alunos, pois qualquer tipo de atitude discriminatória era considerada simplesmente como brincadeira de mau gosto.

Atualmente percebo um comportamento bem diferente em relação aos alunos, eles são questionadores e não aceitam qualquer informação como verdade absoluta, além disso, estão sempre lutando pelos seus direitos e muitas vezes se envolvem em confusão em defesa dos colegas. Por outro lado, são muito resistentes às regras e o respeito é algo que parece não fazer parte da realidade deles, por esse motivo alguns se tornam protagonistas de práticas racistas e preconceituosas. Infelizmente tenho presenciado inúmeras situações de desrespeito a funcionários e agressões físicas entre alunos. Sempre procuro fazer alguma intervenção, mas na maioria das vezes esses alunos tratam a situação como algo banal e sem nenhuma importância.



Sofia _____



Você se considera preconceituosa?

Esta é a pergunta geradora das discussões iniciais do encontro presencial do curso Gênero e Diversidade na Escola, e é o questionamento que me faço agora.

Sou sim preconceituosa. E o que me consola e me dá esperanças é perceber que estou em processo de superação desse “mal” enraizado em meus pensamentos e ações.

Aprendi a ser preconceituosa com o mundo que me cercou desde muito cedo. Ora aprendendo o certo e errado na visão da família e da escola, ora sofrendo preconceito de outros que se julgavam também donos da verdade.

Não sou negra porque nasci com a pele clara, mas sou filha de um homem negro. Costumo dizer que esse detalhe me livrou da perversidade da discriminação racial. Mas não houve disfarce que me livrasse do preconceito e da discriminação por ser pobre e favelada. Descobri a face mais perversa desse preconceito quando deixei a escola do bairro para frequentar uma escola na área central da cidade. Cheguei a ouvir de uma professora que meu lugar não era ali. Obviamente, apesar de seu desprezo, sabia que não poderia ser explícita, e resolveu fazer uso de sua posição para deixar seu recado. Diante da turma passou a defender o uso de uniforme escolar como forma de igualar as diferenças que eram nítidas, pois algumas pessoas muito pobres, que mal conseguiam acompanhar as aulas, sentiram-se menos excluídas, já que não compreendiam que ali não era o lugar delas.

Essa foi apenas uma das muitas experiências da minha vida, mas que me marcou profundamente por ter ocorrido no ambiente em que hipoteticamente eu deveria me sentir acolhida. E hoje, como docente, compreendo que todas as pessoas colaboram com a nossa formação e crescimento pessoal. No caso, aprendi por qual caminho eu não deveria seguir.

Vinte anos depois, questões relacionadas a gênero e diversidade tomam forma e causam polêmica por se tratar de uma discussão que tenta romper com certezas enraizadas em diferentes instituições sociais, em especial na família, na igreja e na escola.

É fato que a escola é uma instituição influenciada pela sociedade, por seus modos de pensar e agir. Desde o início da carreira docente observei





e critiquei muito essa forma de perpetuação da ordem social vigente tendo a escola como veículo propagador de ideias e comportamento. Apesar dessa consciência, me escapava o fato de ser “eu” e meus colegas educadores os corresponsáveis diretos por esse ciclo perverso que nunca se encerra e do qual também somos produtos.

E como romper esse ciclo??

Creio que não há mágica ou receitas mirabolantes que exijam de cada um de nós menos que o estudo e a reflexão sobre as nossas próprias práticas sociais, dentro e fora da escola.

Soraia _____



Durante os estudos foi abordada a questão do preconceito, que é um juízo pré-concebido que se manifesta numa atitude discriminatória, perante pessoas, crenças, sentimentos e tendências de comportamento. É uma ideia formada antecipadamente e que não tem fundamento. Em alguns momentos me considero uma pessoa preconceituosa, pois somos de uma geração preconceituosa, e ainda nos assustamos com o que não fomos acostumados a vivenciar. Quase todas as pessoas já presenciaram ou conhecem alguém que tenha passado por uma situação de preconceito, seja ele racial, sexual ou social.

Uma vez presenciei uma situação de preconceito de gênero na escola em uma turma de 4 a 5 anos, em que um menino apresentava, segundo os colegas, gostos e preferências de menina. Foi uma situação difícil, e tive que realizar rodas de conversas e atividades para que os alunos entendessem o que acontecia e tratassem o colega sem preconceito.

Para combater o preconceito, precisamos entender, um pouco, o porquê da sua existência e da sua manutenção, necessitamos compreender alguns motivos que o alimenta, pois somente assim poderemos ser mais eficazes no combate a qualquer postura preconceituosa.





Desde muitos anos, mesmo sem o nome “gênero e diversidade” já trabalhávamos essas diferenças, pois esse é um trabalho gratificante, reflexivo e somativo. Somativo no sentido de estarmos juntos na busca das mudanças e transformações.

É pela busca do justo, do certo que entramos em debates, em conferências e seminários da vida. É através de querer acertar que vamos na busca de respostas, na busca de soluções para resolução de problemas.

Não tenho nenhum tipo de preconceito, e além do mais, precisamos respeitar qualquer tipo de diferença.

Sou branca, meu pai é branco, porém todos os irmãos da parte dele são negros, pois minha avó na época casou-se de novo. Acho essa mistura o máximo, muitas vezes essas diferenças acontecem, porém não comigo.

É isso que trabalho em sala de aula, o que é importante nesse aspecto da cor, amo trabalhar esses temas diversos, o mostrar do outro lado; qual é o nosso papel diante de tudo isso, qual a importância do professor diante de todas essas diferenças e o que ele pode fazer e mudar?

Tenho dois filhos que, através da conscientização, aprenderam a respeitar qualquer tipo de diferença, aprenderam a ser solidários, a respeitar para serem respeitados. É dessa forma que entro em sala de aula todos os dias: aberta às discussões, respeitando as diferenças e mostrando o que somos ao longo de nossos dias.

A América Latina somos todos nós. Por exemplo, não dá para pensar em diversidade se não falarmos em indígenas.

Logo que comecei a dar aula, no ano de 2000, tinha uma sala com 36 alunos, uma série hoje chamada de 2º ano, e logo que entrei na sala de aula descobri que não sabia como alfabetizar. Chorei muito no final daquele dia e expliquei para minha coordenadora que não voltaria mais.

Ali, uma mulher muito bacana, a experiência em forma de pessoa, sentou comigo e me explicou algumas coisas, princípios básicos do que eu poderia fazer. Foi assim que peguei aquilo como um desafio e aqui estou até o dia de hoje.

Na sala onde estava havia muitas crianças negras e mestiças, porém que não aceitavam ser assim. Mas tinha um aluno que me chamou muita atenção, o Willian, que percebi que era muito bom em cálculos, porém o





tempo todo se dizia burro, e explicava que isso se dava por ser negro. Foi quando percebi que esse deveria ser o foco da nossa alfabetização.

Foram várias discussões, e mesmo sendo alunos de 1ª série, caminhamos pelo percurso demonstrando que ser negro não implica ser burro.

E que burro poderia ser qualquer um que não estivesse disposto a mudar. E que se todos mudam então ninguém era burro. Depois de muito trabalhar esse lado, meu Willian se alfabetizou. Fiquei feliz, quando há alguns anos, encontrei o Willian na faculdade.

Susana _____



Esse é o primeiro curso em que tenho possibilidade de vivenciar o que me foi incutido como ideal de educação! Nunca havia sequer escrito uma apresentação de trabalho em primeira pessoa. Confesso que nas primeiras semanas me senti confusa e perdida com a flexibilidade dos prazos, a não linearidade dos conteúdos, as propostas de reflexão e avaliação absolutamente pessoais, considerando e validando minha história de vida e minha prática profissional. Tem sido muito significativo para mim.

Bem, sou fruto de muitas culturas – meus avós, pais do meu pai, eram portugueses. Chegaram ao Brasil na década de 50 (1954, se não me engano), fugidos da ditadura de Salazar, já que meu avô foi líder sindical e sofreu perseguição. O pai da minha mãe era filho de imigrantes italianos (meu bisavô era sapateiro artesão), a mãe da minha mãe era filha de filho de português com uma filha de filha de holandês e índia “pega no laço”, como se dizia antigamente. Sou casada com um negro moreno lindo, filho de nordestinos alagoanos. Resultado: 60% portuguesa, 25% italiana, 7,5% holandesa, 7,5% indígena e 100% brasileira e amante da cultura do meu país.



Entretanto, pensando a respeito do preconceito e relacionando-o com o vídeo (Pre)conceitos e (In)diferenças, me identifiquei com a fala de Georgette Chaves, que diz que “somos preconceituosos porque somos frutos do meio histórico e social em que vivemos, portanto, o primeiro passo para ser preconceituoso é negar o preconceito”, e também quando André Lucas de Oliveira observa que “se você diz que não é preconceituoso, você está certo, e se está certo, não precisa debater nem desconstruir nada”. Assim, posso me definir como “uma preconceituosa em uma busca desesperada para desconstruir o próprio preconceito”.



Pensando em como o preconceito está arraigado em nossa sociedade, lembro de quando comecei a namorar meu atual marido. Fui visitar minha avó e ela, em tom baixo, me perguntou: “Sua mãe disse que o moço que você está namorando é meio ‘moreninho’... É antes das 6 ou depois?”



Fiquei tão surpresa com a pergunta que fiquei muda por uns instantes, ao que ela, percebendo meu espanto, tentou se justificar.



Apesar da habilitação e aprovação em concurso na área de História, a educação infantil sempre foi minha paixão, e trabalho em CEI há 11 anos. Pretendo adquirir conhecimento e jogo de cintura para lidar com questões que aparecem no cotidiano escolar. Um tempo atrás, fiquei sa-





bendo pela mãe de um aluno que usa o cabelo Black Power ou trança nagô que uma aluna tinha dito que o cabelo dele era ridículo. Passei a observar melhor o comportamento dela e notei que nunca se aproximava do colega de turma. Comecei a trabalhar com as leituras dos títulos do “leituraço” do ano passado e a provocar situações para que os dois passassem mais tempo próximos. Devo admitir, no entanto, que me assusta observar esse comportamento em crianças de 3-4 anos. Elogio meu pequeno constantemente e procuro chamar a atenção da menininha sobre como o amigo dela é legal, mas sinto um pouco de angústia por não saber como abordar as famílias.

Susete _____



Esse curso foi muito significativo para mim, pois a partir dele comecei a refletir sobre aspectos que nunca havia considerado antes, principalmente aqueles ligados às relações étnico-raciais e às questões de gênero. Me dei conta de que algumas atitudes e pensamentos que tinha podiam ser sim considerados preconceituosos.

Comecei a perceber como minha família lida com as relações de sexualidade e gênero e também como falas que podem ser consideradas racistas se repetem no cotidiano de meus parentes. Dei-me conta de que a maneira como a homossexualidade é tratada no meu contexto familiar não é aceitável, e que muitos membros da minha família não se aceitam enquanto negros que somos. Além disso, percebi como alguns homens e até mesmo mulheres de minha família lidam com a questão de gênero e como essas relações são malucas.

No meu ambiente de trabalho percebi que não estava lidando de maneira apropriada com muitas situações relacionadas a questões étnico-raciais e sexualidade, e a partir dessa percepção adotei uma mudança de atitude. Notei que muitos de meus alunos fazem comentários referentes ao meu cabelo, que é uma das características comuns a pessoas negras, e que muitas vezes esses comentários partem de alunos também negros. Notei que alunos e professores não lidam bem com questões de gênero e sexualidade, e que os professores escolhem ignorar certas situações para não se envolver ou criar o que eles chamam de “polêmica”, o que nesse caso seria uma conversa sobre relações de gênero, sexualidade e racismo.

Esse curso despertou em mim um olhar crítico em relação a tudo aquilo que está ao meu redor. Sem dúvida irei retomar todas as leituras e vídeos para que possa me aprofundar nesses tópicos, pois percebi o quanto ainda devo evoluir no que diz respeito às temáticas do curso. E, acima de tudo, me dei conta de que, enquanto mulher negra neste país, não tenho me posicionado da maneira que deveria em face de tantas situações com as quais me deparo diariamente. Em função disso iniciei um processo de autoconhecimento e busca de minhas origens além de um aprofundamento nas questões étnico-raciais, pois quero e preciso me apropriar das questões referentes à minha raça.

Taciane

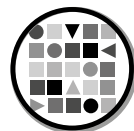




Me considero preconceituosa, pois sentia certa aversão às músicas de funk que os meus alunos ouviam. Hoje procuro fazer várias reflexões sobre esse assunto, entender qual o contexto sócio cultural e econômico que esses alunos vivem, e também procuro apresentar a eles outros estilos musicais para que juntos possamos fazer reflexões sobre o tema.

Minha experiência pessoal com a diversidade cultural foi na escola em que trabalho, onde muitos alunos têm preconceito e tratam uns aos outros com xingamentos de conotação racial. Vendo essas situações e sendo educadora tenho o desafio de dialogar com eles, e tentar substituir as certezas, convicções e interesses individuais por uma efetiva valorização da diversidade. Devemos reconhecer as diferenças e que cada um possui suas especificidades de gênero, etnia, religião, valores, entre outras.

As intervenções se dão por meio de diálogo durante as aulas e também em projetos interdisciplinares realizados na minha unidade educacional; essas intervenções visam à reflexão coletiva acerca do assunto.



Tainá



Comecei a me interessar pelo assunto há cerca de dois anos, quando participei do cineclube gênero e diversidade, promovido pela DRE São Mateus, e desde então já cursei especialização em Gênero e Diversidade na Escola (UFPR) e também já realizei várias formações voltadas para os direitos humanos.

O curso Gênero e Diversidade na Escola ampliou muito os meus horizontes a respeito de tudo o que tenho visto sobre essa temática ao longo de todo esse tempo.

As leituras também me trouxeram um esclarecimento acerca da necessidade da discussão desses temas em sala de aula, a fim de que possamos formar nossos alunos e alunas cidadãos conscientes de suas atitudes, que saibam valorizar as diferenças e aprender com elas, superando preconceitos. E, inclusive, tornando-se agentes multiplicadores e ativos de uma nova história.

Com certeza essas leituras me orientarão, como professora, na elaboração de atividades e projetos que trabalhem questões de ética, gênero e relações étnico-raciais na escola, como, por exemplo, a construção de “cantinhos de interesse” nas salas de aula, onde meninos e meninas poderão brincar livremente, sem a interferência e a escolha “prévia” entre “brincadeiras de menino e brincadeiras de menina”. Também nesse sentido a minha história pessoal se cruza com o tema em questão, pelo fato de ser mulher, negra, pobre, filha de migrantes nordestinos e, mais atualmente, estar “acima do peso”. Sendo professora de educação infantil, uma profissão “estritamente feminina”, também fui e ainda sou alvo de preconceitos, principalmente pelos estereótipos impostos pela mídia a respeito dos “padrões”. Enxergo que meu dever, enquanto professora, é contribuir ativamente para a construção de cidadãos que valorizem o ser humano, a vida, o respeito e a convivência pacífica e democrática.

Acredito que, através da socialização e da problematização, além de maiores leituras e trocas de ideias, poderei aprofundar meus conhecimentos e melhorar minhas práticas.

Talita





Minha família é preconceituosa. Minha avó mesmo relata que casou com meu avô para “limpar a família”. Percebo-me com alguns pré-conceitos. Há algum tempo tento trabalhar isso em meu cotidiano e com meus alunos. Na minha adolescência houve um episódio muito marcante. Em determinada loja recebi um atendimento visivelmente preconceituoso, enquanto minha irmã (tom de pele mais claro) recebeu outro totalmente oposto, pela mesma vendedora. Foi nesse momento que percebi a discriminação de perto. Me reconheci como afrodescendente, e comecei a refletir sobre ações, reações, preconceitos, etc.

Minha experiência com a diversidade cultural começa na própria família. Temos uma diversidade religiosa acentuada (cristãos protestantes, cristão católicos, espíritas e umbandistas). Então tenho contato com várias formas e visões sobre o mundo. Sobre a vida. Acredito que a fé é necessária na vida de todos. E que Deus está acima de tudo, porém em cada lugar Ele é conhecido por um nome. Mas quando a pessoa tem o objetivo de fazer o bem, é por Ele que chama.

A questão da alteridade nos traz muita reflexão e ação. Colocarmos-nos no lugar do outro, conscientes de que não somos o outro, tentar entender seu pensamento, sua linha de raciocínio e sua necessidade exige conhecimento tremendo, primeiramente, de quem sou. Qual é meu papel nesta sociedade? Em que posso contribuir? Por que existo? Por que acordo? Para então poder verdadeiramente enxergar o outro, com respeito, valorizando-o e, de uma forma muito louca e abstrata, tentar me colocar em seu lugar. Essa questão me faz lembrar que na educação infantil e fundamental costumamos fazer uma atividade com as crianças quando vamos trabalhar os sentidos, que consiste em colocar a criança em determinada situação, sem poder contar com determinado sentido (por exemplo, vendar os olhos e ter que descobrir o nome de objetos. Qual é o alimento? Qual amigo/a falou?) Seria mais ou menos isto: EU ter consciência de que tenho determinado sentido, e vivenciar como seria minha vida sem ele, e pensar em ações e atitudes que auxiliem as pessoas que têm essa necessidade.

Tamara





Percebi que em algumas situações, por mais que você não queira ser preconceituosa, acaba sendo. Mas acredito que, na maioria das minhas atitudes, não apresento preconceito. Em algumas situações acredito que tenho que quebrar alguns tabus, mas tenho facilidade em aceitar e conviver com as diferenças, pois minha mãe, sendo psicóloga, sempre teve muitos amigos que mantinham relações homoafetivas me ensinando e me possibilitando vivências para uma cultura de respeito a todas as pessoas.

Ao elaborar o diário sobre minha própria experiência sobre o tema “Se todos somos diversos e diferentes, mas iguais”, percebi que a diversidade cultural sempre me causou certo grau de estranheza, pois tenho minhas próprias concepções, que, em muitos casos, estão de acordo com a ideia padronizada pela sociedade.

Mudar minhas concepções a favor da diversidade não é tarefa fácil. A cada passo dado no curso vejo uma crescente mudança de opinião, acho que meus paradigmas estão se rompendo a favor da diversidade cultural. Nos dias que correm já posso inferir de modo adequado sobre determinadas situações corriqueiras de sala de aula as quais me causavam certa preocupação, por exemplo: tenho uma aluna que gosta de beijar na boca as outras coleguinhas, eu achava isso completamente errado e até chamei a atenção dela, e como não resolveu convoquei a mãe para conversar. Demorou quase um mês para ela comparecer à escola, e logo no início da conversa a mãe começou a chorar e disse que já havia conversado várias vezes com a filha, mas não estava surtindo efeito. Perguntei o que o marido dela achava da situação, e para meu espanto a mãe era separada há quase três anos e morava com outra mulher. Naquele momento tive um pensamento preconceituoso, achando que aquela atitude da mãe era um mau exemplo para a filha, e que aquela situação era o motivo dos comportamentos da menina. Esse fato ocorreu antes do curso, e minha conclusão se baseou no preconceito e na discriminação. Atualmente, porém, eu respeitaria a opção da mãe e tentaria de alguma forma orientá-la a ter os atos de carinho, se possível, em momentos em que a filha não estivesse por perto, pois os carinhos visualizados pela aluna estavam sendo imitados em sala. Hoje já não tenho mais o preconceito arraigado de antes, porém as mudanças são lentas e contínuas.



Tânia



Penso que os diários, com a proposta da reflexão, são de grande valia. Vão além do mero cumprimento de tarefas, com datas e respostas marcadas, esperadas. Esse formato me fez pensar sobre várias situações que enfrento aqui na escola como coordenadora pedagógica e no quanto ainda temos que caminhar com essas temáticas. Trabalho com educação infantil e noto, com bastante clareza, que as práticas que segregam, seja por opção religiosa, seja por gênero, ainda persistem. Porém, o discurso se apoia nos clichês que tão bem conhecemos.

A bibliografia do curso é realmente bacana. Muitos textos, muitos vídeos... Vários deles viraram questão de discussão aqui na escola (trabalho com alguns cursistas aqui na escola) e com isso, problematizamos certas posturas e começamos a empenhar esforços para nos distanciarmos de práticas que reforçam mitos, senso comum, simplesmente porque “sempre foi assim”.

Estou atuando provisoriamente na coordenação pedagógica de uma instituição de educação infantil que atende crianças de 0 a 4 anos. Em reuniões de formação, penso constantemente no quanto a escola tem seu papel minimizado, o quanto, quando nos convém, atribuímos ao outro a responsabilidade de discutirmos tal temática.

Na ocasião da aprovação do Plano Municipal de Educação, há algumas semanas, levei a discussão que surgiu durante a votação para o grupo de professoras (só temos professoras mulheres aqui). O ponto principal (nesse momento, pois o Plano tem muitos outros aspectos para serem tratados, igualmente importantes) era a retirada da palavra gênero do documento que estruturará os objetivos do município para os próximos dez anos na área da educação. Para minha surpresa, percebi o quanto tal temática ainda parece, aos olhos de alguns docentes, um problema externo, algo cuja existência a escola ainda credita à sociedade. Ficou muito claro para mim que as concepções por trás da segregação entre masculino e feminino ainda estão pouco amadurecidas perante os professores, que julgam não perpetuar certos estigmas em torno do papel da mulher e do homem em nossa sociedade.

Quando dizem que dividem filas entre meninos e meninas, creditam à isso uma simples questão organizacional. Quando, penso eu, a organização poderia ser feita com qualquer outro critério. Poderia ser por tipo de peça de roupa, por altura, por preferência das próprias crianças. Enfim.



E quando dizem que as crianças ainda não notam questões de segregação racial, por exemplo, discursam sobre uma criança que ainda não expressa diretamente discursos preconceituosos (o que, de fato, acontece), porém que tampouco vive numa bolha, sem acesso às informações que lhe são prestadas no decorrer da vida.

Telma _____



A primeira aula, que fala sobre a cultura e a diversidade cultural, me fez refletir um pouco sobre a questão de que somos diferentes, não existe ninguém igual a ninguém, cada um tem especificidades de gênero, raça/etnia, religião, orientação sexual, valores etc. Porém somos iguais quanto há igualdade de direitos para exercer a cidadania. Para isso acontecer é preciso que a sociedade rompa com os paradigmas e estereótipos cultivados e reproduzidos ao longo do seu histórico cultural e passe a valorizar o outro, respeitar, reconhecer e conviver com a diversidade.

É preciso entender que esse outro diferente também faz parte de nossa identidade, que somos seus descendentes e que esse outro também sou eu, quando falamos das comunidades indígenas e afrodescendentes.

Na minha experiência pessoal tive problemas na adolescência por ter muitas espinhas no rosto. Sofria *bullying* na escola. Apesar de não ser uma questão de gênero, raça/etnia, religião ou orientação sexual, era uma diferença específica minha e que causava estranhamento em algumas pessoas, levando a apelidos maldosos que interferiam um pouco na minha autoestima na época.

Quando penso na minha experiência profissional acredito que existe sim o preconceito e a discriminação quanto às diferenças biológicas, de gênero, raça/etnia, religião, etc. Mas são as diferenças sociais, divisões de classes entre ricos e pobres, que determinam todas essas exclusões que vemos na sociedade. Isso fica evidente em estudos sobre a evasão escolar, onde a maior porcentagem se concentra em alunos afrodescendentes e pobres.

Teresa _____





Quando criança morava em uma cidade da grande São Paulo, e lá, como em tantas outras cidades do Brasil, existia uma infinidade de crianças que se juntavam durante o dia para brincar. A brincadeira costumava começar logo pela manhã e se estender durante todo o dia. Nos períodos de férias as atividades na rua costumavam se prolongar até a noite.

Entre uma brincadeira e outra os meninos e meninas iam se misturando, ora brincávamos de vôlei, ora de futebol, em outros momentos de queimada, pega-pega, taco, enfim, diversão não faltava. Lembro-me com lucidez que em alguns momentos um adulto dizia a um ou outro menino:

— Rapaz, essa brincadeira é de menina!

Falas como essa tinham um poder destruidor em mim e nos meninos que ali estavam, e tão logo ouvíamos tais comentários, corríamos para realizar uma brincadeira “mais masculina”. Recordo-me de presenciar com certa frequência comentários com teor machista: Brincadeira de menina! Vai jogar futebol! Fala grosso! Lugar de menina é dentro de casa! Não quero minha filha brincando na rua!

Abordagens como as feitas acima ainda hoje são feitas em todos os cantos do Brasil, e são multiplicadas por filhos e filhas que foram criados em ambientes impregnados de machismo, como é o caso da nossa sociedade.

Ao chegar à adolescência ainda pude testemunhar casos de agressões e insultos machistas e homofóbicos que assolavam a escola onde estudava. As questões de gênero, de machismo e preconceito só começaram a ser debatidas já na fase adulta, depois de eu ter participado pela primeira vez de uma palestra que abordava a diversidade étnica e de gênero.

Quando comecei a atuar em escolas passei por situações inusitadas. Comecei a trabalhar em uma escola em que não havia muitos professores negros. Um dia um aluno me perguntou sobre os motivos que me levaram a ser professor. Na hora eu não soube explicar claramente ou deixei de atender às expectativas de um grupo.

Depois de muito pensar pude perceber que, de um jeito ou de outro, eu estava estimulando a autoestima dos alunos negros da escola, uma vez que agora eles tinham um representante em quem se espelhar. Ao perceber esse movimento criei, com a ajuda do grêmio, grupos de danças. O grupo ganhou volume e as discussões sobre diversidade étnica e de gênero passaram a ter destaque dentro da escola. Os alunos passaram a se respeitar muito mais e os trabalhos que valorizam as diversidades ganharam maior destaque.

Ulisses





Hoje, ao debruçar-me sobre o passado tentando resgatar memórias da minha infância, consigo perceber como a diversidade me impactava. Os adultos transmitiam seus preconceitos, incutindo medo nas crianças.

Lembro-me que os ciganos roubavam crianças e que nunca deveríamos nos aproximarmos deles, pois eles tinham poder e hipnotizavam as pessoas e roubavam tudo. Algumas pessoas que gostavam de política eram comunistas: comiam crianças. Normalmente, quando se referiam a pessoas negras, costumavam dizer “negrinha”.

Lembro-me que gostava muito de ver japonesas, achava seus cabelos lindos e morria de inveja (o meu é bem crespo), e tinha um medo danado das pessoas deficientes, algumas deficiências me apavoravam.

Lembro-me também que havia muita discriminação entre católicos e protestantes. Aquela história de que eles (os protestantes) “não eram do mundo” ficava bem confuso em minha cabeça. Eu era católica não praticante e achava estranho os praticantes irem tantas vezes à igreja. Algumas vezes minha mãe deixava eu ir à igreja da vizinha, mas eu achava estranho, apesar de gostar de ir pois tinha muitas crianças. Também estranhava muito os terreiros de umbanda, aqueles rituais, as oferendas nas encruzilhadas. Os batuques, no entanto, me fascinavam ao mesmo tempo em que despertavam medo. E fui crescendo, adquirindo ao longo do tempo inúmeras experiências nesse nosso universo tão cheio de diversidades.

Valdete _____





As leituras e discussões em grupo nos levantam alguns questionamentos sobre o nosso papel, o nosso olhar e como isso se reflete em nosso dia a dia, a importância de nos questionarmos sempre, se as nossas ações são preconceituosas, quais ações tomamos quanto a isso.

Por meio dos diários pude relatar e perceber quantos fatores de discriminação e preconceitos vivenciamos no nosso dia a dia, e que muitas vezes não nos damos conta de sua gravidade e consequências, quando não é respeitada a diferente escolha de opção sexual das pessoas e as excluímos do nosso meio, quando não valorizamos a cultura brasileira, que nos traz um cabedal de riquezas, ou quando menosprezamos a importância da luta das mulheres para atuar em várias áreas profissionais demonstrando sua capacidade de maneira igualitária.

Em meus relatos nos diários relacionados à diversidade cultural, compreendo que falar de diversidade é falar de nós mesmos, das nossas relações com aqueles e aquelas que são diferentes de nós.

Apesar de sermos iguais enquanto seres humanos, somos diferentes em nossas características, peculiaridades e contextos culturais, que devem ser respeitados e enfatizados numa troca rica de experiências. Pena que na maioria dos casos as ações não são justas e nem verdadeiras, vemos muitas vezes dentro de uma mesma família pessoas que se consideram superiores a outras devido à sua nacionalidade ou origem familiar. Vivenciei essa situação entre minha família, de origem nordestina e a família do meu esposo, de origem italiana e espanhola. Para mim foi uma proximidade com outra cultura, com costumes que me fizeram obter novas experiências, porém foi notável o preconceito em relação aos costumes, dialeto e demais contextos da minha família. Para eles o importante seria que o meu esposo tivesse seguido os padrões dos ancestrais familiares e tivesse se casado com uma pessoa de origem italiana, como se a cultura nordestina fosse inferior às outras. É preciso levar em conta os conhecimentos, as trocas ricas de experiências que cada cultura pode passar às demais.

Refletindo sobre os textos e vídeos apresentados na aula de etnocentrismo e estereótipo e preconceito, são ferramentas muito pertinentes para nosso processo de desenvolvimento e para trabalhar junto aos nossos alunos de uma maneira muito ampla, trazendo diferentes épocas de sociedades que reagiram de formas específicas diante do contato com uma cultura diversa da sua. Houve intolerância à religião e as práticas





religiosas afro-brasileiras, por estarem associadas a negros e negras. Além disso, também sofriam profundo preconceito por parte dos setores hegemônicos que se consideravam os donos da razão por deterem o poder, não respeitando as diferenças de outras culturas e nações. A respeito das opções e escolhas sexuais, tratavam desse assunto com crueldade, condenando os diferentes. A imagem da mulher era de um ser inferior, enquanto o homem era um ser superior. Em vista disso tudo, podemos perceber a importância de trabalhar a alteridade, que vem quebrando esses preconceitos e paradigmas pré-estabelecidos, nos mostrando que quando você se relaciona com outras pessoas ou grupos é preciso conhecer a diferença, compreender a diferença, aprendendo com ela e respeitando o indivíduo.

Valentina _____



Gostei muito da definição de cultura apresentada no curso: “se refere à capacidade que os seres humanos têm de dar significado às suas ações e ao mundo que os rodeia”. Para mim foi profunda esta definição, pois ordena-nos fazer nossa cultura, preservá-la e dar-lhe significado, e, conseqüentemente, cumprirmos nosso papel de educadores ao ensinar isso para nossas crianças, jovens e adultos nas escolas.

Sempre tive interesse pelo tema, ainda mais sendo negra e tendo passado pela experiência de ser aluna na rede de ensino discriminatória dos anos 90. Questões como etnocentrismo, estereótipo e preconceito fazem parte da minha história pessoal desde sempre, sendo assim os temas abordados fazem todo sentido.

Consegui aprofundar ainda mais o meu olhar sobre o falar de diversidade, que não pode ser somente nas salas de aula, sendo necessário mergulhar nas raízes do tema. Aprendi que temos que estar atentos a todo momento para não praticarmos a discriminação, e isso pode ocorrer por termos arraigados conceitos que exigem autoreflexão para serem dissipados.

Na educação infantil, onde atuo, são evidentes as diferenças nos tratamentos de gênero. Procuro acabar com brinquedos de meninos e meninas, com cores de meninos e meninas, mas é um trabalho árduo. Quando chego na turma com panelinhas, as meninas vêm todas animadas e os meninos perguntam sobre os brinquedos de meninos. Digo que eles também utilizam esses itens, e que as mulheres dirigem carros, casas, empresas e trabalham para cuidar melhor deles, mas constantemente tenho como retorno olhares de desconfiança e frustração.

Essas relações afetam os ambientes, pois meninos e meninas costumam até se recusar a brincar juntos. Procuro montar brincadeiras de competição com grupos de meninos e meninas, e procuro não fazer filas de meninos e meninas. Sei que estou com um trabalho de formiguinha, mas até então são os meios que utilizo para trabalhar as relações de gênero.

Verônica





Sou de família bem numerosa, ao todo somos sete irmãos, pai e mãe nordestinos de Salvador, Bahia. Muito dessa cultura sempre esteve presente em minha memória de infância. As comidas, as músicas, o sotaque nordestino sempre estiveram presentes em minha casa. Mas paralelo a isso, meus irmãos cresciam e se vestiam a lá John Travolta em seus *Embalos de Sábado à Noite*. Nossa! Era uma enxurrada de cultura americana e nordestina! E como se não bastasse, eu adorava assistir ao filme *Hair*, um ícone da geração hippie, uma tribo que virou lenda ou uma lenda que formou tribo?

Lembro-me também de um tio que esteve a passeio aqui em nossa casa e trouxe berimbaus para ensinar meus irmãos o gingado da capoeira! Fiquei encantada.

O tempo passou, passou, e hoje carrego comigo uma memória cultural bem diversificada, minhas lembranças são muito fortes quando o assunto é música, comidas nordestinas ou linguagens típicas. Tudo isso contribuiu para que eu hoje saiba respeitar e entender que somos todos compostos por uma infinidade de culturas e que está justamente aí a beleza de ser brasileira

Victória _____





O trabalho com as questões de gênero relacionadas às questões étnico-raciais é muito importante para a construção de uma escola e de uma sociedade mais justa. Existe uma dívida histórica em relação ao trabalho com esses temas na escola, um silêncio que apenas perpetua a desigualdade e a discriminação.

Na escola em que trabalho, observo diferentes situações em que ocorrem discriminações étnico-raciais e de gênero. Em minha história pessoal também existem muitos fatos que exemplificam sexismo, racismo e discriminação, biologização e estereotipação por eu ser mulher, não branca e periférica.

Esse curso foi uma possibilidade de eu poder refletir melhor sobre essas questões e ao mesmo tempo poder levar essa discussão para a escola em que trabalho.

Já fui muito discriminada por ser favelada. Hoje, percebo o racismo sendo praticado comigo (e com outras pessoas não brancas) de forma mais sutil, pois há o deslocamento da questão da raça para a de classe social.

Lembro-me de ter trabalhado como vendedora em uma loja de roupas em um shopping de elite na zona sul de São Paulo, e na loja havia três sessões: o setor *basic* de roupas básicas e outros dois, de roupas mais caras, de grife, de luxo, de festa etc. Eu fui mandada para o setor *basic*, enquanto as meninas brancas, loiras, de olhos azuis e verdes, magras, padrão europeu eram enviadas para os outros setores, de roupa de madame. Isso, na época, eu não entendi como racismo. Mas, hoje, sei que sofri racismo e sei também que apesar disso, por eu não ser negra, eu ainda sou mais privilegiada, socialmente, que as pessoas negras.

Na adolescência trabalhei, por três ocasiões, entregando panfleto no farol, e pude sentir o racismo e o classismo: quando eu e minhas amigas nos aproximávamos dos carros para entregar os panfletos, alguns motoristas brancos travavam a porta do carro como se representássemos um perigo a ser evitado, como se fôssemos roubar ou matar, como se a segurança deles estivesse em jogo com a nossa presença incômoda.

Esse curso me ajudou a perceber a importância de não silenciar e de não fingir que não vejo situações de sexismo, racismo, classismo e homofobia na escola. Me fez ter uma melhor noção da minha responsabilidade





e da responsabilidade da escola em formar pessoas mais conscientes e menos preconceituosas.

Os filmes, vídeos e textos foram importantes para a minha formação, e acredito que os módulos deveriam ser mais extensos a fim de possibilitar um aprofundamento dos conteúdos em um curso de maior fôlego, talvez de especialização.

Virgínia _____



Cada povo ou grupo de pessoas possui sua cultura e costumes próprios e, mais do que tolerar as “diferenças” culturais, deve existir respeito, valorização e reconhecimento da importância dessa diversidade cultural.

Quando falamos de preconceito, discriminação e diversidade me intriga usar tantas vezes os termos “diferença” e “diferente” se o que buscamos é exatamente encontrar uma igualdade, um equilíbrio, um respeito entre as “diferenças”. Queremos exatamente que as diferenças não existam!

A respeito da minha experiência em relação à diversidade cultural, posso falar sobre algumas situações que passo devido à minha religião e ao meu grupo de amigos.

Sou cristã protestante, mas em nenhum momento deixo que a minha crença me impeça de criar amizades e conviver com pessoas com culturas e escolhas diferentes, e por isso sofro várias críticas. Algumas pessoas da igreja acreditam que não é correto ou bom ter amigos fora dos “padrões”, tentam me convencer que existe o certo e o errado, fazem o prejulgamento. E, infelizmente, existe a triste ideia de que se eu estou junto sou igual, mas ninguém é igual a ninguém, e eu posso andar com pessoas “diferentes” e isso não muda o que eu acredito, aliás, essas diferenças geram vários assuntos e trocas de experiências produtivas.

Eu tenho amigos gays, céticos, ateus, católicos e de religiões africanas, e nos relacionamos muito bem. Afinal, o que nos leva a ter essa amizade é algo muito maior, temos planos, afinidades, projetos, valores em comum e também pontos de vista diferentes sobre muitos temas. E por mais que existam as diferenças, nós nos respeitamos e cuidamos para não agir de forma preconceituosa ou discriminatória dentro das nossas diferenças.

Wanda _____





Há algum tempo tenho estudado e refletido sobre a temática da diversidade cultural. Sobre essa temática, acredito que só na escola me dei conta das diversidades culturais e das culturas alternativas às informações de massa e comerciais veiculadas pela mídia tradicional. A escola me apresentou outras formas de organização social, cultural e de conhecimento, me mostrou lutas justas anti racismo e sexismo. Talvez a escola tenha falhado no combate à homofobia, mas eu me sinto muito bem encaminhado por essa mesma escola a ser um militante LGBT.

E reforço, foi mesmo na escola que aprendi sobre culturas indígenas, descobri que a África é muito mais diversa do que nosso senso comum quer que seja. Que na América Latina tivemos civilizações que deixaram heranças culturais tão sofisticadas quanto as europeias, que nos são compulsoriamente ensinadas como a norma padrão de cultura e civilização.

As diversidades, questões de gênero e relações desiguais e de poder não podem ser tratadas de forma estanque. É preciso pensar nessas formas de preconceito e desigualdade de maneira interseccional. É aí que precisamos atentar ao racismo. Só na escola me dei conta do racismo no qual vivemos imersos, dos privilégios que pessoas brancas têm a vida toda - independentemente de serem racistas ou não, têm privilégios historicamente construídos pelas relações desiguais de poder entre brancos e negros. Acredito que é preciso ensinar história, mostrar outras artes, outras estéticas para nossas crianças, para que fujam do eurocentrismo e denunciem a violência e a dívida histórica que temos para com os povos africanos e afro-brasileiros. Só assim poderemos sensibilizar nossas crianças para questões raciais.

No Brasil vivemos o “mito da igualdade racial”, desde cedo somos levados a pensar que não existe racismo, que somos todos miscigenados, que todos e todas têm igualdade de oportunidade neste país. Na escola é que essa temática, a do racismo, me foi apresentada. Me lembro bem de me sentir profundamente tocado quando um estudante da 4ª série do ensino fundamental leu um poema de Solano Trindade, *Civilização Branca: Lincharam um homem/ Entre os arranha-céus,/ (Li no jornal)/ Procurei o crime do homem/ O crime não estava no homem/ Estava na cor da sua epiderme*.

Essas poucas palavras, organizadas em versos e poesia, foram suficientes para eu enxergar plenamente o racismo em nossa sociedade e reconhecê-lo em diversas situações cotidianas.





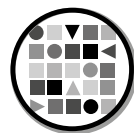
Fazer o memorial me propiciou reorganizar as memórias que tive em minha trajetória de vida, à luz das temáticas abordadas no curso. É interessante perceber como temos muitas opiniões, conhecimentos e até práticas pedagógicas baseadas na temática da diversidade, mas foi pensando em mim enquanto aluno é que consegui perceber de onde vinham as minhas bases e como construí essa consciência e militância. Pude agora, além de revisitar memórias, reorganizá-las e refletir sobre meus percursos de vida. Espero de agora em diante me focar mais na minha prática pedagógica, lembrar, reorganizar e reavaliar como atuo enquanto professor.

Walter _____



A elaboração das atividades de autoavaliação leva à compreensão de que a cada aula vamos ampliando e aprofundando o entendimento da temática apresentada. Porém, precisei reler os textos mais de uma vez para construir conhecimentos, que foram se ressignificando com a escrita das respostas das questões norteadoras de cada aula relacionada ao respectivo módulo.

Na minha memória escolar trago a lembrança de muitos episódios que marcaram minha trajetória na escola, em pleno período da ditadura militar. Um desses episódios ocorreu na primeira série, logo nos primeiros dias de aula. Lembro-me que a professora era muito rígida e tinha uma prática docente pautada num modelo normatizador e hierarquizado, e como aluna iniciante no processo de escolarização, eu ainda não entendia a rigidez das regras, sendo assim adorava passear na sala de aula. Então, a estratégia que eu usava para não ficar muito tempo sentada consistia no seguinte: levantar-me com uma certa frequência para apontar o lápis, pois não conseguia domesticar o meu corpo e ficar sentada por um longo período. Mas naquele dia, além de dar uma voltinha na sala com a desculpa de apontar o meu lápis, me dirigi até a carteira da minha colega e peguei o lápis dela emprestado para que eu pudesse apontá-lo. Foi quando fui surpreendida repentinamente “fora do meu lugar” pela professora, que aproveitou a situação para me passar um enorme sermão a respeito de como eu devia me comportar na sala de aula, enquanto eu tentava me justificar dizendo que só estava de pé para apontar o lápis. Mas não consegui obter clemência, e a finalização da sentença, para meu espanto e constrangimento, era que eu teria que ficar de pé no canto da sala. Foi quando perguntei se poderia ficar sentada, então ela, como uma juíza na sua jurisprudência, respondeu que já que eu era engraçadinha, que eu deveria ficar de costas para a sala e olhando para a parede. Obede-ci. Até hoje não esqueci o sentimento de desolação, de sufocamento, de angústia, que aquele processo de aprisionamento do meu corpo de estudante sofreu, com aquele castigo que me proporcionou uma grande decepção com aquela professora, pois senti vergonha, constrangimento, uma apartação/segregação, uma sensação de não fazer parte da sala, ou seja, a discriminação vivida entre os meus pares na própria sala de aula. Naquela idade eu ainda não sabia como domesticar o meu próprio corpo, que era pura inquietude e movimento e ainda continua sendo.





Atualmente sou professora/coordenadora pedagógica, e há mais de duas décadas venho lutando para que no cotidiano escolar esses processos sejam desconstruídos, pois geram muito sofrimento e falta de reconhecimento da alteridade e da diversidade cultural do/a estudante

Zélia _____